



ALANA MÁXIMO BUSCÁCIO

**CARTOGRAFANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE
EDUCADORES/AS DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE
LAVRAS-MG: O DESÁGUE DAS ARTES A PARTIR DO
145º FÓRUM SUL MINEIRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

**LAVRAS-MG
2021**

ALANA MÁXIMO BUSCÁCIO

**CARTOGRAFANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE
EDUCADORES/AS DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE
LAVRAS-MG: O DESÁGUE DAS ARTES A PARTIR DO
145º FÓRUM SUL MINEIRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional, área de concentração Formação de Professores, para obtenção do título de Mestra.

Dr. Fábio Pinto Gonçalves dos Reis

Orientador

**LAVRAS–MG
2021**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Buscácio, Alana Máximo.

Cartografando Práticas Pedagógicas de Educadores/as da
Educação Infantil de Lavras-MG: : O deságue das artes a partir do
145º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil / Alana Máximo
Buscácio. - 2021.

140 p. : il.

Orientador(a): Fábio Pinto Gonçalves dos Reis.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Lavras, 2021.

Bibliografia.

1. Experiências em/nas Artes. 2. Formação de Professores/as. 3.
Estética. I. Reis, Fábio Pinto Gonçalves dos. II. Título.

ALANA MÁXIMO BUSCÁCIO

**CARTOGRAFANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE EDUCADORES/AS DA
EDUCAÇÃO INFANTIL DE LAVRAS-MG: O DESÁGUE DAS ARTES A
PARTIR DO 145º FÓRUM SUL MINEIRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

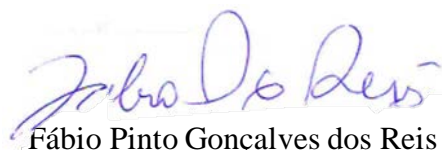
***CARTOGRAFANDO PEDAGOGICAL PRACTICES OF EDUCATORS/ES OF
CHILDHOOD EDUCATION IN LAVRAS-MG: the drain of the arts from the 145th
Minas Gerais Forum of Early Childhood Education***

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional, área de concentração Formação de Professores, para obtenção do título de Mestra.

APROVADA em 18 de maio de 2021.

Dra. Francine de Paulo Martins Lima – UFLA

Dra. Vivian Marina Redi Pontin – SESC Piracicaba



Fábio Pinto Gonçalves dos Reis

Orientador

**LAVRAS-MG
2021**

Todos/as nós somos artistas!
Vivendo em constante construção...
...Sendo a vida nossa grandiosa obra de arte.
Aos artistas da vida!
Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma das mais belas artes da vida! Você já parou para pensar que quando resolvemos agradecer, estamos nos esquivando de um dos vícios mais perigosos dos últimos tempos? Esse vício é conhecido como “autossuficiência”. Nada retira da minha cabeça que para crescermos precisamos de ajuda e, com isso, sigo acreditando que o ato de agradecer está diretamente ligado ao fato de termos consciência que alguém fez a diferença em nossa vida. Como dizia Jean de La BRUYÈRE, “Não há no mundo exagero mais belo que a gratidão”. Sendo assim, minha GRATIDÃO...

A Deus, que com tamanha sabedoria e bondade, colocou em meu caminho verdadeiros ‘Anjos da Guarda’.

Minha base, meu alicerce! Marcus (Pai), Cynthia (Mãe), Iale (Irmão). Gratidão por estarem sempre comigo, pelo amor incondicional, respeito, apoio, paciência e incentivo em todos os momentos da vida.

Agradeço aquela que sempre esteve e está comigo, que compartilha sonhos, que me apoia e me incentiva, que tem toda a paciência para me aturar e ouvir, que me faz acreditar em um mundo melhor, que me aconselha, que me chama a atenção, que me coloca pra pensar, que eu amo e sempre vou amar: Márcia Rufini!

Gratidão incondicional às minhas quatro flores raras: Vó Cely, Vó Vilma, Tia Valnete e Tia Vilgair (in memorian) – meus exemplos de vida.

Com todo o seu valor, agradeço de coração aos meus familiares e amigos/as pelas orações, pensamentos positivos, boas energias e vibrações. Não posso deixar de registrar meus agradecimentos especiais para minha tia Malise que, durante a entrevista do processo de seleção, me tranquilizou, tendo paciência para me ouvir e orientar. À tia Nelli que sempre esteve/está disposta a corrigir e dar suas sugestões para melhoria dos meus trabalhos. O que falar da Aline e Giovanna, que sempre me ajudam, apoiam, incentivam, abrem meus olhos... Sem palavras para agradecer vocês duas. À Priscila e ao Breno que “nos últimos minutos do segundo tempo” me incentivaram a tentar ingressar no mestrado. À Marta que é aquela amiga de todas as horas. À Tatinha com seu olhar atento e suas belíssimas contribuições. Ao Dedê e a Eliza que são meu ‘Remendo’ garantido (Grupo Remendo Musical). Não posso deixar de registrar minha profunda gratidão à Tânia e Edna, que na época do processo seletivo para o Mestrado, eram gestoras nas escolas que eu lecionava e se tornaram grandes amigas e

incentivadoras desse processo. Dentre os/as amigos/as, gostaria de destacar a Marília que, com toda a paciência e competência, brilhou enquanto representante da nossa turma. E é claro, à toda equipe da educação do município de Carrancas-MG, por me incentivarem e apoiarem durante esse período.

Sou grata a todos/as os/as professores/as e demais funcionários/as, bem como aos colegas e amigos/as da Universidade Federal de Lavras pelas trocas de experiências, ensinamentos e aprendizados. Em particular, direciono-me ao Professor Doutor Fábio Pinto Gonçalves dos Reis, que disponibilizou seu tempo, dedicação e conhecimento para me orientar. À banca, nas pessoas das Professoras Dra. Francine de Paulo Martins Lima e Dra. Vivian Marina Redi Pontin, pela leitura atenta e por todas as contribuições que só fizeram somar a este trabalho.

Cláudia Maria Ribeiro, o que falar dessa mulher? Sem palavras para agradecer... Minha eterna gratidão por acreditar em mim, me incentivar e despertar o meu melhor. Seu apoio, parceria e tempo disponibilizado foram de suma importância para o desenrolar de sucesso dessa trajetória.

Agradeço aos integrantes do grupo de estudos FESEX por todos os ensinamentos, aprendizados e trocas.

E por fim, não menos importante, como não agradecer às crianças, os/às educadores/as e demais funcionários/as da Educação do município de Lavras-MG? Além, é claro, de agradecer ao FSMEI, por meio das pessoas que fazem parte do comitê gestor. Pessoas essas que disponibilizam tempo e dedicação para oportunizar momentos tão envolventes e com tantas possibilidades de trocas como estes.

A lista de agradecimentos é enorme, a vontade de continuar agradecendo é maior ainda, mas preciso me contentar em deixar registrada minha profunda gratidão a todas as pessoas que, de alguma maneira, contribuíram para o sucesso e realização desse sonho de me tornar Mestre em Educação. A palavra de ordem é e sempre será GRATIDÃO!

*“A arte é a manifestação de tudo que vemos e vivemos.
Não podemos nos interagir no mundo sem
conviver com algum tipo de representação artística ou
cultural. A começar com a própria natureza que é a mais
significante de todas as artes. A relação entre a arte e a
cultura forma um conceito”.*
(LeandroFlores)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo cartografar o processo de formação dos/as educadores/as do município de Lavras-MG a partir do contexto do 145º Fórum Sul Mineiro da Educação Infantil, cuja temática foi “A Arte no Currículo Referência de Minas Gerais: transformando realidades em possibilidades”. O trabalho justifica-se pela importância de problematizar a formação de educadores/as, assim como as experiências artísticas desenvolvidas com professores/as, monitores/as e crianças da Educação Infantil. Com isso, surgem indagações, questionamentos e curiosidades. Mas afinal, qual o efeito da formação em artes para Educadores/as da Educação Infantil? Quais foram os processos pedagógicos vivenciados para a construção da temática em tela? Houve continuidade nas formações e desenvolvimento de atividades artísticas? Inundados/as com ferramentas da pesquisa qualitativa, optou-se por cartografar todo o processo: as produções artísticas das crianças, a fala de educadores/as e demais participantes por meio de registros realizados em um Diário de Bordo. Uma entrevista semiestruturada, Análise Discursiva e Análise Documental do material constituinte deste FSMEI também foram ferramentas de coleta do material empírico. Todo o material empírico recolhido, foi devidamente transcrito e analisado, junto aos documentos norteadores das ações, visando, principalmente, problematizar e destacar como ocorreu todo o processo de produção e formação continuada desses/as profissionais. Como produto final, destaca-se a criação de um curta-metragem com intenção informativa e de destaque das obras e resultados obtidos a partir do 145º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil.

Palavras Chave: Experiências; Formação; Arte; Estética; Professores/as.

ABSTRACT

In this research has as objective to map the training process of educators (men/women) in the municipality of Lavras–MG. From the context of the 145th Forum of Early Childhood Education from South of Minas Gerais, whose theme was “Art in the Reference Curriculum of Minas Gerais: transforming realities in possibilities”. The work is justified by the importance of problematizing the training of educators (men/women), as well as the artistic experiences developed with teachers (men/women), monitors (men/women) and children of Early Childhood Education. As a result, questions and curiosities arise. But after all, what is the effect of training in arts for Early Childhood Educators (men/women)? What were the pedagogical processes experienced for the construction of the theme on screen? Was there continuity in training and development of artistic activities? We inundated with qualitative research tools, decided to map the entire process: the children's artistic productions, the speech of educators (men/women) and other participants through records made in a Logbook. A semi-structured interview, Discursive Analysis and Documentary Analysis of the material constituting this Forum of Early Childhood Education from South of Minas Gerais also it was tools for collecting the empirical material. All the empirical material collected was duly transcribed and analyzed, together with the documents guiding the actions, aiming mainly to discuss and highlight how the entire production and continuing education process of these professionals (men/women) took place. As a final product, we highlight the creation of a short film with informative intent and highlighting the works and results obtained from the 145th Forum of Early Childhood Education from South of Minas Gerais.

Keywords: Experiences. Formation. Art. Aesthetics. Teachers (men/women).

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1. Auditório do Centro Universitário de Lavras (UNILAVRAS). Início de uma imersão nas atividades e ações do 145º FSMEI.....	35
Fotografia 2. Auditório do UNILAVRAS inundado de participantes para a realização do 145º FSMEI.....	35
Fotografia 3. Crianças, integrantes do ‘Projeto ArtEduca’, surfando com as artes em uma apresentação durante o 145º FSMEI.....	35
Fotografias 4 e 5. Educadores/as, integrantes do ‘Grupo Remendo Musical’, imersos em artes durante o durante o 145º FSMEI.....	36
Fotografia 6. Convite para o 145º FSMEI – um oceano de possibilidades.....	46
Fotografia 7. Cascata de manifestações artísticas representadas em caixas.....	53
Fotografia 8. Enxurrada de representações e manifestações artísticas apresentadas em caixas durante o 145º FSMEI.....	53
Fotografia 9. O incrível mergulho em um mar de possibilidades. Cantando, tocando e se permitindo com a música ‘Bolinho de Fubá’, conduzida pelo Grupo Remendo Musical durante o 145º FSMEI.....	54
Fotografia 10. Mosaico – uma enchente de manifestações, artes, criações e possibilidades com crianças da Educação Infantil.....	55
Fotografia 11. Vamos aprender fazendo? Imersão de educadores e educadoras, com participação ativa, em brincadeiras de lenga-lenga durante o 145º FSMEI.....	56
Fotografia 12. Mesa de quitutes que desaguaram no 145º FSMEI para degustação e apreciação dos/as participantes.....	56
Fotografia 13. Crianças da Educação Infantil mergulhadas na nostalgia do conhecimento em artes musicais.....	58
Fotografia 14. Sem sair do lugar, uma viagem de possibilidades e novas descobertas....	58
Fotografias 15 e 16. Preparação e Apresentação dos/as participantes do ‘Projeto ArtEduca’ – uma chuva de possibilidades artísticas para crianças a partir de 5 anos.....	61
Fotografia 17. Discente da rede municipal de ensino, deficiente visual, que oportunizou um banho de conhecimento, ao recitar uma poesia que aprendeu em LIBRAS.....	64
Fotografia 18. Mosaico de um mergulho intenso e profundo em novas perspectivas em artes.....	66

Fotografia 19. Mosaico das Formações Continuadas - Um temporal de conhecimento, inovação, estudos e possibilidades.....	67
Fotografias 20, 21 e 22. Crianças da Educação Infantil nadando em rios de pura arte e técnicas variadas.....	67
Fotografias 23, 24, 25, 26, 27 e 28. Educadores e Educadoras em uma viagem rizomática que perpassou pelas oficinas temáticas (artes e os cinco sentidos e/ou a falta deles) no 145° FSMEI.....	71
Fotografias 29, 30 e 31. 145° FSMEI transbordando com as diferentes representações e manifestações artísticas.....	73
Fotografia 32. Logo na entrada, um convite para embarcarmos em uma intensa contemplação das artes e do fazer artístico.....	73
Fotografia 33. Ações que reverberaram após o 145° FSMEI.....	74
Fotografia 34. Mosaico de outras ações e manifestações artísticas compartilhadas e que reverberaram após o 145° FSMEI.....	75
Fotografias 35 e 36. Novos caminhos a serem navegados, percorridos e desbravado pelos/as educadores/as.....	76
Fotografia 37. Um intenso mergulho dos/as educadores/as nas águas do conhecimento.....	81
Fotografia 38. Crianças mergulhando em meio as artes e as múltiplas culturas.....	86
Fotografias 39 e 40. Oficinas desenvolvidas junto aos familiares. União entre Escola/CMEI e Famílias. Uma bússola de oportunidades.....	90
Fotografia 41. Breve chuvisco de algumas das releituras realizadas pelas crianças e expostas no 145° FSMEI.....	122
Fotografia 42. O chuvisco persistiu e foi se tornando cada vez mais imponente nesse Fórum.....	123
Fotografias 43, 44 e 45. O chuvisco acabou se transformando em uma tempestade de manifestações artísticas.....	123 e 124
Fotografia 46. Releitura da obra “Bumba meu boi” – Vanessa Lima.....	125
Fotografia 47. Releituras da obra “Bumba Meu Boi” – Rodrigues Lessa.....	125
Fotografia 48. Modelo I de Releitura da obra “Barco com Bandeirinhas e Pássaros” - Alfredo Volpi.....	126
Fotografia 49. Modelo II de Releitura da obra “Barco com Bandeirinhas e Pássaros” - Alfredo Volpi.....	126

Fotografias 50 e 51. Modelo III e IV de Releitura da obra “Barco com Bandeirinhas e Pássaros” - Alfredo Volpi.....	126
Fotografia 52. Releitura da obra “Bandeirinhas” - Alfredo Volpi.....	126
Fotografia 53. Releitura da obra “Bandeiras e Mastros” – Alfredo Volpi.....	126
Fotografia 54. Releitura da obra “Grande Fachada Festiva” - Alfredo Volpi.....	127
Fotografia 55. Releitura da obra “Galo, Galinha e Pintinhos” - Benedito De Andrade..	127
Fotografias 56 e 57. Releituras distintas da “O Vendedor de Frutas” – Tarsila Do Amaral.....	128
Fotografias 58. Releitura da obra “Aviões de Papel” – Ivan Cruz.....	128
Fotografia 59. Releitura da obra “Fazendinha” – Alice Maciero.....	128
Fotografia 60. Releitura da obra “Sítio” – Nerival Rodrigues.....	129
Fotografias 61. Releitura da obra “A Grande Quadrilha” – Lourdes De Deus.....	129
Fotografias 62. Releitura da obra “Galo Amarelo, Vermelho e Azul na Grama” – Gustavo Rosa.....	129

LISTA DE OBRAS

ARTISTAS E O “MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO”	91
Obra 1. “Bumba meu boi” - Vanessa Lima.....	125
Obra 2. “Bumba Meu Boi” – Rodrigues Lessa.....	125
Obra 3. “Barco com Bandeirinhas e Pássaros” - Alfredo Volpi.....	126
Obra 4. “Bandeirinhas” - Alfredo Volpi.....	126
Obra 5 “Bandeiras e Mastros” – Alfredo Volpi.....	126
Obra 6. “Grande Fachada Festiva” - Alfredo Volpi.....	127
Obra 7. “Galo, Galinha e Pintinhos” - Benedito De Andrade.....	127
Obra 8. “O Vendedor de Frutas” – Tarsila Do Amaral.....	128
Obra 9. “Aviões de Papel” – Ivan Cruz.....	128
Obra 10. “Fazendinha” – Alice Maciero.....	128
Obra 11. “Sítio” – Nerival Rodrigues.....	129
Obra 12. “A Grande Quadrilha” – Lourdes De Deus.....	129
Obra 13. “Galo Amarelo, Vermelho e Azul na Grama” – Gustavo Rosa.....	129

SUMÁRIO

1. Considerações Iniciais: “Era uma vez...”	16
2. Organização da Rota Metodológica	22
3. A bússola e seus pontos cardeais	28
3.1 “NORTEando” as ARTES: busca por uma definição conceitual	28
3.2 No SUL de Minas Gerais... O FÓRUM!	33
3.2.1 Ainda ao SUL: uma parada no 145° FSMEI	34
3.3 Ao LESTE a EDUCAÇÃO INFANTIL	36
3.4 Assim como OESTE, as FORMAÇÕES de/para educadores e educadoras	38
4. Cartografando: o tracejamento das linhas para o 145° FSMEI	44
5. Formação Continuada: Multiplicidades Rizomáticas	50
6. Tsunami dos/as artistas na Educação Infantil	83
7. Artistagem... De quem, pra quem, com quem: Crianças como protagonistas das/nas Artes	119
Considerações Finais: “Ponto de chegada...Mas também de possíveis partidas!”	130
Referências	133

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS: ERA UMA VEZ...

Pode-se considerar como uma tradição o fato de algumas pessoas dizerem “ser clichê” que uma história começa com a frase “era uma vez”, mas independente disso, todos e todas nós já utilizamos essa estratégia em algum momento das nossas vidas. Segundo Abramovich (1993), esse conjunto de palavras serve como um convite para uma janela mágica a fim de vivermos um universo imaginário, de alegrias, tristezas e sonhos. Sendo assim, com intuito de iniciar e contar como tudo começou em relação a essa pesquisa, apresento-lhes uma pequena parte desse vasto oceano¹ de trajetórias, vivências e experiências.

‘Era uma vez’ uma pequena/grande artista da vida! Cantora de banheiro, menina feliz, educadora e eterna aprendiz. Uma pessoa apaixonada pelas coisas simples e complexas do mundo. Adoradora dos dias e noites singelas, das pessoas e lembranças recheadas de saberes.

Sou grata e costumo dizer que “escolhi” bem minha família. Nasci em meio a grandes artistas, sempre tendo contato com as mais variadas e belas manifestações culturais que a vida felizmente me presenteou e ofereceu. Tornei-me grande apreciadora, admiradora e amante das artes, constituindo uma verdadeira paixão, encantamento e admiração pelo cinema e, em especial, pelo teatro. Com a música encontro-me em uma eterna mistura de poder e sedução, já na dança coloco o meu corpo em ação, ao passo que com a fotografia encontro o momento para a reflexão e, ainda, com as artes plásticas que afloram grande satisfação. Mas o que falar sobre o ato de contar histórias? Minha companheira de mundão! E é claro que não pode faltar a encantadora educação, uma ferramenta indispensável em toda e qualquer criação.

Esses destaques enfatizam que, além de professora, também sou contadora de histórias. Grande sonhadora, aventureira, uma menina/mulher, que com meu mundo mágico busco conquistar e auxiliar crianças, adolescentes, jovens e adultos, sendo amiga, companheira, para o que der e vier. Amo ler, mas me considero muito mais ‘prosa’ do que poesia. E assim vou seguindo!

Antes mesmo de iniciar a graduação em pedagogia, já trabalhava como estagiária voluntária em uma instituição de ensino. Lá aprendi muito e sempre procurei atuar com

¹Cf. Museu Imaginário das Águas, Gênero e Sexualidade. Acessar em: <http://imaginariodasaguas.com.br>
A simbologia das águas inundará a escrita desta pesquisa inspirada na produção de conhecimento da Profa. Cláudia Maria Ribeiro.

o campo das artes, atentando-me ao brincar, às performances e atuações que, de alguma maneira, pudessem despertar maior interesse e envolvimento das crianças em questão. Ao tentar contabilizar a minha trajetória como profissional da educação, em especial, como Contadora de Histórias, posso somar hoje aproximadamente 15 anos de atuação. Existe muito amor por tudo que faço, principalmente quando falo sobre a “menina dos meus olhos”, a Educação Infantil.

Por ser amante das artes, uma das opções ao concluir o terceiro ano do Ensino Médio, foi cursar Artes Cênicas. Mas que momento delicado e bastante decisivo! Momento esse que envolveu muitos questionamentos, muitas dúvidas e opiniões diversas de minha parte, pois, na realidade estava realizando uma escolha que definiria meu projeto de vida-profissional. O que pesou em relação à decisão acerca das Artes Cênicas, foi o fato dessa prática estética ter feito diferença em minha vida ao ser diagnosticada com dislexia², em razão de me oportunizar a descoberta de novas habilidades e saberes antes desconhecidos. Contudo, a minha opção primeira de vestibular foi pelo curso de Pedagogia, pois, assim, poderia agregar não apenas a experiência com as Artes Cênicas, mas também com o universo das Artes de maneira geral.

Assim, ingressei no Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS, concluindo minha graduação em Pedagogia no final do ano de 2009, com a monografia intitulada “A importância de contar história para crianças da educação infantil: um olhar diferenciado”. A construção desse material acabou por me introduzir, mesmo que inicialmente, no seguinte referencial teórico: Abramovich (1993); Bettelheim (2003); Castro (2008); Cunha (2005); Oliveira e Spindola (2008); Betty Coelho (2006); Novais Coelho (2000); Goulart (2005); Junqueira Filho (2005); Matos e Sorsy (2005); Mellon (2006); Ramos (2009).

Já durante o ano de 2013 realizei o curso de Aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal de Lavras – UFLA e, logo em 2015, nessa mesma instituição, finalizei a Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. Para tanto, desenvolvi a pesquisa cujo título foi “Problematizações da fala de crianças da educação infantil sobre o beijo”, com base em aportes teórico-metodológicos, tais como:

² Dislexia é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. (Definição adotada pela IDA – International Dyslexia Association, em 2002. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>>. Acesso em: 17/07/2019.

Augras (1989); Bondía (2002); Canteli (2015); Caraballo (2015); Castro (2014); Maia (2012); Maturano (2009); Mendes (2014); Mendonça (2011); Pacievitch (2015); Quixabeira (2011); Ribeiro (2012). Em ambos estudos desenvolvidos, procurei utilizar a contação de histórias como mote do trabalho com crianças da Educação Infantil, problematizando materiais diversos.

Simultaneamente a esse processo formativo, ainda atuei como apoiadora pedagógica³, professora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, trabalhando também com a área de música, teatro e artes plásticas em escolas particulares. Logo depois, do ano de 2013 a 2018, dediquei-me a trabalhar nos diversos contextos pedagógicos das instituições e dos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) situados no município de Lavras-MG.

Durante o ano de 2018 investi mais em meus estudos e consegui passar no concurso público do município de Carrancas-MG, onde leciono atualmente. Depois disso ingressei no Mestrado em Educação da Universidade Federal de Lavras, sendo que estou matriculada na linha de pesquisa Formação de Professores, Práticas e Inovações Pedagógicas. Ao ingressar no programa, apresentei um pré-projeto com a intenção de abordar, por intermédio da contação de histórias, temáticas consideradas socialmente sensíveis e desafiadoras (gênero, sexualidade, racismo, dentre outras) para serem discutidas com crianças na Educação Infantil.

Em contrapartida, por ser atuante no Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil - FSMEI⁴ e ter a oportunidade de participar de alguns desses encontros, o meu desejo de pesquisa foi tomando outra direção, outro foco. Mas por qual motivo? Antes de chegar ao ponto fulcral, cabe destacar que esse Fórum existe desde 1999, constituindo-se como espaço suprapartidário articulado por diversas instituições, órgãos e entidades comprometidas “com a expansão e melhoria da Educação Infantil em Minas Gerais. O Fórum tem como objetivo principal a criação de uma instância de discussão, mobilização

³ Apoio Pedagógico tem como objetivo a instrumentalização do/a aluno/a para o aprender (Artigo escrito por Analú Sant’Ana Lopes do Amaral e publicado em agosto de 2015). Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-poliedro/32/>>. Acesso em: 17/07/2019.

⁴ FSMEI é um movimento social que iniciou sua trajetória no ano de 1999 constituindo-se em projeto de extensão do Departamento de Educação/UFLA até o ano de 2018. Desta data até 2020, projeto de extensão e pesquisa do Departamento de Educação Física e atualmente o FSMEI está vinculado ao Departamento de Educação. Os encontros eram realizados mensalmente de maneira itinerante, contando com a organização das cidades envolvidas, das quais abordam temáticas a serem discutidas mediante as políticas públicas para que ocorra a melhoria da qualidade de ensino voltada para crianças da Educação Infantil. Atualmente os encontros são virtuais por causa da pandemia de Covid-19. Destaca-se que este “é um espaço suprapartidário articulado por diversas instituições, órgãos e entidades”. Carta de Princípios Disponível em: <http://www.ded.ufla.br/forumsulmineiroinfantil/index.php/carta_principios/>. Acesso em: 17/07/2019.

e divulgação das políticas públicas para a Educação Infantil no Estado” (CARTA DE PRINCÍPIOS, 2019, s.p.). Ou seja, o Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil é um espaço comprometido com o fomento de ideias e discussões que possibilitem possíveis melhorias e impulsionem a qualidade do ensino voltado às “crianças de 0 a 5 anos e 11 meses de idade”⁵.

Dentre as minhas várias participações, foi durante o 141º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil, sediado pelo município de Nepomuceno-MG, em 2019, que o meu objeto de investigação começou a ser delineado. Esse encontro teve como objetivo decidir quais as cidades participantes iriam sediar os próximos eventos e os temas possíveis a serem abordados. Os/as responsáveis pelo município de Lavras-MG, na figura da professora Cláudia Maria Ribeiro⁶ e outras, optaram por realizar o referido Fórum no mês de junho, tendo como foco a questão das Artes. Tempos depois, recebi o convite para a participação efetiva nesse encontro, sendo convidada a apresentar-me artisticamente junto ao grupo/banda “Remendo Musical”⁷, o que me empolgou ainda mais.

A temática do 145º Fórum foi fechada a partir do recorte “A Arte no Currículo Referência de Minas Gerais: transformando realidades em possibilidades”. No dia do evento, ao chegar no local fui surpreendida com uma pluralidade de produções e expressões artísticas envolvendo as instituições que se dedicam a Educação Infantil do município. Quantos detalhes, quanta riqueza, expressividade, harmonia, um mar para a contemplação daqueles/as participantes envolvidos/as em tal encontro. Adentrando ao espaço, continuei imersa em meio a tantas obras, atividades e manifestações. Em razão dessas observações, encantamentos e comentários, surgiu a ideia de saber mais sobre esse ‘desaguar’ de processos formativos e experiências docentes ocorridas no decorrer da construção e realização do 145º FSMEI. O que foi planejado, como, quando, quem se

⁵ Segundo o documento BNCC – Base Nacional Comum Curricular, a Educação Infantil é subdividida em grupos por faixa etária sendo o atendimento voltado para crianças com idade entre 0 a 1 ano e 6 meses (consideradas como bebês), entre 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses (intituladas como crianças bem pequenas) e entre 4 anos e 5 anos e 11 meses (crianças pequenas). Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil/os-objetivos-de-aprendizagem-e-desenvolvimento-para-a-educacao-infantil>>. Acesso em: 17/07/2019.

⁶ Professora aposentada do Departamento de Educação da UFLA e coordenadora do Comitê Gestor do FSMEI;

⁷ O Remendo Musical surgiu no ano de 2017 com intuito de homenagear professores e professoras do Município de Lavras/MG mostrando que é possível fazer a diferença através das artes. Os idealizadores costumam se apresentar dizendo: “Quem somos? Somos professores, contadores de histórias, músicos, artistas, um grupo, uma banda, uma equipe, uma família... Um REMENDO! O que fazemos? Ensinamos, aprendemos, criamos, apresentamos, contamos histórias, cantamos, tocamos, brincamos, trabalhamos, nos divertimos... REMENDAMOS!”

envolveu, quais foram os desafios e os aspectos vivenciados? Ou seja, como as Artes desaguaram no Fórum Sul Mineiro?

Mais do que todas essas ações de planejamento, formação continuada e desenvolvimento profissional envolvendo o respectivo Fórum, fiquei curiosa em investigar quais foram os efeitos produzidos por esse processo formativo no que diz respeito às atividades com artes na Educação Infantil no município de Lavras-MG.

É importante destacar ainda que essa atitude investigativa se alinhava ao projeto de pesquisa do professor Fábio Pinto Gonçalves dos Reis, meu orientador, cujo título é “Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil: interfaces entre pesquisa e extensão” aprovado e registrado (PVDEF187-2019) pelas instâncias superiores da Universidade Federal de Lavras. Assim, de forma mais sistemática, surgiu a **pergunta inicial de pesquisa**: quais foram os processos de formação continuada de educadores e educadoras da Educação Infantil envolvendo a temática das artes, decorrentes do 145º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil?

Para responder a essa pergunta foram traçados os seguintes **objetivos - (geral)**: cartografar o processo de formação dos/as educadores/as do município de Lavras/MG a partir do contexto do 145º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil, oportunizando maior visibilidade às realidades, desafios e vivências naquele contexto; **(específicos)**: contextualizar a ideia dos Fóruns Sul Mineiro de Educação Infantil; pesquisar e apresentar como ocorreu o processo de formação continuada em artes nesse FSMEI; mapear, interpretar e perscrutar o material produzido em torno desse processo com as crianças.

No entanto, é necessário compreender aspectos, tais como: a formação do/a educador/a da Educação Infantil; arte e educação; arte no processo de formação dos/as educadores/as. Apoiei-me nos seguintes referenciais teóricos: Aries (1978); Barbieri (2012); Barbosa (2010); Camilo [et al.] (2015); Corazza (2002); Deleuze e Guattari (1995/1996/1997); Garcia (1999); Guattari (2012); Kochhann [et al.] (2015); Louro (2008); Nóvoa (1992); Oliveira (2012); Ribeiro (1996/2016/2019); Rosset [et al.] (2017); Vygotsky (1987), dentre outros e outras.

Justifica-se a relevância dessa pesquisa, uma vez que busca compreender como a experiência formativa dos/as educadores/as foi constituída a partir da criação do 145º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil. Para além disso, destaca-se que o Fórum é considerado como um espaço socializador de práticas docentes exitosas de apoio aos/as professores/as em atuação na educação básica, levando à valorização da profissão na Educação Infantil.

Dito isso, convido vocês a embarcarem nessa longa viagem rumo a uma profunda “Imersão no Deságue das Artes no 145º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil”. A ideia de viagem, nas palavras de Guacira Lopes Louro (2008), significa:

[Quero] recorrer à ideia de viagem para construir minha argumentação. No entanto, para que possa desenvolver a lógica que pretendo, é preciso abandonar qualquer pressuposto de um sujeito unificado, que vá se desenvolvendo de modo linear e progressivo, na medida em que, pouco a pouco, em etapas sucessivas, supere obstáculos, interioriza conhecimentos e entra em contato com pessoas ou leituras. [...] A imagem da viagem me serve, na medida em que a ela se agregam ideias de deslocamento, desenraizamento, trânsito. [...] Uma viagem é definida, no dicionário, como um deslocamento entre lugares relativamente distantes e, em geral, supõe-se que tal distância se refira ao espaço, eventualmente ao tempo (p. 13-14).

A perspectiva da viagem ocorre com a intenção de refletir não apenas sobre os percursos e trajetórias enfrentadas para chegar até o destino esperado - o 145º FSMEI, mas também pensar nos encontros, desencontros, desafios e descobertas resultantes do próprio evento.

Com a intenção de continuar seguindo uma rota, rumo a essa viagem, inundar-me-ei com ferramentas da pesquisa qualitativa, cartografando⁸ as práticas pedagógicas envolvendo o campo das artes realizadas por professores/as junto às crianças da Educação Infantil, imergindo em um vasto “oceano de histórias”. Dessa maneira, apresento-lhes como hipótese (mesmo sabendo que em uma pesquisa qualitativa ela é reelaborada a todo momento) que a formação em artes para educadores e educadoras da Educação Infantil por meio do FSMEI foi um processo relevante, dada a oportunidade de reflexão, construção, problematização e profissionalização. Destaca-se ainda que os ambientes colaborativos estimulados pelos encontros, figuram como espaços de troca, interação e consolidação das subjetividades⁹.

⁸ Cartografia utiliza-se de estratégias metodológicas em uma pesquisa que vão se construindo na relação com o próprio objeto, de forma processual. Dessa maneira é possível investigar não apenas o objeto da pesquisa, mas todo o processo. Retirado do Artigo de Lisiane Machado AGUIAR da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS - 2010. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4047519/mod_resource/content/0/Deleuze%20e%20o%20me%20CC%81todo%202.pdf>. Acesso em: 17/07/2019.

⁹ Foucault é conduzido a uma história das práticas nas quais o sujeito aparece não como instância de fundação, mas como efeito de uma constituição. Os modos de subjetivação são, precisamente, as práticas de constituição do sujeito (CASTRO, 2009, p. 408)

2. ORGANIZAÇÃO DA ROTA METODOLÓGICA

Optar por encaminhar a pesquisa por intermédio das teorizações pós-críticas possibilitou-me uma aventura recheada de descobertas e reflexões, com muitas dúvidas sim, mas também subsidiada por uma curiosidade epistêmica em buscar desvelar parte dessa experiência docente-artista. Nessa direção, Costa (apud. CARDOSO; PARAÍSO, 2013, p. 275) afirma que não importa o método “que utilizamos para chegar ao conhecimento; o que de fato faz diferença são as interrogações que podem ser formuladas”, afinal não teríamos como justificar uma pesquisa se não houvessem tais questionamentos, que são reformulados do começo ao fim.

Para o desenvolvimento desse estudo, optou-se por uma abordagem qualitativa que, de acordo com Flick (2009), corresponde ao “estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida”, ou seja, é uma pesquisa que agrupa diferentes estratégias de investigação. Estratégias essas que acabam produzindo informações descritivas em relação às pessoas, conversas, lugares, acontecimentos, que devem ser posteriormente interpretadas em confronto com os referenciais teóricos. Bogdan e Biklen (1994) complementam dizendo que as características de uma investigação qualitativa implicam na imersão do/a pesquisador/a no campo de estudo, na busca de produção do material empírico.

Diante do direcionamento voltado à pesquisa qualitativa e pensando nos referenciais pós-críticos em educação, utilizou-se do método cartográfico. Conforme Richter e Oliveira (2017), esse método de pesquisa surgiu com os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, sendo o primeiro material publicado em 1995, quando ambos resolveram trazer o conceito de cartografia, que apresenta sua origem na geografia, para outros campos de conhecimento. As autoras acrescentam que essa proposta metodológica visa analisar as representações cartográficas produzidas no decorrer de processos epistêmicos e investigativos. Sobre o mote, Oliveira e Paraíso (2012) sublinham que:

[...] no traçado de um mapa, como em toda geografia, uma cartografia precisa dar conta da constituição de paisagem; dar, pois, conta da *longitude* e da *latitude* (Deleuze; Guattari, 1997c). Do lado da longitude, um território já é um composto de partes, de espaços desconexos, que cabe à cartografia desenhar – do que é composto um território de investigação? Que linhas compõem um currículo, uma prática docente, uma metodologia de ensino, uma sala de aula, uma escola? Do lado da latitude, um território é somente medido em termos de

potência e graus de afecção (Deleuze; Guattari, 1997c). Do que é capaz um território de investigação? O que pode um currículo, uma aula, uma escola, uma prática escolar? Que potência pode ser aí gerada? Seu pensamento pode levar uma vida? Pode uma pesquisa em educação transbordar? Crescer e inundar a vida de sentidos outros? Fazer com que as coisas percam sua fisionomia e adquiram a consistência de uma vida ou de uma obra? Ou, mesmo, de quem simplesmente solta os pés da terra e dança? A potência da cartografia não é apenas fazer da pesquisa partitura das linhas, dança e coreografia dos movimentos. Ela é coreógrafa do movimento das linhas e dos traços, como *uma pesquisa-bailarina*, que transforma a estética do movimento da vida em educação em pura intensidade (p. 168).

Como se pode perceber, tal conceito é utilizado no mapeamento de todos os caminhos da pesquisa que, no nosso caso, envolvem as produções artísticas das crianças, a atuação dos/as profissionais da Educação Infantil do Município de Lavras/MG, além da apresentação e problematização dos livros estudados para subsidiar o planejamento e execução do 145º FSMEI.

Mergulhando na metáfora das águas, conforme proposto para a escrita desta dissertação, concordo com Oliveira (apud MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 279), que problematiza a cartografia como método de pesquisa em educação e diz que: “pesquisar talvez seja mesmo ir por dentro da chuva, pelo meio de um oceano, sem guarda-chuva, sem barco [...] Pesquisar é experimentar, arriscar-se, deixar-se perder”. Desta simbologia das águas é que impregno esta escrita. A chuva é o “agente fecundador do solo, o qual obtém a sua fertilidade dela” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 235). O oceano ou mar são “símbolos da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos nascimentos” (Idem, p. 592). Águas em movimento. Assim, a cartografia como método de pesquisa em educação possibilitou encharcar de “vida que pulsa e não para de movimentar-se nos territórios educacionais” (OLIVEIRA apud MEYER; PARAÍSO, 2012).

O movimento deu-se no município de Lavras/MG, onde existem um total de dezesseis CMEIs e dezoito escolas, sendo que, dezessete dessas instituições (escolas) atendem a etapa referente à Educação Infantil. Ou seja, isso equivale a dizer que trinta e três instituições de ensino foram convidadas a se envolver e participar da pesquisa. Diante desses números, fizemos um convite aos/as interessados/as em colaborar, que enviassem um e-mail relatando a experiência da participação no 145º FSMEI.

Surfando pela simbologia das águas afirmo com Oliveira (apud MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 283) que a pesquisa desenvolvida “navega na embriaguez do movimento pela sua própria mudança. Partir. Sair. Deixar-se um dia perder a cabeça. Ir quebrar em algum lugar. A cartografia não dispensa a viagem”.

Com a intenção de fazer borbulhar o material empírico, de iniciar a viagem, desenvolvi uma entrevista semiestruturada da qual, vale mencionar, ocorreu entre mim e uma única entrevistada, que neste caso foi a Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil do Município de Lavras-MG, atuante na gestão 2017-2020.

Faz-se interessante e necessário destacar que foram utilizados alguns critérios de inclusão para a participação nesta pesquisa, tais como: as Escolas e CMEIs do município de Lavras-MG que atendiam crianças pertencentes ao seguimento da Educação Infantil; terem participado direta ou indiretamente do 145º FSMEI; serem educadores e/ou educadoras atuantes na Educação Infantil durante o ano letivo de 2019; além de terem interesse e disponibilidade em participar da pesquisa. Em relação aos critérios de exclusão, destaco as pessoas que, apesar de atenderem os demais pré-requisitos citados anteriormente, não tiveram disponibilidade de horário e/ou se recusaram a assinar o TCLE.

Na realização da entrevista semiestruturada o roteiro constou de questões que abordaram todo o processo de participação e constituição do 145º FSMEI, sendo as perguntas pré-estabelecidas, disponibilizadas e expostas a seguir:

Roteiro de perguntas para a Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil do município de Lavras/MG:
O que é o Fórum?
Quantos e quais são os/as envolvidos/as?
Como é/foi realizada a divulgação?
Como é feita a escolha das temáticas?
O que foi apresentado no 145º FSMEI?
Qual o referencial teórico das Artes nos livros que subsidiaram o planejamento das atividades?
Qual o efeito da formação em artes para educadores/as da Educação Infantil?
Quais foram os processos pedagógicos vivenciados para a construção da temática em tela?

Houve continuidade nas formações e desenvolvimento de atividades artísticas na Educação Infantil do município de Lavras/MG?

Existe algum retorno de ações concretas após a realização dessas capacitações e formações?
--

Os/as demais envolvidos/as foram convidados/as mediante e-mail acompanhado do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), deixando claro que a participação era voluntária e que a desistência poderia acontecer a qualquer momento. Na descrição do e-mail encaminhado para as Escolas e CMEIs, constava a seguinte solicitação:

Prezados/as gestores/as, especialistas, apoios pedagógicos, professores/as e monitores/as do município de Lavras, bom dia!

Meu nome é Alana Máximo Buscácio e estou realizando uma pesquisa de Mestrado, pela UFLA, referente ao 145º FSMEI que foi sediado em Lavras-MG e contou com o apoio e belíssimo trabalho desenvolvido nas Escolas e CMEIs do município.

*Solicito o apoio e a parceria das pessoas envolvidas nesse processo, que encaminhem para o e-mail disponibilizado em anexo, um breve relato sobre a experiência de trabalhar com **as artes** para o 145ºFSMEI, apresentando sua importância, o que e como foram realizadas as atividades na Escola, CMEI ou Sala, relatando os desafios, possibilidades, sugestões... Enfim fazer uma abordagem do que consideram importante apresentar sobre o processo para esse evento. Não será preciso identificar com o nome - colocar apenas as iniciais. Ex: Alana Máximo Buscácio = AMB. As identidades serão preservadas ao problematizar essas falas no trabalho, ou seja, queremos realmente saber tudo o que vocês consideram importante relatar.*

Favor solicitar essa descrição para todas as pessoas envolvidas: diretores/as, especialistas, professores/as, monitores/as, funcionários e familiares.

Aos gestores/as, solicito que encaminhem uma lista com os nomes dos/as artistas trabalhados/as em sua Unidade Educacional. Lembrando que os/as interessados/as em colaborar com a pesquisa, precisam ler e assinar o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que segue em anexo. Se por algum motivo esse documento não retornar devidamente assinado, o depoimento não poderá ser utilizado conforme orientado pelo Comitê de Ética.

Desde já agradeço e me coloco à inteira disposição para maiores esclarecimentos (todas as ferramentas para contato – e-mail, telefone, celular - estão disponibilizadas no doc. “Contatos AMB” em anexo). (e-mail encaminhado para as instituições participantes para o desenvolvimento do 145º FSMEI)

Conforme mencionado no e-mail, a identidade dos/as participantes foi ocultada, firmando o compromisso expresso na submissão do projeto ao ‘Comitê de Ética de Seres Humanos’¹⁰ da Universidade Federal de Lavras.

Outra ferramenta utilizada para a produção do material empírico foi o Diário de Bordo, também conhecido como Diário de Campo que, segundo Bogdan e Biklen (1994), é um instrumento que precisa conter um relato realizado por escrito, de tudo aquilo que o investigador/a ouve, vê, sente e pensa no decorrer da coleta de dados da pesquisa de campo.

Para compilação de maiores informações, além dos registros fotográficos¹¹, realizou-se a Análise Documental dos materiais utilizados pelos/as docentes e gestores/as durante a experiência de construção e formação continuada proporcionada pelo Fórum. De acordo com Cellard (2008, p. 295), “o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador”, pois não são insubstituíveis no que se refere a reconstituição de fatos passados.

Em face à problematização dos materiais empíricos, optou-se pelo método referente a Análise Discursiva (AD), visto que Marquesin e Ferragut (2009) concebem a narração como um ato de contar histórias, um processo formativo, que evoca a subjetividade dos sujeitos, tendo como principal característica a sequencialidade. Sobre o tema, Nunes et al. (2017) enfatiza que os textos científicos também compõem de maneira coesa, bem elaborada e parametrizada os enunciados por meio dos quais sujeitos anunciam suas descobertas, compreensões, interpretações, recomendações (WITTIZORECKI et al., 2006). Ao optar por essa abordagem de análise, de acordo com Ribeiro (2009), a AD é como um suporte teórico-metodológico que atuando sozinha, ou aliada a outros referenciais teóricos, pode oportunizar condições de problematizar os dizeres dos/as entrevistados/as.

Fischer (2001) discute importantes conceitos da teoria do discurso de Michel Foucault explicitando a íntima relação entre discurso e poder. A autora diz que para analisar “os discursos, segundo a perspectiva de Foucault, precisamos antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas” (FISCHER, 2001, p. 198).

¹⁰ O projeto foi submetido ao Comitê de Ética de Seres Humanos da Universidade Federal de Lavras, sendo aprovado no parecer nº 4.476.049.

¹¹ A maioria das fotografias utilizadas, encontram-se disponibilizadas na rede social (Facebook) do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil e foram registros capturados pela lente da câmera de Maria de Fátima Ribeiro.

Essas foram as principais ferramentas escolhidas para direcionar o rumo dessa pesquisa, visto que são meios por intermédio dos quais “permitem o registro das ações enquanto estas são produzidas”, além de possibilitar “a captura de uma maior quantidade de aspectos e de detalhes”, reduzindo o aspecto seletivo de outros métodos de coleta de dados (FLICK, 2009, p. 228).

Impende-se a reafirmação de que, o conjunto de enunciados problematizados nesta pesquisa, advém do fazer cartográfico. “Fazer cartografia é, pois, a arte de construir um mapa sempre inacabado, aberto, composto de diferentes linhas, “conectável, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p. 21)” (OLIVEIRA apud MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 287). Mergulhamos no sentido da cartografia que é o acompanhamento de percurso; implicação em processos de produção de conexão de redes ou rizomas:

O desafio é evitar que predomine a busca de informação para que então o cartógrafo possa abrir-se ao encontro. Nesse sentido, usando as palavras de Suely Rolnik, do cartógrafo se espera que ele mergulhe nas intensidades do presente para “dar língua para afetos que pedem passagem (Rolnik, 2007, p. 23)”. Essa atitude, que nem sempre é fácil no início, só pode ser produzida através da prática continuada do método da cartografia e não pode ser aprendida nos livros (BARROS e KASTRUP, 2015, p. 57, 58).

Oliveira (apud MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 290) potencializa o que afirmo: “A cartografia trata, pois, de uma inevitável *‘coreografia do desassossego’*”. Pergunto, então, com Barros e Passos (2015, p. 180) “como cartografar essa geografia aquática da viagem?” Apresento, portanto, a seguir, os pontos cardeais que vislumbro nesta viagem: as principais referências teóricas da investigação; a potencialidade das artes no Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil; a concepção de Educação Infantil e a formação de educadores e educadoras.

3. A BÚSSOLA E SEUS PONTOS CARDEAIS

A escrita da revisão de literatura foi elaborada a partir da utilização de metáforas em relação aos pontos cardeais. Sabe-se que são quatro os pontos cardeais existentes: Norte, Sul, Leste e Oeste. De acordo com Wagner de Cerqueira e Francisco (2013), os pontos cardeais são de extrema importância para nos orientar, sendo que a utilização dessas referências serviu para contribuir com grandes navegações do período colonial, em suas rotas comerciais, guerras, além de auxiliar em trilhas e competições de Rally, por exemplo. Sendo assim, para dar direção e foco a esta pesquisa, as seções foram divididas a partir da utilização dos pontos cardeais (Norte, Sul, Leste, Oeste), para com isso, darmos início a nossa orientação no presente referencial teórico.

3.1. “NORTEando” as ARTES: busca por uma definição conceitual

A arte é a contemplação: é o prazer do espírito que penetra a Natureza e descobre que ela também tem uma alma. É a missão mais sublime do Homem, pois é o exercício do pensamento que busca compreender o Universo e fazer com que os outros o compreendam (RODIN apud PONTES, 2008, s.p.)

Falar sobre arte é uma missão um tanto quanto desafiadora, visto que é quase impossível chegarmos a um consenso. Almeida (2020, p. 67) apresenta um exemplo esclarecedor ao afirmar que “quando questionamos crianças e jovens sobre o universo artístico, ao invés de conceituá-las, eles/elas apenas mencionam as ações espontâneas mais comuns do seu fazer na escola”. Ou seja, por meio desse exemplo fica claro que as pessoas acabam limitando o fazer artístico, ou a arte propriamente dita, ‘apenas’ ao desenhar, pintar, esculpir, cantar, dançar.

Em uma matéria publicada na revista Nova Escola (ANO 30, Nº 281), Camilo et al (2015) levantam algumas questões conceituais sobre as artes e, com intuito de respondê-las, discorrem de maneira interessante no que diz respeito ao mote:

O que é arte? Onde pode ser encontrada? Quem é capaz de apreciá-la? Quem a produz? Ao pensarmos nessas perguntas, é natural que evoquem respostas associadas ao universo da cultura erudita. Arte é aquele quadro de Portinari, uma sinfonia de Mozart, um filme de Godard ou uma coreografia de Deborah Colker. Habita museus concorridos, refinadas salas de concerto, cinematecas cults e teatros renascentistas.

Está à disposição de uns poucos privilegiados dotados de sensibilidade aguçada para decifrar suas mensagens. E, sobretudo, é realizada exclusivamente por indivíduos geniais, predestinados, únicos. Em uma palavra: para ser artista, é preciso ter um dom. Será? (CAMILO et al, 2015, p. 14).

A partir disso, se pararmos para analisar e refletir em relação às ponderações citadas anteriormente, pode-se chegar à conclusão que existe uma visão pautada no senso comum que paira sobre o assunto. Isso nos leva a afirmação de Almeida (2020) quando anotou tal compreensão enviesada em relação as artes, pois esse aspecto tornou-se uma impressão que conduz os sujeitos a pensá-las de maneira restrita, ou elitizada demais.

Por um lado, Auguste Rodin (apud PONTES, 2008) apresenta a arte como contemplação e, por outro, Loinello Venturine (apud PONTES, 2008) ressalta que “a arte alimenta-se de ingenuidade, de imaginações infantis que ultrapassam os limites do conhecimento”. Partindo dessas afirmações, pode-se destacar a necessidade e importância de ressignificar a(s) arte(s).

Nessa esteira de debate, Hernandez (2007) destaca que a aprendizagem em Artes deve oportunizar o aprender a fazer relações entre objetos, imagens e artefatos vinculados às experiências culturais. De igual modo possibilitam a elaboração e/ou criação de narrativas visuais significativas por processos e meios diversos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

A manifestação artística tem em comum com o conhecimento científico, técnico ou filosófico seu caráter de criação e inovação. Essencialmente o ato criador, em qualquer dessas formas de conhecimento, estrutura e organiza o mundo, respondendo aos desafios que dele emanam, num constante processo de transformação do homem e da realidade circundante. O produto da ação criadora, a inovação, é resultante do acréscimo de novos elementos estruturais ou da modificação de outros. Regido pela necessidade básica de ordenação, o espírito humano cria, continuamente, sua consciência de existir por meio de manifestações diversas (BRASIL, 1997, p. 32).

Sabe-se que as manifestações artísticas são existentes desde os primórdios da humanidade. O simples fato de manifestarmos, de alguma maneira, nossas ideias, sentimentos e emoções, são consideradas como expressões artísticas. Segundo Rosset (et al, 2017, p. 78), as experiências artísticas acompanham “os seres humanos desde as cavernas, em pinturas e artefatos criados para representar simbolicamente o mundo em que viviam”. Assim, pode-se perceber que a criação artística apresenta a intenção de

compreender o modo como enxergamos o mundo e seus desafios, para assim conseguirmos organizá-lo de maneira inovadora.

Ao tratar das criações artísticas, Domingues (2015) aponta que todas são precedidas por alguma matéria tornando-a o que ela realmente é. Ostrower (apud DOMINGUES, 2015, p. 8) acrescenta dizendo que “toda atividade humana está inserida em uma realidade social, cujas carências e cujos recursos materiais e espirituais constituem o contexto de vida para o indivíduo”. Dessa maneira, pode-se compreender como materialidade todas as produções inseridas em contextos culturais diversificados, de ação do homem/mulher.

Tomando como base as informações citadas anteriormente, considera-se a perspectiva de que educadores/as e educandos/as acabam por manifestar, nas aulas de artes, também suas vivências, sendo que essa postura gera uma “mudança na pedagogia da arte” (DOMINGUES, 2015, p. 9). Em contrapartida, Barbieri (2012) nos lembra que “a arte não deve ser habitada apenas por aqueles que se dedicam ao seu ensino” (p. 18), pois ela encontra-se presente em todos os lugares, tempos e fazeres culturais.

Pereira & Farina (2013) apresentam a importância de escutar as indagações incitadas pelas artes contemporâneas no que diz respeito aos modos de produção das subjetividades e do conhecimento estético como um todo. Os autores salientam que esses aspectos expressam uma pedagogia que contrapõe os processos hegemônicos de formação escolar. Isso se torna preocupante na medida em que essa perspectiva mais tradicional de educação limita as invenções e as experimentações lúdicas, tolhendo, quem sabe, os sentimentos e sensações das crianças e jovens envolvidos/as.

Perissé (2014, p. 50) afirma que “o observador da obra de arte se dedica a identificar as relações formais que há entre as palavras de um texto poético, entre as cores e linhas de um quadro, entre os gestos, as vozes e a música de uma ópera”. Portanto, precisamos apresentá-la às crianças, jovens, adultos, enfim, as pessoas de um modo geral, a fim de que possam transcender a compreensão superficial restrita ao fazer escolar que, muitas vezes, apenas reproduz o desenhar, pintar e colorir.

Rosset et al (2017) defendem que “a arte é um recurso que enriquece a expressão e comunicação”, ou seja, necessita ser devidamente valorizada em razão de contribuir ao processo educativo. Camilo et al (2015) acrescentam ao dizer que crianças e adolescentes, sendo da Educação Infantil ou Ensino Médio, apesar de não serem especialistas e necessitarem conhecer obras primas icônicas, apresentam algo em comum com os

grandes artistas profissionais, “eles possuem vontades, imaginação, opinião e identidades para exprimir” (p. 44).

Já pensando em termos de aprendizagem das artes pelas crianças, a obra destinada aos/as professores/as da Educação Infantil cujo título é “Práticas Comentadas para Inspirar” (ROSSET, et al, 2017) aponta que “a sensibilização tem o potencial de se constituir em experiências. Experiências, por sua vez, marcam o corpo, constroem histórias e promovem identidade”. Dessa forma, ainda ressalta que “todos nós somos capazes de produzir e de entender a arte” (CAMILO et al, 2015, p.14).

Em termos de legislação e documentos oficiais, destaca-se, definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) deve subsidiar os currículos dos sistemas e redes de ensino das Universidades Federais, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. Esse documento (BNCC), estabelece conhecimentos, competências e habilidades esperadas que todos/as os/as estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. No caso da BNCC da Educação Infantil, trata-se de uma proposta pautada nos direitos da criança em interagir e brincar. Em termos de proposição curricular o documento divide-se em vários Campos de Experiência, dentre eles destacamos o intitulado de “Traços, Sons, Cores e Formas”, consoante ao que apresentamos:

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens [...] (BRASIL, 2016, p. 41).

Sendo assim, destaca-se a necessidade de oportunizar e permitir as vivências em arte aos sujeitos, apresentando as variadas manifestações artísticas, culturais e científicas que proporcionam diferentes maneiras para que ocorra a comunicação ainda mais ampla e completa mediante as observações e compreensões do mundo.

Ao pensarmos nas manifestações artísticas e suas várias possibilidades educativas, devemos nos atentar também às questões de interpretação e valorização dos conteúdos que podem ser explorados na Educação Infantil. Assim, o fazer artístico evoca uma concepção de artes na qual os atos como observar, desenhar, colorir também se mostram indispensáveis para o seu reconhecimento enquanto “eixo” do conhecimento de mundo. Segundo o RCNEI (1998), é fundamental oportunizar às crianças a apreciação de telas,

capas de livros, contemplar a natureza, observar cada detalhe em sua volta para, posteriormente, realizar releituras e criações. Camilo et al (2015) sublinham que esse processo diz respeito ao “percurso criativo individual” (p. 14), pelo qual os/as artistas passam ao realizar suas obras. Seria como “um mergulho no universo artístico: conhecer referências e explorar materiais como base para produzir saberes estéticos” (CAMILO et al, 2015, idem), isso significa que o/a docente necessita planejar suas ações, tendo em vista auxiliar, orientar e estimular a produção e o fazer artístico. Em última análise, Spiteri (apud CAMILO et al, 2015, p.14) delinea que “ao produzir arte, o estudante amplia sua forma de perceber o mundo e de opinar sobre ele”.

Ainda em torno dos documentos oficiais que subsidiam e orientam as práticas pedagógicas de professores/as, no caso específico de Minas Gerais, o Currículo Referência (2019) destaca que:

[...] há uma tendência à desvalorização e descaso para o componente curricular pela comunidade escolar, sobretudo pelos colegas da educação e até mesmo pelos próprios estudantes e pais [...] não se deve diminuir sua importância, no desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo, estético e social dos/as estudantes, permeados pela arte (BRASIL, 2019, p. 528).

Precisamos nos atentar a essas questões e apresentar os reais significados da(s) arte(s), de tal modo que Barcelos e Fleuri (2010, p. 277) afirmam que faz-se necessário “olhar com olhos livres para as diferentes possibilidades do relacionar, do criar, do viver, do inventar, enfim, do educar e do educar-se”.

Ainda referente ao fazer artístico, é importante lembrarmos que as produções podem ser realizadas de maneira individual ou coletiva, variando de acordo com a proposta e/ou observações feitas em sala, por exemplo. Nesse sentido, Barbieri (2012) advoga que o ideal seria refletir sobre as percepções das crianças, a fim de que se possa decidir quando é necessário interagir de maneira individual ou coletiva. Ao pararmos para refletir, as produções artísticas desenvolvidas individualmente nos possibilitam um mar de interpretações advindas de um/a artista (BARBIERI, 2012). Quando apresentada de maneira coletiva, as interpretações se tornam vastos oceanos, uma vez que são criações que contêm diferentes visões e modos de pensar. Enfim, tanto de maneira individual, quanto na coletiva, as artes abrem novos caminhos e possibilidades, podendo ser consideradas como “uma forma de socialização do indivíduo, bem como da sua humanização” (FRANCO e VENEZA, 2013, p. 3). Ao refletir sobre as artes como

ferramenta para a socialização, Bourriaud (2009, p. 57) aponta que “a arte, pode ser da mesma matéria de que são feitos os contatos sociais, ocupa um lugar singular na produção coletiva”. Ou seja, ao produzir e/ou contemplar essas produções/manifestações artísticas, sejam elas de autores/as de projeção ou não, possibilitamos a troca de ideias, percepções, interpretações, informações, conhecimentos que nos levam as reflexões e, conseqüentemente, aos processos de socialização. Pois bem, depois de marcar teoricamente as concepções de arte, agora contextualizaremos o planejamento e o desenvolvimento do FSMEI.

3.2. No SUL de Minas Gerais... O FÓRUM!

Todos juntos somos fortes. Somos flecha e somos arco. Todos nós no mesmo barco. Não há nada pra temer. – A meu lado há um amigo que é preciso proteger. Todos juntos somos fortes não há nada pra temer (Chico Buarque de Holanda, 1977, s.p.)

Ao refletirem sobre a potencialidade das artes, os/as professores/as apostaram na abordagem dessa temática para o 145º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil (FSMEI). Mas afinal o que é, de onde surgiu, desde quando, para que serve o FSMEI?

Na realidade, ele apresenta sua trajetória desde 1999, sendo constituído como projeto de extensão vinculado ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras, até o ano de 2018. A partir de 2019 passou a ser vinculado, como projeto de extensão e de pesquisa ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Lavras. E, atualmente está sob a responsabilidade do Departamento de Educação.

Antes da pandemia de Covid-19, as demandas dos encontros foram articuladas mensalmente de maneira itinerante. É considerado como um espaço suprapartidário, composto por instituições, órgãos e entidades comprometidas com o que se refere ao contexto da Educação Infantil de Minas Gerais. Tal espaço de articulações tem como principal objetivo a criação de momentos para discussão, sensibilização, mobilização e devida divulgação das políticas voltadas à Educação Infantil do Estado, possuindo caráter mobilizador, informativo e propositivo, devendo assim garantir o amplo e permanente debate democrático de ideias.

O primeiro encontro do FSMEI é realizado no início de cada ano e apresenta um momento dedicado a montagem de uma espécie de cronograma onde consta qual a cidade responsável, o mês e o tema escolhido durante para os trabalhos daquele ano letivo.

Conforme mencionado anteriormente, durante o 141º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil, sediado pelo município de Nepomuceno/MG, no início do ano letivo de 2019, destinou-se um momento à constituição do cronograma ao qual os/as responsáveis pelo município de Lavras/MG, optaram por realizar o 145º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil, no mês de junho, tendo como foco as Artes. Pensando em conhecer e desvendar novos saberes, entrelaçando as Artes, a Educação Infantil e a Formação de Educadores/as, convido os/as tripulantes desta pesquisa desembarcarem, ainda ao Sul, no 145º FSMEI.

3.2.1 Ainda ao SUL: uma parada no 145º FSMEI

Nas longas e até mesmo em pequenas viagens, realizamos algumas paradas. Em nossa trajetória, seguindo as orientações e a rota ao Sul, destaca-se como proposta de desembarque o 145º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil.

O referido encontro proporcionou a quem participou, a oportunidade de poder contemplar e refletir sobre expressões, (re)leituras e manifestações artísticas produzidas por educadores/as e posteriormente, direcionadas ao fazer artístico das crianças. De igual modo permitiu a reflexão acerca dos desafios que consistem em veicular no cotidiano da Educação Infantil as artes de maneira ética, fundamentada e problematizada.

Especificamente em relação ao histórico de planejamento do 145º FSMEI que foi sediado pela cidade de Lavras-MG, os/as educadores/as da região se reuniram no dia 27 de junho com intuito de participar do evento. Ademais, cabe mencionar que esse encontro teve a liderança da Coordenação Pedagógica da Educação Infantil do município, juntamente com toda equipe gestora, incluindo profissionais da Secretaria Municipal de Educação, diretores/as de escolas e coordenadores/as de CMEIs, especialistas, professores/as, monitores/as e demais pessoas envolvidas com a educação.

A Secretaria estimou ter recebido aproximadamente 200 pessoas de vários municípios de toda a região sul mineira. Para comportar essa média de convidados/as, o local para realização do encontro contou com a parceria do Centro Universitário de Lavras (UNILAVRAS) que emprestou o auditório da instituição.

Fotografia 1. Auditório do Centro Universitário de Lavras (UNILAVRAS). Início de uma imersão nas atividades e ações do 145º FSMEI.



Fotografia 2. Auditório do UNILAVRAS inundado de participantes para a realização do 145º FSMEI.

Além de todas as discussões que permearam o encontro, a programação estava repleta de atrações culturais e artísticas, realizadas por crianças pertencentes ao ‘Projeto ArtEduca Lavras’¹², além da atuação e performance artística do/as professor/as do Grupo Remendo Musical.



Fotografia 3. Crianças, integrantes do ‘Projeto ArtEduca’, surfando com as artes em uma apresentação durante o 145º FSMEI.

¹² Esse projeto foi criado pela equipe da Secretaria Municipal de Educação do município tendo como objetivo levar às crianças de 4 a 12 anos da rede municipal de ensino determinadas experiências formativas por meio de oficinas de dança, música, teatro, contação de histórias, artes plásticas, arte digital, jogos e brincadeiras.



Fotografias 4 e 5.
Educadores/as, integrantes do 'Grupo Remendo Musical', imersos em artes durante o 145º FSMEI.



Tive a oportunidade de participar, viver, vivenciar, apreciar, contemplar, questionar, argumentar, pesquisar... Enfim, gostaria e pretendo compartilhar todas as informações possíveis, abordando os acontecimentos que antecederam, o que foi desenvolvido durante o 145º FSMEI, os resultados atingidos, além dos desafios enfrentados durante o processo.

3.3. Ao LESTE a EDUCAÇÃO INFANTIL

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (FREIRE, 1996, p. 16).

Assim como ao Leste, a Educação Infantil é o ponto de partida para que “ocorra um novo nascer do sol”. Pensem em um novo dia, um novo amanhecer, um novo despertar... Pensou? Pois bem, assim compreendo a Educação Infantil, como uma bela oportunidade de (re)começo!

É preciso entender, compreender e assimilar essa etapa de ensino como um lugar estratégico de conquista, formação de personalidade, estimulação psicossocial, desenvolvimento motriz, cognitivo e de formação de novos saberes. Junqueira Filho (2005) ressalta que cada uma das linguagens que permeia as atividades da/na Educação Infantil apresenta seu próprio conjunto de regras e princípios de funcionamento. Sendo assim, é necessário que haja uma conscientização por parte dos/as educadores/as e demais envolvidos/as no processo educativo, quando nos referimos aos reais interesses dos pequenos.

Atualmente, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), esses pequenos sujeitos são subdivididos em três grupos predeterminados pela faixa etária,

“todavia, esses grupos não podem ser considerados de forma rígida, já que há diferenças de ritmo na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças que precisam ser consideradas na prática pedagógica” (BRASIL, 2019). São eles: “Bebês (zero a 1 ano e 6 meses); Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses).

Nos capítulos I e II, de acordo com a Resolução nº 443/2001, da Lei Federal nº 9394/96, de dezembro de 1996, o Parecer CEE 529/01, dispõe a Educação Infantil no Sistema Estadual de Ensino de Minas Gerais:

Capítulo I

Da Educação Infantil

Art. 1º - A educação infantil, primeira etapa da educação básica, constitui direito inalienável da criança de zero a cinco anos, dever do Estado e dos Municípios.

Parágrafo Único – Compete aos municípios organizar plano para a universalização progressiva da Educação Infantil.

Art. 2º - A Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, afetivo e social complementando a ação de cuidar e educar, da família e da comunidade.

Art. 3º - A Educação Infantil será oferecida em:

I – Creche ou instituição equivalente, para crianças de até três anos de idade;

II – Pré-escola, para crianças de quatro a cinco anos de idade;

III – Centro de Educação Infantil, para crianças de zero a cinco anos de idade.

Parágrafo Único – A Educação Infantil poderá ser oferecida em instituição específica ou integrada a escola de Ensino Fundamental.

Art. 4º - As crianças com necessidades especiais serão atendidas preferencialmente nas classes regulares de Educação Infantil, respeitando o direito a atendimento adequado em seus diferentes aspectos.

O que chama atenção é a concepção de criança presente no documento, uma vez que no século passado a desigualdade social assolava a vida na infância de forma muito mais abrupta. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (2013), considera-se criança como um ser pensante, sendo sujeito histórico que tem, por lei, seus direitos garantidos ao poder realizar descobertas por meio de experimentações, brincadeiras, invenções, imaginação e criatividade. Assim, o currículo voltado para a educação de crianças com idade entre 0 e 5 anos e 11 meses deve contemplar a amplitude de experiências representadas pela pluralidade do conhecimento, com vistas ao seu desenvolvimento.

Crianças são sujeitos que possuem uma imaginação sem limites e as artes podem potencializar esta ação criadora. De acordo com Barbieri (2012, p. 18), muitas das vezes não nos damos conta do quanto as expressões artísticas e o brincar podem contribuir para a organização das atividades nos contextos da Educação Infantil. “Trabalhar com arte na educação infantil ajuda cada criança a descobrir como é seu mundo de invenções” (idem), pois desperta a sua atenção, aguça sua curiosidade e lhe proporciona o mergulho na ficção. Essa mediação depende da formação docente, o que abordaremos na seção seguinte.

3.4. Assim como OESTE, a FORMAÇÃO de/para Educadores e Educadoras

O pôr do sol é a prova de que não importa o que aconteça, cada dia pode terminar lindo (BUTIER apud SANTOS, 2019, s.p.)

De acordo com estudos e observações realizadas no decorrer do tempo, sabe-se que ao contemplarmos o pôr do sol, podemos avistar uma beleza única, mas para que isso aconteça é necessário que o nosso olhar esteja voltado à direção Oeste. Ao utilizar essa metáfora em torno da luminosidade e a boniteza do sol é que destaco a formação dos educadores e educadoras como uma potência que retroalimenta o trabalho com as crianças nas instituições educacionais.

Em um de seus estudos, Nóvoa (1992) nos apresenta apontamentos históricos referentes à consolidação da profissão docente, tendo em vista que ela surgiu mediante uma intervenção do Estado ao “substituir a Igreja como tutela de ensino”. A partir de então, os/as professores/as passaram a ser considerados “as vozes dos novos dispositivos de escolarização” (NÓVOA, 1992, p. 2), ao passo que o Estado não poupou esforços para criar condições e garantir sua profissionalização. Durante o século XIX, consolida-se a imagem do/a professor/a e, em contrapartida, “a profissão docente impregna-se de uma espécie de ‘entredois’, que tem estigmatizado a história contemporânea dos professores” (NÓVOA, 1992). Isso equivale dizer que, na época, quem assumisse o cargo de professor/a deveria seguir algumas designações sociais, tais como, por exemplo: não saber demais e nem de menos, não se misturar com o povo e a burguesia, não deveriam ser pobres, nem ricos, etc. Enfim, os docentes deveriam ficar sempre no entreposto da

sociedade assumindo a responsabilidade de instruir, mas de manter o status quo (NÓVOA, 1992).

Caminhando ao longo da história, os processos para seleção e recrutamento de professores/as foram se tornando cada vez mais técnicos, segundo Nóvoa (1992), pois o nosso país ao “lançar as bases do sistema educativo atual, a formação de professores passou a ocupar um lugar de primeiro plano”. Mas afinal, o que seria essa tal formação? De acordo com Garcia (1999), a formação de/para professores/as pode ser considerada como a área de conhecimentos, investigações e proposituras, consolidando-se na práxis. O autor complementa que “a formação de professores é um conceito que se deve referir tanto aos sujeitos que estão a estudar para serem professores, como aqueles docentes que já têm alguns anos de ensino” (GARCIA, 1999, p. 26).

De acordo com Moraes (2004), a formação de professores/as, independente da área escolhida, passa por uma crise paradigmática. Partindo dessa afirmação, a autora realizou um levantamento referente ao paradigma cartesiano e o paradigma emergencial no que se refere a formação inicial e continuada de professores. Nessa direção, Kochhann et al (2015) ressaltam que:

O paradigma cartesiano é absoluto, não deve ser questionado, ignorado ou quebrado, deve ser seguido cegamente, mesmo sem conhecer sua origem ou justificativa, é rígido, conservador, determinista e antagonista, não possui coerência entre teoria e prática. O professor cartesiano é centralizador, a autoridade máxima, somente o que ele fala é importante em uma sala de aula e jamais deve ser questionado pelos alunos, estando sujeitos à punição. [...]

Já o paradigma emergencial tem como foco principal, o despertar da curiosidade, do questionamento, buscar a reflexão e a pesquisa. [...] A voz do aluno no paradigma emergencial é parte do processo de aprendizagem, sendo ele a principal ferramenta da construção do conhecimento, tornando uma sala de aula mais flexível e dinâmica (p. 3).

Pode-se observar que o modelo de formação de professores pautado no paradigma cartesiano ainda se faz presente nos tempos atuais, razão pela qual a formação inicial e a “formação continuada de professores devem favorecer essa desconstrução de paradigmas e abrir os horizontes para uma mudança, rumo ao paradigma emergencial” (KOCHHANN et al, 2015, p. 3). Ou seja, ainda encontramos docentes formados com base no pensamento cartesiano em função, muitas vezes, da formação inicial, porém, o processo de formação continuadas pode favorecer a transformação pessoal e profissional.

No que diz respeito ao paradigma emergencial, como o próprio nome diz, faz-se emergente porque implica na formação de um docente crítico-reflexivo, que está em constante transformação da sua identidade, na medida em que investiga constantemente sua prática profissional. No entanto, de que maneira podemos pensar a relação entre a formação de professores e a atuação no universo das artes? Qual o papel que o FSMEI assumiu nesse contexto?

Pois bem, com a intenção de analisar a formação continuada de educadores e educadoras no contexto do evento, mesmo sabendo que existem várias perspectivas teóricas que balizam isso, optou-se por focalizar apenas na temática das artes e suas expressões. Nessa direção, vale ressaltar a perspectiva acerca da formação estética trazida por Barbieri (2012):

A formação estética do professor se dá muito antes de ele entrar na universidade, de ser estudante de qualquer área do conhecimento. É fundamental que ele se dê conta de toda a bagagem estética que traz, que utilizará em todos os contatos com a expressão humana, inclusive com as crianças na escola. A formação em artes de uma criança pequena é uma formação estética. O desenvolvimento estético da pessoa começa quando ela nasce, talvez antes disso, na barriga ainda (p. 144).

Mas, afinal, o que seria essa formação estética? Nos tempos atuais, ao tratarmos da dimensão estética logo vem à tona questões concernentes ao belo, mas nem sempre isso foi assim. Sabe-se que ela é uma palavra bastante antiga que, segundo Trezzi e Berkenbrock-Rosito (2010), deriva do grego *aisthesis* e tem o significado de sensação, sentido e liberdade. Entretanto, pode-se considerar que a definição de estética surgiu efetivamente com Baumgarten (apud ISER, 2001), em 1735, uma vez que o autor considerava-a como ciência que investiga as formas pelas quais os objetos podem ser (re)conhecidos pelos sentidos. Ao passo que a formação e o desenvolvimento estético estão diretamente vinculados as experiências vivenciadas por cada um/a de nós, advindas dos sons que ouvimos, das visões que temos, dos gostos que sentimos, da variedade de texturas que tocamos, dos cheiros e aromas que nos despertam sentimentos e lembranças. Sendo assim, ao refletirmos sobre essa abordagem de formação junto ao desenvolvimento estético, evidenciamos os dizeres da colaboradora LR a partir daquilo vivenciado no Fórum:

A caixa foi feita toda em alto relevo e despertou minha memória da infância mexendo com terra. Acredito que ao levar para os alunos essas minhas memórias isso acabou por

marcar as crianças (LR – Colaboradora para o desenvolvimento do 145º FSMEI).

O despertar da lembrança dessa educadora, trouxe à tona o quão profundas podem ser essas tais memórias e que, enquanto educadores/as, precisamos nos atentar aos pequenos detalhes do sensível, uma vez que tal dimensão estética está presente nos processos formativos tanto dos/as docentes quanto das crianças. No entanto, gostaríamos de problematizar se a experiência sensível da formação estética daria conta de pensarmos pedagogicamente o ensino das artes na Educação Infantil? Para uma melhor compreensão referente a essa formação estética, faz-se interessante salientar a ideia de ‘caosmose’, trazida por Félix Guattari. Em seu livro, intitulado ‘CAOSMOSE – Um novo paradigma estético’, Guattari (2012) nos apresenta a ideia de ‘caosmose’ a partir da origem do mundo, apresentando sua composição advinda do caos e da complexidade, levando-nos a perscrutar as dimensões visíveis e as invisíveis da própria existência. Dessa maneira, é preciso compreender que essas dimensões são múltiplas e acabam se entrelaçando em direção a produção de saberes e vivências, inclusive as docentes. Segundo Vladimir Ribeiro (2019), em seu livro Guattari demonstra estar “preocupado com o que sai do caos” e, desse modo, ao invés de pensar diretamente na filosofia, na arte e na ciência, acaba indicando uma “tentativa de repensar a política, a ética e a estética, como modulação de qualquer práxis criadora” (RIBEIRO, 2019, p. 1). Nesse caso é importante destacar que a estética apontada, não deve ser confundida com a arte, em outras palavras, a estética não se resume a uma atividade específica voltada e direcionada apenas aos artistas. De acordo com Ribeiro (2019), esse foi um dos motivos que levaram Guattari a batizar a ideia dos novos paradigmas – “paradigma político, ético-político, ético-estético, político-estético etc.” Resumidamente falando, “político, ético e estético” (p. 24) – visto que podem ser considerados como os principais pontos referentes ao ato de criação, seja no contexto filosófico, artístico, como também no científico e religioso.

Mediante as informações explicitadas anteriormente e levando em consideração a temática da presente pesquisa, vale destacar que a arte, pode ser considerada como ‘o grande mar’ de possibilidades para ‘altas navegações’, ou seja, um local para que ocorram as manifestações da formação estética. Nessa direção, Ribeiro (2019) afirma que a palavra estética apresenta domínio da arte, de forma “estrito senso”, porém de uma maneira que permite vir daquilo que “na arte lhe escapa” (p. 24). Guattari (2012) acrescenta que o nosso interesse deve concentrar-se no escopo da arte e suas instâncias criadoras, o que para ele se define como o sustento de todo o processo de criação.

Pensando no processo de criação, destacamos a seguir alguns enunciados da Coordenadora de CMEI identificada como TMP para posterior reflexão:

A ideia de trabalhar alguns pintores surgiu em função da reunião com as professoras. Havíamos pensado no pintor Ivan Cruz... Nisso chegou a proposta do fórum. Primeiro fizemos oficina com as professoras. Tinha gente que não fazia ideia do que era uma releitura. Levei o BAA (professor convidado) em um dos módulos pra discutir o que era artes. O que seria uma releitura? Seria cópia? Houveram várias dúvidas sobre o conceito de releitura. Uma dificuldade que senti enquanto coordenação foi o fato de que as professoras não estavam entendendo como que era pra realizar o trabalho e demorou muito para deixarem com que as crianças realmente fizessem. Acho que ainda há muito para se “quebrar” em relação a deixar as crianças produzirem... Vivemos enraizados na cultura do “tudo bonitinho”. Isso precisa mudar urgente (TMB – Coordenadora de CMEI do município de Lavras-MG).

Dúvidas e dificuldades também fazem parte do processo de formação. A ideia de levar um professor para abordar a temática em pauta, com certeza fez toda a diferença, mas precisamos pensar que esses momentos não podem e não devem ser esporádicos, visto que cada pessoa compreende e interpreta as ações de um modo, sendo necessário vários e diferentes experiências para translucidar essas informações.

De acordo com a Coordenadora TMB, por exemplo, “*houveram várias dúvidas sobre o conceito de releitura*” (grifo meu). Nesse sentido, Ana Amália (apud BARBOSA, 2010) salienta que é preciso muita atenção, pois são muitos os casos de educadores/as que estão abordando “releitura como cópia” (p.144). A autora defende que o ato referente a ‘leitura de uma obra’, nada mais é do que uma ‘interpretação cultural’ e ressalta que “não existe, segundo Umberto Eco, uma interpretação correta” (p.143). A partir dessa primeira compreensão sobre a leitura que, conforme Ana Amália (apud BARBOSA, 2010), refere-se à interpretação feita de acordo com o ponto de vista do leitor/espectador, a releitura passa a ser “o fazer nessa nova abordagem do ensino em arte” (p.144). Ainda sobre o mote, Barbosa (1991, p.107) preconiza que na releitura “o importante é que o professor não exija representação fiel, pois a obra observada é suporte interpretativo e não modelo para os alunos copiarem”, ou seja, isso ocorre quando a pessoa “é estimulada e não obrigada a escolher”, permitindo com que sua expressão individual aflore. De maneira mais direta, releitura é o ato de “reler, ler novamente, dar novo significado, reinterpretar, pensar mais uma vez”, ou seja, criar a partir de tudo que temos a nosso redor (AMÁLIA apud BARBOSA, 2010, p.145).

Outro ponto importante a ser elucidado no discurso da Coordenadora do CMEI, é o fato de que precisamos ter mais atenção no que se refere a essa ‘cultura enraizada’ na qual os adultos não confiam, compreendem e, muito menos, valorizam o potencial das crianças, trazendo em pauta a questão da “cultura do ‘tudo bonitinho’”. Com efeito, Leusa de Melo Secchi (apud BARBIERI, 2012) nos traz as seguintes reflexões acerca das abordagens à respeito da formação de professores/as em artes:

Um aspecto que julgo importante problematizar é em relação à formação dos professores. Existe muita incompreensão e mesmo ausência de formação dos professores regentes em classe da Educação Infantil, bem como desconhecimento sobre o que seja efetivamente um trabalho de arte que possa ser realizado por um pedagogo. Muitos profissionais atuam como professores de arte, mas sem habilitação específica na área. Entretanto, a formação específica também não é garantia de um trabalho de arte significativo na Educação Infantil, pois muitos arte-educadores desconhecem os processos de desenvolvimento e aprendizagem dos bebês e das crianças bem pequenas e suas necessidades educativas. Assim, muitos professores, sejam eles regentes, professores de arte sem formação e/ou arte-educadores, têm grande dificuldade para materializar um trabalho de arte com sentido (p. 145).

Diante destas afirmativas tecidas pelo autor, fica evidente que a formação continuada em artes precisa ser (re)significada, tendo em vista a perspectiva instrumental que perpetua a empiria pedagógica, pois, de igual modo alguns docentes têm valorizado “fórmulas e receitas, sem a necessária vivência ou reflexão” (BARBIERI, 2012, p. 145). Essas reflexões tornam-se importantes dado ao fato de termos a intenção de aprofundar ainda mais a formação continuada de professores/as em artes ocorrida no processo de planejamento e desenvolvimento do Fórum.

4. CARTOGRAFANDO: O TRACEJAMENTO DAS LINHAS DO 145° FSMEI

A partir de 1413, com o início das grandes viagens marítimas, a Cartografia ressurgiu como meio de garantir a segurança dos viajantes e de representações das novas descobertas (IBGE, 2001, s.p.).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2001), a cartografia ressurgiu como uma ferramenta para representar novas descobertas. Sendo assim, realizar uma cartografia com a intenção de mapear os caminhos percorridos pelo 145° FSMEI em termos de formação continuada em artes é o meu objetivo principal nessa seção. Oliveira e Paraíso (2012) nos recordam que o processo cartográfico “faz recortes em determinado espaço ou tempo”, sendo uma maneira de tornar-se a própria expressão do percurso. Desse modo, destaco a seguir as inúmeras linhas que foram sendo tracejadas para que o encontro pudesse acontecer, tomando como ponto de partida os dizeres dos/as docentes, dos/as gestoras e as observações produzidas no diário de bordo antes, durante e após o evento. Nesse sentido, de acordo com a Coordenadora Pedagógica do Município de Lavras-MG, identificada como CMMB:

O FSMEI é um movimento social, suprapartidário, que teve seu início no ano de 1999, no qual faço parte, com muito orgulho, desde a sua criação. Teve como base de implementação a Universidade Federal de Lavras, profissionais da cidade e do sul de Minas Gerais (CMMB - Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil).

O FSMEI surgiu tornando-se uma possibilidade de formação continuada, como gigantesca onda de oportunidades para os/as profissionais da Educação Infantil. Quem surfa nessa onda, viaja em alto mar e permite-se novos rumos, vivências, conhecimentos, trocas de experiências, possibilidades, descobertas, discussões e muito aprendizado.

Conforme Imbernon (1994), a formação continuada é identificada como aquela que complementa também a formação inicial, devendo desenvolver-se durante toda a vida profissional do/a docente. Segundo Campos (2010), muitos estudiosos/as como Freire (2001), Pimenta (2002), Gatti (2003), Perrenoud (2001), Nóvoa (1992), Imbernon (2000), entre outros, trazem suas contribuições com intuito de demonstrar “a importância de que o professor conheça as novas tendências, partilhem informações e, principalmente, reflita sobre a prática docente, com vistas a um constante aprimoramento” (CAMPOS, 2010, p. 93). Ou seja, “*esse movimento social, suprapartidário*” apontado pela coordenadora

encaixa-se perfeitamente no cenário de uma formação continuada que permite a partilha de informações e reflexão sobre as práticas docentes, possibilitando uma viagem rumo a novas experiências e descobertas.

Sobre a escolha das temáticas para os Fóruns, a referida gestora menciona que costumam ser feitas no mês de fevereiro no qual é realizada a primeira reunião do FSMEI. As pessoas presentes, representantes de cada cidade, são contempladas com a oportunidade de manifestarem seus interesses e intenções. Durante esse momento da entrevista, um ponto importante e que merece destaque, foi quando a Coordenadora Pedagógica (CMMB) acrescenta dizendo que as escolhas dessas temáticas são realizadas “*muitas vezes pensando nos profissionais que a cidade tem*” devido ao fato de que não se disponibiliza “*caixa para contratação de profissionais*”. Partindo dessa fala, convidamos a mergulhar nas entrelinhas para juntos/as refletirmos a seguinte questão: Por qual motivo precisaríamos contratar mais profissionais se podemos utilizar o que temos? Muitas das vezes colocamos em pauta a falta de recursos e/ou possibilidades, mas esquecemos que bem próximo de nós, temos “diamantes brutos” que precisam ser lapidados para que tenhamos retornos ainda mais significativos. Assim foi, assim é! Pensando nesses profissionais e em suas habilidades, somando com a criatividade e a vontade de proporcionar algo novo e que agregue valores, as formações continuadas se tornam grandes aliadas nesse processo. Além de valorizar os/as profissionais da cidade, oportunizar formações e informações, fica notório que a educação só tende a ganhar. Ainda em sua argumentação, a Coordenadora explicita que:

O FSMEI tem um comitê gestor que também opina, gerencia, sugere, orienta, disponibiliza material bibliográfico, encaminha e oportuniza outras providências. Várias reuniões para deliberações, escolhas e possíveis mudanças acontecem nos encontros mensais e/ou quando demanda alguma necessidade (CMMB - Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil)

Neste caso, a gestora nos apresenta que existem muitas outras pessoas envolvidas nesse processo organizativo, ou seja, a condução é feita por uma gestão colegiada. Mas, afinal, o que seria uma Gestão Colegiada? De acordo com Menezes (2001) são mecanismos coletivos escolares, normalmente constituídos por professores/as, alunos/as, funcionários/as, pais/mães e por representantes da sociedade, escolhidos/as pela comunidade, tendo como objetivo apoiar a gestão da escola. Ou seja, ninguém pensa ou

faz algo sozinho/a. Existem inúmeras pessoas que, de alguma maneira, ativamente ou não, manifestam seus interesses, vontades, desejos e querências.

Ao ser questionada referente a divulgação e o alcance do Fórum, nos foi apresentado que, cada cidade fica responsável pela organização e divulgação quando estiver sediando o Fórum. Ou seja, durante o primeiro encontro no qual são realizadas as tomadas de decisões (locais, datas e temas), após registrarem isso, cada cidade “*se responsabiliza pelo local, inscrições, palestrante, exposições, materiais para as oficinas ou salas de discussão*”, sendo a divulgação realizada “*basicamente pelas redes sociais, sites de prefeituras, Facebook e correio eletrônico (e-mails), convites especiais para autoridades locais e muitas vezes convites para grupos de crianças das escolas e CMEIs*”. De acordo com CMMB - Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil do município de Lavras-MG:

A divulgação do 145º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil de Lavras, no ano de 2019 foi feita pela lista de e-mails que o banco de dados do Fórum disponibiliza. Também foram utilizados convites especiais para professoras/es, monitoras/es, especialistas, gestoras/es e crianças do Projeto ArtEduca Lavras que atende crianças de quatro a doze anos, no contraturno escolar (CMMB - Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil).

Como se pode perceber, existe uma organização prévia para o planejamento dos encontros, uma vez que em todo início de ano realiza-se uma primeira reunião para tomada de decisões, ou seja, verificar quais as cidades pretendem se envolver e como podem contribuir com os Fóruns. No caso do 145º FSMEI, a divulgação inicial aconteceu por meio da lista de e-mails mantida em um banco de dados pelos/as organizadores/as, além dos convites especiais para os/as profissionais da educação e os responsáveis pelo “Projeto ArtEduca”.



Fotografia 6. Convite para o 145º FSMEI – um oceano de possibilidades.

Ainda sobre os canais de divulgação e o acesso as informações do FSMEI, destaca-se o fato da gestora pedagógica indicar o acesso mediante as redes sociais:

Em caso de dúvidas, questionamentos e/ou curiosidades, sugiro as seguintes consultas:

Para consulta: Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil –

Blog/site: *fsmeimg.wixsite.com/fsmei* ou no ***Facebook:*** *fórum sul mineiro de educação infantil;*

Livro: *A História do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil – 1999/2016* <http://repositório.ufla.br> ou

fsmeimg.wixsite.com/fsmei/histórico (CMMB - Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil)

No tocante a quantidade de pessoas e os municípios envolvidos/as no 145º FSMEI, a gestora mencionou que são aproximadamente de vinte e cinco a trinta cidades participantes ativas no processo de discussão das políticas públicas para a melhoria da Educação Infantil e que realizam a formação de educadores e educadoras neste sentido. Para o 145º FSMEI, destacou-se a participação de:

35 gestoras/es, 35 especialistas e apoios pedagógicos, 120 professoras/es, 300 monitoras/es, 4.000 crianças na idade de 0 a 5 anos e 11 meses visto que no dia em que esse Fórum aconteceu, foram apresentados resultados dos trabalhos de um longo e dedicado tempo de aprendizagem, não só das crianças, mas de toda a rede municipal de educação (CMMB - Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil).

Pode-se observar que, a média de público acaba variando de acordo com a disponibilidade das pessoas convidadas e dos temas propostos. Ainda em sua narrativa, a Coordenadora Pedagógica comentou que os encontros são únicos e podem ser considerados como uma “caixinha de surpresas”, pois já vivenciaram “lotação máxima nos auditórios e salões por inúmeras vezes”. O FSMEI é considerado uma referência no que diz respeito a constituição de ambientes que potencializam as aprendizagens dos/as envolvidos/as. As educadoras e educadores das cidades localizadas ao Sul de Minas Gerais têm nesses eventos a oportunidade de discutir, refletir e trocar experiências com um mesmo objetivo, o de qualificar a Educação Infantil da região. Em algumas narrativas de docentes que participaram do Fórum, podemos notar as primeiras impressões sobre o referido encontro:

Fiquei boquiaberta com tamanha grandiosidade e beleza de conteúdo. Acredito que seja de extrema importância abordar questões como essas, referente as artes, porque auxilia no

desenvolvimento de muitas habilidades e podemos utilizar uma gama de materiais e possibilidades. Olha, esse fórum foi muito proveitoso! Estou retornando para minha cidade extasiada e repleta de informações maravilhosas para repassar as educadoras. Queria mais e mais... Tudo lindo! Lavras está de parabéns! (DMLE - Participante do 145º FSMEI)

Constata-se nos relatos produzidos as impressões e os significados do FSMEI no processo formativo dos/as educadores/as como espaço de troca e interlocução. Em um desses depoimentos, a professora MJT comentou sobre a importância de todos/as os/as educadores/as de Educação Infantil fazerem parte e participar de encontros como esses, ou ao menos que fossem “*oportunizados nas cidades o repasse desse material com as oficinas, atividades, palestras...*” Enfim, apresentando a importância de estimular e “*incentivar uma maior produção do conhecimento e valorização da nossa profissão*”. De acordo com alguns depoimentos, de pessoas que já tiveram oportunidade de participar de outros encontros como esse, a grande maioria registrou terem ficado encantadas com a “*riqueza de materiais, conteúdos e manifestações*”, igual registrado nas enunciações da professora DJN – Participante do 145º FSMEI. Em outros casos, pode-se observar que algumas pessoas nunca tiveram essa oportunidade e/ou foram envolvidas, pela primeira vez, dentro do contexto desses encontros, a partir do 145º FSMEI.

Analisando esses discursos disponibilizados por meio da coleta de dados, destaca-se um excerto de Foucault (1986, p.135) ao dizer que “chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva”, tendo em vista que não podem ser compreendidos isoladamente devido as múltiplas conectividades, permitindo que seja explorada e contempladas todas as manifestações, sem cair em definições circulares. Dessa maneira, dando sequência aos discursos apresentados, destaca-se o caso da monitora MIA ao exclamar que:

Foi uma novidade linda! Nunca tinha participado e dessa vez fizeram um sorteio na minha cidade e eu fui contemplada. Graças a Deus, porque foi tudo muito lindo, fiquei muito feliz de participar. Vou voltar pra minha cidade cheia de novidades e coisas diferentes pra contar. Não vejo a hora de colocar em prática o que aprendi aqui. Adorei o momento da oficina... Eu adoro fazer as coisas, com a prática a gente aprende muito mais, sem dúvidas vou fazer tudo com os meus alunos. Espero poder participar de outros (MIA - Participante do 145º FSMEI).

Nota-se na fala de MIA, não apenas o encantamento e a gratidão por ter a oportunidade de experienciar a vivência desses encontros, mas também a vontade de mostrar o novo, compartilhar as descobertas, “*colocar em prática o que aprendeu*”. Isso nos leva a conceber e entender, assim como Garcia (apud ANDRÉ, 2010, p. 175), a “*formação de professores como um elemento fundamental na qualidade da ação educativa*”. Ou seja, ao cartografar e analisar o tracejamento das linhas desse Fórum, pode-se notar que a formação de educadores e educadoras apresenta-se, cada vez mais, como uma possibilidade assertiva de rota.

A participante do 145º FSMEI, identificada como ACD, apresenta em seu depoimento a sensação de encantamento ao ressaltar que existia “*um clima gostoso, estampado na cara de quem estava participando*”. Ainda acrescentou alegando que tinha muita música, lindas obras de arte e que havia percebido as pessoas realmente interessadas em aprender e fazer a diferença. Para completar sua narrativa, disse que sentia falta de mais ações como aquelas e que seria perfeito se todos/as os/as educadores/as tivessem a oportunidade de participar desses momentos mágicos, com tanta troca de experiências. Surge assim, mais uma vez, a questão da heterogeneidade discursiva, segundo a qual à dispersão dos enunciados, “*refere-se a ideia de que eles são, antes de mais nada, acontecimentos*” (FISCHER, 2001, p.197), ou seja, constata-se nos discursos produzidos as impressões e os significados do FSMEI no processo formativo dos/as educadores/as como espaço de troca e interlocução. Como aponta DMLE, ao narrar que estava “*retornando para minha cidade extasiada e repleta de informações maravilhosas para repassar as educadoras*”. Seguem mais alguns depoimentos elogiosos que contribuem para avaliação dos impactos do encontro, a saber: “*todas as professoras de Educação Infantil deveriam participar desse tipo de encontro*” (DJN), pois isso estimula e incentiva a “*maior produção do conhecimento e valorização da nossa profissão*”. Nota-se o entusiasmo da professora quanto as reflexões sobre sua prática profissional provocadas pelos temas abordados no encontro.

Assim como DMLE, a participante MIA comentou que estava retornando para sua cidade “*cheia de novidades e coisas diferentes para contar*”, concluindo que não via “*a hora de colocar em prática*” o que havia aprendido. Em linhas gerais, as impressões iniciais foram marcadas pelo interesse, vontade e encantamento.

Ao acompanharmos um pouco esse contexto inicial do Fórum, apresentando os depoimentos acerca das impressões iniciais das participantes, caminhamos agora para debatermos mais detidamente o processo de formação continuada dos/as docentes.

5. FORMAÇÃO CONTINUADA: MULTIPLICIDADES RIZOMÁTICAS

Para compreensão da metáfora do rizoma¹³ que fora proposto por Deleuze e Guattari (1995), sugiro você se imaginar em uma viagem de barco no oceano, pois ao chegarmos em mar aberto poderíamos explorar inúmeras rotas para mapear e conhecer aquele ambiente, ou mesmo, tentar chegar em terra firme. Uma miríade de possibilidades de exploração, percepção e aprendizagem do ambiente aquático em questão, pois para o rizoma não existe um único caminho que nos faça compreender a riqueza do todo. O que existe são caminhos com “múltiplos fios puxados impulsionando conexões” (RIBEIRO, 2016, p. 18) e aprendizagens.

Essas prerrogativas rizomáticas tornam-se importantes na medida que favorecem o/a leitor/a acompanhar o movimento e o fluxo de conexões que buscaremos desvelar em torno dos processos de formação continuada provocados pelo FSMEI. Conforme os autores, a abordagem rizomática, entre outras coisas, não designa uma correlação localizável “que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 4).

Dessa maneira, rizomaticamente falando, não existe um ponto exato de partida e/ou chegada, razão pela qual pode ser considerado um processo de grandiosas descobertas, caminhos, rotas e novas trajetórias que cada indivíduo tem a oportunidade de seguir e/ou traçar. Nessa direção, Deleuze e Guattari (1995, p. 17) complementam que “um rizoma não começa nem concluí, ele encontra-se sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*”. Por esse motivo que, a partir do material empírico produzido, optei por abordar as questões referentes a formação continuada por meio das multiplicidades rizomáticas. De maneira que a pluralidade irá nos permitir observar e analisar os variados percursos de formação, as percepções e representações dos/as envolvidos/as no 145º FSMEI.

Sendo assim, com intuito de apresentar-lhes o modo pelo qual educadores e educadoras embarcaram nessa ‘encantadora viagem’ e acompanha-los/as durante o seu percurso que, rizomaticamente, tomamos rotas distintas. É nesse esforço inicial que irei

¹³ O conceito de rizoma foi retirado da Botânica onde sua descrição é referente a um caule horizontal, geralmente subterrâneo, cujas raízes se espalham de forma aparentemente desordenada e caótica, Deleuze e Guattari, em seu livro *Mil Platôs*, utilizam o termo para descrever uma forma não-hierárquica, não-estrutural, não-centrada e não-linear de organização, pensamento ou escrita, em contraste com a forma hierárquica, estrutural, centrada e linear dos modelos baseados na figura da árvore (SILVA, 2000, p. 98).

centrar a partir de agora, expondo as narrativas produzidas no diário de bordo e na entrevista desenvolvida com a gestão pedagógica do município.

Em um primeiro momento, destaco o relato da coordenadora pedagógica da Educação Infantil que apresenta como foram oportunizadas as primeiras orientações e experiências de formação para os/as educadores/as do município. Ao ler esse material, optou-se em organizá-lo por meio de temas que se identifica como sendo mais importantes e relevantes. Segue o depoimento da gestão no que tange a temática escolhida:

[...] Decidimos abordar as Artes por meio dos cinco sentidos – tato, visão, olfato, audição e paladar, tão importantes para o desenvolvimento pleno da criança na Educação Infantil – de zero a cinco anos e onze meses e também das pessoas presentes no encontro. Vivenciar com o nosso corpo é a melhor forma de chegarmos ao objetivo. (Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil)

As artes sempre tiveram um papel de fundamental importância na vida dos seres humanos, por isso mesmo o Currículo Referência de Minas Gerais (2019) por meio da lei nº 13.278/16 estabelece esse conteúdo como tema educacional, composto por quatro linguagens artísticas específicas, a saber: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Fernandes (s.d.) afirma que a economia e a vida em organização social são importantes, porém, destaca o valor das artes como indispensável à vida humana, em razão da sua história ser totalmente atrelada à história de todas as civilizações.

Nas artes encontramos os sentidos humanos como cerne, a partir dos quais percebemos o mundo e as coisas pelo tato, visão, audição, olfato e paladar. Chedid (2016) complementa que por meio dos cinco sentidos o ser humano conhece e reconhece as coisas e pessoas que o cerca. Dessa maneira, o autor defende que as escolas devem explorar e oportunizar momentos experiências com os sentidos, pois são “*importantes para o desenvolvimento pleno da criança na Educação Infantil*” (Coordenadora pedagógica).

Neila Baldi (NOVA ESCOLA, 2006) nos apresenta que, de maneira geral, para as artes os sentidos são os eixos centrais das linguagens e expressões artísticas, ao passo que a ideia apresentada pela Coordenadora pedagógica de “*entrelaçar as artes por meio dos sentidos*” pode ser considerada bem pertinente. A participante MFR, compartilha dizendo que “*a música, a alegria, o clima ‘junino’, não parou de incitar os sentidos de todas e todos presentes*” e finaliza dizendo: “*Lindo de se ver, de se viver!*”

A participante e colaboradora identificada como TBM, revelou que:

Para mim, que estive como responsável de uma oficina, foi um desafio muito grande. Falar de um assunto que não conhecia muito afundo, mas com a parceria das outras coordenadoras acredito que obtivemos sucesso. Nossa proposta foi que através da música tocada, as pessoas pudessem transferir para o papel o sentimento daquele momento. O que aquela música despertou a ela. Foi muito prazeroso trocar experiências e perceber que as pessoas que estavam em nossa oficina descobriram a capacidade de pintar e se emocionaram ao ver os trabalhos que elas mesmas realizaram. Também percebemos juntas que existem possibilidades que podem ser inseridas nas atividades escolares para trabalhar a inclusão das crianças especiais. Em nossa oficina havia uma pessoa portadora de deficiência visual que ao ouvir a música fez um trabalho incrível. Foi muito gratificante (TBM - Coordenadora Pedagógica de CMEI no município de Lavras-MG).

A partir do depoimento da Coordenadora Pedagógica do CMEI que participou e colaborou para a realização do 145º FSMEI, podemos perceber que os obstáculos surgiram, mas é como diz Marianna Moreno (s.d.), “são os desafios da vida que nos impulsionam para frente”.

Partiremos agora para as orientações que foram compartilhadas com os/as educadores/as no que diz respeito ao trabalho com as artes. De acordo com a Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil do município de Lavras-MG, o primeiro passo foi pensar em como articular as artes e suas inúmeras possibilidades de inclusão dos sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar). A partir desse primeiro passo, surge a ideia de como veicular o sentido da visão, trazendo a experiência por meio de observações das artes visuais. Para isso, foram apresentadas obras de artes realizadas pelas crianças com o auxílio de educadores/as, durante uma Mostra de Arte, sendo que a experiência vivenciada nas Escolas e CMEIs foram retratadas de maneira que o público visualizasse cada etapa das atividades por meio de caixas devidamente decoradas e com fotos que ilustravam o passo a passo de todo o processo.



Fotografia 7. Cascata de manifestações artísticas representadas em caixas.

Fotografia 8. Enxurrada de representações e manifestações artísticas apresentadas em caixas durante o 145º FSMEI.



O sentido da audição foi apresentado junto ao Grupo Remendo Musical que é formado por quatro educadores da cidade de Lavras. Educador/as esse/as que em suas ações, demonstram um desejo em comum: “contar, cantar e encantar” as pessoas. Durante o evento, a música e a exploração de variadas possibilidades de sons por meio de instrumentos musicais confeccionados a partir de materiais recicláveis e papeis, foi envolvente e contou com a participação ativa de todas as pessoas que estavam presentes no evento, que cantaram e tocaram à vontade. Em seu discurso, a Coordenadora se emociona e menciona que o que aconteceu “*Foi incrível!*” e complementa dizendo que ficou reflexiva em perceber “*como isso tudo é relevante para o ser humano vivenciar em*

qualquer fase da vida”. Muitas das vezes não nos permitimos e deixamos passar oportunidades incríveis, tudo por vergonha ou por “achar” que não temos mais idade para isso, um evento como esse, nos permite, nos liberta e nos faz enxergar uma “rizomaticidade” de possibilidades.



Fotografia 9. O incrível mergulho em um mar de possibilidades. Cantando, tocando e se permitindo com a música ‘Bolinho de Fubá’, conduzida pelo Grupo Remendo Musical durante o 145º FSMEI.

Durante essa viagem, na busca incessante, no ir e vir de informações, faz-se interessante e necessário destacar outras falas de participantes que nos permitem desvelar essas multiplicidades rizomáticas. Ainda sobre nos permitir as possibilidades, a participante LMCF apresenta que se sentiu extremamente feliz e impactada com a profundidade das obras e a interrelação com cada detalhe observado. E ainda acrescentou que havia ficado pasma ao ver as obras “*representadas pelas mãos das crianças*”. Cada momento experienciado havia sido registrado e apresentado em forma de arte, com isso, de acordo com LMCF, pôde-se perceber que “*houve imersão na história do sertão, do Nordeste, na cultura...*”, ou seja, nos deparamos com a(s) possibilidade(s) e resultado(s) das formações continuadas. Ela finalizou dizendo que queria mostrar para as filhas de 2 e 4 anos, para elas verem o que as crianças do município haviam feito: “*os coloridos, as texturas... Tudo muito lindo!*”. Essa narrativa da participante LMCF nos leva a refletir sobre essas possibilidades anteriormente mencionadas. Se pararmos para analisar, encontramos em sua fala algumas questões que nos direcionam para essas possibilidades. Um exemplo a se refletir é logo no início do depoimento, quando ela diz que ficou “*feliz*

e impactada com a profundidade das obras”, ainda mais ao ver que as obras haviam sido “representadas pelas mãos das crianças”. De qual possibilidade estamos falando? A possibilidade de crianças serem protagonistas nas artes, pois independentemente da idade é possível fazer arte, consoante observamos logo abaixo:



Fotografia 10. Mosaico - Uma enchente de manifestações, artes, criações e possibilidades com crianças da Educação Infantil.

Ao voltarmos a atenção para o sentido do tato, a Coordenadora Pedagógica (CMMB) destacou em sua fala que o que mais marcou sua infância foram as “*brincadeiras corporais*” e ao saber da pesquisa realizada pela professora Fernanda Souza, ela resolveu convidá-la para realizar uma palestra sobre o assunto. A palestrante, professora de Educação Física, apresentou o percurso e o resultado de sua pesquisa voltada para “*a descoberta das lengas-lengas (músicas com cadências diversas aliadas a movimentos com as mãos, braços e com o corpo)*”. De acordo com CMMB:

Muitas pessoas pensam que quando a criança vai para a Escola ela vai para estudar e não para brincar. Será necessário falar para sempre aos educadores/as que o brincar é pura sensibilidade, movimento do corpo e concentração ativa. Foi muito corrida a apresentação da professora Fernanda Souza. Precisamos organizar melhor esses tempos (Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil).

Pode-se perceber que ainda existe um pré-julgamento ou, melhor dizendo, uma falta de informação latente no que se refere a educação de bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas. Ao dizer que “*será necessário falar para sempre aos educadores/as*”, destaca-se mais uma vez a necessidade e importância das formações continuadas que, de acordo com Zabalza (apud GARCIA, 1999, p. 26) é o processo pelo qual “os professores aprendem e desenvolvem a sua competência profissional”.



Fotografia 11. Vamos aprender fazendo? Imersão de educadores e educadoras, com participação ativa, em brincadeiras de lenga-lenga durante o 145º FSMEI.

A Coordenadora Pedagógica CMMB revela que para introduzir o olfato e o paladar como ferramentas do processo de formação das pessoas presentes, foram oportunizadas experiências degustativas de quitutes juninos. Vale ressaltar que esses quitutes foram “*escolhidos pelas crianças nas Escolas e CMEIs, para serem servidos no evento*”.

Fotografia 12. Mesa de quitutes que desaguarão no 145º FSMEI para degustação e apreciação dos/as participantes.



A Coordenadora CMMB ainda ressalta o fato de que “*as atividades de culinária acontecem com muita frequência nas Unidades Escolares da rede*”. Com essa fala, fica claro o envolvimento das várias áreas do saber que, rizomaticamente falando, impulsionam as conexões dos múltiplos fios puxados (RIBEIRO, 2016).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) apresenta como um dos objetivos gerais da Educação Infantil o fato da criança ser levada a conhecer e descobrir o próprio corpo, suas potencialidades e seus limites,

desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado e bem-estar. Diante disso, convém destacar que os cinco sentidos são fundamentais porque por meio deles a criança percebe e interage com o mundo ao seu redor, ao mesmo tempo que vai se apropriando do próprio corpo.

Com a intenção de aprofundar a análise sobre as orientações explicitadas pela coordenadora pedagógica, destacamos a perspectiva teórica defendida por Chedid (2016), ao expor as funções de cada um dos cinco sentidos:

1. A visão é o sentido capaz de perceber a luz e a formação de imagens (estímulos luminosos), por meio dos fotorreceptores localizados nos olhos, mais precisamente na retina;
2. A audição é o sentido capaz de captar e perceber as ondas sonoras, por meio dos fonorreceptores localizados em uma região da orelha denominada de cóclea;
3. O olfato é o sentido capaz de captar o odor das partículas químicas presentes no ar, por meio dos quimiorreceptores localizados no epitélio olfatório, localizado no alto da cavidade nasal;
4. O paladar é o sentido capaz de perceber os sabores dos alimentos, por meio dos quimiorreceptores localizados nas papilas gustativas, distribuídas por toda a língua, palato, faringe, epiglote e laringe. O olfato também ajuda a perceber o sabor;
5. O tato é o sentido capaz de perceber as texturas, dor, temperatura e pressão, por meio dos mecanorreceptores presentes em toda a pele, mucosas e algumas vísceras (CHEDID, 2016, pp. 1-2)

Realizando uma breve retomada aos cinco sentidos e a maneira em que foram disponibilizados enquanto ferramentas de formação, faz-se necessário e importante destacar que ao propor atividades com o sentido da visão, a referida Coordenadora Pedagógica apresenta que a ideia inicial foi realizar releitura de obras que, posteriormente, foram expostas em uma Mostra de Artes. Nessa exposição, ela salienta que o registro “*da experiência vivida nas Escolas e CMEIs foi retratada de forma que o público visualizasse cada etapa do trabalho*” (grifo meu). Ou seja, além de oportunizar experiências formativas por meio do sentido da visão no interior das Escolas e CMEIs, a experiência estética provocada pela exposição também compôs parte do trabalho pedagógico desenvolvido pelos/as educadores/as.

Para o sentido da audição, a Coordenadora alegou que as/os docentes oportunizaram às crianças determinados momentos diversificados com músicas e por meio da exploração de sons de instrumentos confeccionados com material reciclado.



Fotografia 13. Crianças da Educação Infantil mergulhadas na nostalgia do conhecimento em artes musicais.



Fotografia 14. Sem sair do lugar, uma viagem de possibilidades e novas descobertas.

Ao abordar o sentido do tato, foram apresentadas brincadeiras realizadas com o corpo, destacando de maneira especial o trabalho da professora FS em torno das lengas-lengas. Em um artigo realizado para a Revista Nova Escola, Mara Mansani (2018) afirma que:

A lenga-lenga é um texto construído com frases curtas, que geralmente rimam, ajudando na sua memorização. Ela se baseia na repetição de sons, rimas, palavras ou expressões e estruturas textuais. Geralmente está associada a brincadeiras e jogos infantis. Da tradição oral portuguesa, da era Medieval, as lenga-lengas são transmitidas de geração em geração (p. 35).

Uma das propostas encontradas na BNCC (2017) refere-se aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento da criança que asseguram, na Educação Infantil, as condições necessárias para que elas aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo. Os processos pedagógicos devem favorecer, portanto, o “conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se” pelos pequenos (pp. 37-38).

Pode-se considerar que o exemplo oferecido com as lengas-lengas atende aos direitos de aprendizagem das crianças, pois o brincar com palavras e rimas está associado as interações e a ludicidade. De modo geral, permite a criança conhecer e identificar novas palavras por intermédio da liberdade de expressão, conforme mencionado pela Coordenadora: *“as músicas com cadências diversas aliadas a movimentos com as mãos, braços, corpos acabam por estimular a criação pelas crianças”*.

Destaca-se ainda o fato do senso-comum considerar que quando a criança vai para a instituição educacional, vai para ‘estudar e não para brincar’. Contudo, as Diretrizes

Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) defendem que os respectivos princípios que devem ser respeitados nas propostas pedagógicas com crianças, quais sejam:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (grifo meu) (p.16).

Sendo assim, sublinho os princípios estéticos, uma vez que ressaltam questões relacionadas ao despertar da sensibilidade, criatividade, ludicidade e liberdade de expressão. Santos (2002) aponta que a palavra ludicidade origina-se do latim *ludos* que quer dizer brincar, sendo que nesse ato incluem-se os brinquedos e jogos que facilitam “a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural” (p. 12). Por outras palavras, essas expressões fomentam os processos de socialização, comunicação, expressão, sensibilidade e construção de conhecimento pela criança.

Ao inserir nos planejamentos os sentidos olfato e paladar, conforme relato da gestora pedagógica apresentado anteriormente, optou-se por oportunizar “*a apreciação do olfato e do paladar pela degustação de quitutes juninos, uma vez que o encontro do 145º FSMEI foi desenvolvido durante o mês de junho*”. Segundo ela, como as atividades culinárias fazem parte do dia-a-dia e do fazer escolar, as receitas elaboradas e desenvolvidas foram disponibilizadas no dia do encontro.

No decorrer do 145º FSMEI, foram criados grupos de trabalho que se direcionaram para uma determinada oficina de formação pedagógica que se relacionava com as temáticas dos cinco sentidos, pois cada qual buscava explorar um deles e/ou a falta dos mesmos. Muitos foram os relatos dos/as participantes do Fórum, mas o da participante MS foi considerado como um depoimento completo e que nos leva a algumas reflexões:

Fiquei maravilhada com tantas obras de arte. O espaço onde aconteceu o evento ficou simplesmente maravilhoso, cheio de cores, parecia até que tinha criado vida. As pessoas que entravam, dava pra ver nos olhares, não teve ninguém que ficou sem contemplar tamanha beleza e riqueza de detalhes. Tudo estava interligado, até a mesa do café era com comidas típicas das festas juninas. O material oferecido para os participantes, ficou muito legal. Tinha de tudo: bloquinho,

informativo, cronograma, até um instrumento musical feito de material reciclado tinha. Quanto ao momento das oficinas fui sorteada para participar da oficina do paladar e sinceramente não gostei. Se estamos em um ambiente que aborda questões referentes a Educação Infantil, acredito que tudo que se aborda deveria estar voltado para esse seguimento. Por exemplo: durante essa oficina que abordava a temática das artes e do paladar, alguns alimentos foram disponibilizados para apreciação dos participantes a partir de um jogo onde cada pessoa deveria adivinhar o que havia experimentado (se era doce, salgado, azedo, amargo, forte, fraco, bom ou ruim, enfim...o que era). Dentre os alimentos que havia lá, percebi coisas que não dariam para ser oferecidas para crianças da Educação Infantil (pimenta, por exemplo). Acredito que seria melhor se tivesse mostrado possibilidades para se trabalhar com as crianças, compreende? Permitindo sim que elas experimentassem o doce, o salgado, azedo, amargo, mas de uma maneira mais coerente com a idade. Minha maior preocupação é pensar que existe muita gente sem noção e vendo isso pode acabar repetindo com as crianças. Isso me mata, dá até um frio na barriga, porque infelizmente é real. Outro detalhe que considero importante destacar foram as apresentações, ficaram lindas, principalmente por ter contemplado as questões da diversidade, mas senti falta das crianças de Educação Infantil apresentando, pelo que percebi foram apresentações apenas com crianças do Ensino Fundamental. Quem sabe para uma próxima, pensar em apresentações com as crianças da Educação Infantil, afinal a valorização desse seguimento precisa acontecer de maneira efetiva. (MS - Participante do 145º FSMEI).

Conforme mencionado anteriormente, pode-se perceber que o relato da participante foi bastante completo e nessa narrativa, o que mais chamou a atenção foram as críticas realizadas, ao ressaltar que *“se os Fóruns são destinados as questões referentes à Educação Infantil, e que tudo que se aborda deveria estar voltado para esse seguimento”*. Trata-se de uma reflexão pertinente, tendo em vista que na Carta de Princípios do FSMEI, já disponibilizada anteriormente, existem apontamentos que reforçam os argumentos colocados. Isso fica evidente ao afirmarmos que o FSMEI é um espaço comprometido com a expansão e melhoria da Educação Infantil, ou quando alegamos ser um espaço para *“socialização de informações, articulação e mobilização de parceiros visando uma conjunção de esforços para promover essa etapa de ensino”* (Carta de Princípios FSMEI).

Presume-se que as propostas, conforme revelado por MS, embora *“terem ficado lindas e com uma abordagem super significativa”*, faltaram *“as crianças de Educação*

Infantil como protagonistas”, pois ela percebeu que, em sua grande maioria, as apresentações foram realizadas com crianças do Ensino Fundamental.



Fotografias 15 e 16. Preparação e Apresentação dos/as participantes do ‘Projeto ArtEduca’ – uma chuva de possibilidades artísticas para crianças a partir de 5 anos.

Diante disso, sugeriu que *“para uma próxima, poderia se pensar em apresentações com as crianças da Educação Infantil, afinal a valorização desse seguimento precisa acontecer de maneira efetiva”*. Sendo assim, advogamos pelo maior protagonismo e atuação de crianças dessa etapa de ensino, tanto no que diz respeito as sugestões de atividades no interior do próprio Fórum como no desenvolvimento das apresentações.

Dito isso, agora iremos nos deter a conhecer os aportes teóricos que fundamentaram o processo de formação continuada das/os docentes:

[...] as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998), Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), Livro: Brinquedos e Brincadeiras nas Creches - Manual de Orientação Pedagógica (2012), Livro: Descobrimo Grandes Artistas – a prática da arte para crianças - Artmed (2001), Livro: Currículo na Educação Infantil – FNDE – Ática (2012), Caderno Brincar Vol. 2 – Propostas práticas para brincadeiras inclusivas na Educação Infantil – Revista Nova Escola (2018), Livro: Práticas Comentadas Para Inspirar – Formação de Professor de Educação Infantil – 0 a 3 anos – PNLD Editora do Brasil (2017) e fontes da internet, cuja imagens de obras serviram como referência e foram as principais fontes de análise e estudo. Acredito que muitos dos estudos realizados por mim, ao longo de minha carreira, contribuíram imensamente para

as orientações e sugestões. (Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil).

Fica notório que, dentre as fontes utilizadas, encontram-se principalmente os documentos norteadores da/para a Educação Infantil. A escolha inicial por essas fontes oficiais parece ter sido feita com a finalidade de aprofundar as bases legais que sustentam os direitos das crianças à Educação Infantil, bem como, permitir que os/as professores/as e demais profissionais, entendessem as diferentes acepções de arte presentes nesses documentos.

Nas Diretrizes Curriculares, por exemplo, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 9.394/1996, art. 29), a Educação Infantil apresenta-se inserida na primeira etapa da educação básica e tem como principal finalidade “o desenvolvimento integral de crianças até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, p. 30). Além disso, a Constituição Federativa do Brasil (BRASIL, 1988) apresentada no artigo 208, inciso IV, coloca que o dever do Estado é garantir “creches e pré-escolas, às crianças até 5 anos e 11 meses de idade” (p. 66).

Já o Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) se divide em três volumes da seguinte maneira: no primeiro volume pode-se encontrar uma ‘introdução’ abordando o perfil profissional dos/as professores/as de Educação Infantil, além de mencionar as formas de organização por eixo, idade, conteúdo, espaços, seleção de materiais e a proposta da instituição, junto ao projeto educativo; no segundo volume encontramos a abordagem referente a formação pessoal e social mediante uma proposta de divisão de conteúdos e atividades por faixa etária (zero a três anos e de quatro a seis anos). Nesse contexto, há um destaque aos jogos e brincadeiras, a organização de ambientes de cuidados essenciais e ao tempo a ser gasto; no terceiro volume apresentado, a abordagem acontecia em torno do conhecimento de mundo, representado pelo oportunização da criança a determinados eixos de conhecimento, tais como: a linguagem oral e escrita, a matemática, natureza e sociedade, artes visuais, música e movimento (BRASIL, 1998).

A Coordenadora mencionou também a BNCC (2017), documento esse que, segundo Bittencourt (2017), teve sua primeira versão publicada e disponibilizada para consulta pública em setembro de 2015, sendo “elaborada pelo Ministério da Educação (MEC) com apoio do Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) e a da

União de Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME)” (BITTENCOURT, 2019, p. 557). A BNCC é um documento elaborado e organizado considerando a especificidade das diferentes etapas da educação básica, que apresenta como objetivo a definição dos “conhecimentos fundamentais aos quais todo e toda estudante brasileiro deve ter acesso para que seus Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento sejam assegurados” (2015, p. 13).

Outro material utilizado foi o livro “Brinquedos e Brincadeiras nas Creches – Manual de Orientação Pedagógica” (2012), o qual surgiu como um documento técnico para orientação de educadores/as e demais envolvidos na área da educação para o momento da “seleção, organização e uso de brinquedos, materiais e brincadeiras” (p. 12), mostrando possibilidades de organização de tempos e espaços, tipos de atividades, conteúdos, diversidades de materiais que acabam por construir valores para uma Educação Infantil de qualidade.

O livro “Descobrimos Grandes Artistas – A prática da arte para crianças” foi utilizado como referência por constituir um conjunto de atividades artísticas que poderiam inspirar os/as docentes na criação de propostas significativas para crianças pequenas. Nessa obra podemos encontrar várias técnicas distintas para as propostas artísticas e diferentes artistas de projeção histórica, do Renascimento até os tempos atuais, bem como suas biografias.

No que tange a obra “Currículo na Educação Infantil”, Oliveira (2010, p. 4) destaca que a organização dos processos pedagógicos deve “articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico da sociedade”. Tal definição de currículo possibilita uma visão inovadora de melhoria das práticas vivenciadas pelas crianças em unidades de Educação Infantil, permitindo a articular suas experiências e saberes.

No estudo do “Caderno Brincar – Propostas práticas para brincadeiras inclusivas na Educação Infantil” (KRAUSE et al, 2019, p. 8), procurou-se abarcar as discussões referentes aos processos de inclusão escolar de crianças na Educação Infantil. Nesse sentido, destaco a máxima da coordenadora pedagógica da Educação Especial do município ao dizer que *“buscar a inclusão efetiva não é tarefa fácil, mas é direito de todos”*. Partindo dessa afirmação, explicito a seguir, duas narrativas envolvendo detalhes de como essa discussão específica atravessou o 145º FSMEI:

Sou responsável pela Educação Especial e confesso que queria muito oportunizar a ideia de uma inclusão real. Conversando no preparatório do tema, ficou firmado a importância de se pensar no todo. Trabalhar os sentidos foi simplesmente FANTÁSTICO! Detalhe: os sentidos e a falta deles. Foi realmente especial (VVLT – Coordenadora da Educação Especial do município de Lavras)

Por ser deficiente visual, digo que esse evento superou minhas expectativas. Falo isso pois sei das barreiras enfrentadas por pessoas que, assim como eu, apresentam alguma característica diferente dos demais. As pessoas ainda tem dificuldade em pensar no que é diferente. No 145º FSMEI, pude vivenciar vários momentos em que me senti acolhida e pertencente de todas as ações. Pude perceber também que, em vários momentos, a inclusão real estava presente. O que eu achei mais incrível foram as oficinas que possibilitaram as pessoas trabalharem com esse tema tão importante, que são as artes e suas diferentes manifestações e tudo junto aos cinco sentidos, permitindo com que os participantes vivenciassem a falta deles também. Por exemplo: pintar sem enxergar, desenhar com os pés, cantar com a LIBRAS... A equipe organizadora está de parabéns (EC – Participante do 145º FSMEI).

Mediante os relatos apresentados anteriormente, nota-se o quão importante e necessário são as abordagens que entremeiam as artes e o debate da inclusão escolar. Nos dizeres da VVLT, destaca-se o momento sobre o qual apresenta uma experiência durante o Fórum: *“trabalhar os sentidos foi simplesmente fantástico, mas a falta deles permitiu pensar além”*.



Fotografia 17. Discente da rede municipal de ensino, deficiente visual, que oportunizou um banho de conhecimento, ao recitar uma poesia que aprendeu em LIBRAS.

Nessa esteira de análise, evidenciamos o depoimento da participante deficiente visual, por saber e vivenciar as barreiras enfrentadas por pessoas que, assim como ela, *“apresentam alguma característica diferente dos demais”* (EC – participante do 145º FSMEI). Ela ficou encantada dizendo que o 145º FSMEI superou suas expectativas por

ter sido “acolhida e ter podido participar de todas as ações”. A partir de uma reflexão mediante a fala dessa participante, nota-se o fato de que pode ser difícil, mas não impossível incluir e acolher verdadeiramente as pessoas que apresentam características “diferentes dos/as demais. Infelizmente ainda vivemos em uma sociedade que muito se fala sobre inclusão, mas verdadeiramente pouco se faz para conquistar com eficácia esse objetivo”. Com isso, pode-se dizer que, mais uma vez ficou evidenciado a importância de se abordar, discutir e realmente colocar em prática ações que envolvam e garantam o direito da participação e inclusão de todas as pessoas.

Avançando na apresentação dos materiais, temos agora o último dos livros estudados pelos/as docentes/as, cujo título é “Práticas Comentadas para Inspirar: Formação de Professor de Educação Infantil” e integra o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Trata-se de uma proposição do MEC e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) que se organiza em dez capítulos cuja finalidade consiste em discutir os cinco campos de experiências apontados na BNCC (ROSSET et al, 2017, p. 4).

Todos esses materiais mencionados pela Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil foram utilizados como base de estudo e aprofundamento dos/as docentes. Além dessas referências de ordem mais geral, passo a apresentar agora os materiais mais circunscritos às atividades com as artes na Educação Infantil.

Em meio ao movimento formativo, foram surgindo várias ideias e possibilidades, mas de acordo com CMMB, a sugestão que ganhou destaque para se abordar a temática das artes visuais, foi baseada em “*pesquisas com artistas/pintores renomados*”, ou seja, os/as mais ‘conhecidos/as’, “*cujas obras relacionassem ao povo brasileiro, ao homem do campo, as festas juninas*”, que posteriormente levariam a ação das atividades com “*leitura e releitura dessas obras*”. A principal proposta era de oportunizar primeiramente a produção dessas leituras e releituras pelos/as monitores/as, professores/as, especialistas e demais funcionários/as em módulo II (como uma formação continuada), para subsequentemente ser colocado em prática com as crianças.



Fotografia 18. Mosaico de um mergulho intenso e profundo em novas perspectivas em artes.

A partir desses levantamentos, eles/as deram início a produção de propostas pedagógicas possíveis por meio de leituras e releituras dessas obras, tendo em vista caucionar ações pedagógicas que seriam desenvolvidas com as crianças. Sobre isso, a gestora revelou que escutou dos/as próprios/as docentes:

Muitos profissionais, tiveram pela primeira vez, contato com tão nobre ensinamento por meio das artes visuais/plásticas. Sentiram-se bem com essa apropriação de conhecimento, apoiadas e na obrigação de levarem esses conhecimentos e experiências às crianças. (Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil)

Berbaum (apud GARCIA, 1999, p. 22) destaca que ação de formação pode ser considerada “aquela em que a mudança se consegue através de uma intervenção”, a qual existe participação consciente do/a formando/a, bem como, uma vontade explícita de atingir um determinado objetivo. Partindo da ideia trazida por García (1999) por meio da fala de Berbaum, e refletindo mediante o depoimento citado, assim como em outros relatos, pode-se observar a importância de uma formação para os/as profissionais da educação. Ninguém nasce sabendo e em muitos casos, os/as profissionais são cobrados/as e devem ensinar, mas como ensinar sem saber? Na fala de CMMB fica explicitado que alguns/algumas dos/as profissionais, “*tiveram pela primeira vez*” contato com esse tipo de ensinamento. A mudança em que Berbaum retrata, surgiu no momento em que lhes foram oportunizados momentos de intervenção, participação e que reverberou em novas ações e participações contendo um objetivo em comum, multiplicar os ensinamentos, fazer fluir, dar sentido e significado as formações continuadas.

Fotografia 19. Mosaico das Formações Continuidas - Um temporal de conhecimento, inovação, estudos e possibilidades.



No caso das artes táteis, a sugestão foi direcionada para uma “*experimentação-tátil e sinestésico-corporal, de movimento, com as crianças de 0 a 5 anos e 11 meses*”. De acordo com CMMB, foram encontradas e disponibilizadas muitas sugestões e variações desse tipo de atividade em revistas de educação, fazendo-se importante ressaltar que, segundo a gestora, essa foi uma tentativa de adequação e ajuste às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, pois nesse material consta que as práticas pedagógicas integrantes do currículo desta etapa de ensino precisam ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, no sentido de promover o conhecimento “de si e do mundo pela criança por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla e expressão da individualidade” (DCNE, 2010, p. 25). Para o desenvolvimento de tais atividades, foram utilizados alguns “*elementos como sago, gelatina, tintas variadas (feitas com elementos naturais), cola colorida, argila, massinha de modelar, dentre outros*”, dos quais as crianças tiveram a oportunidade de manusear e senti-los, desenvolvendo seus potenciais de sentirem por meio das mãos, pés e/ou com outras partes do corpo.



Fotografias 20, 21 e 22. Crianças da Educação Infantil nadando em rios de pura arte e técnicas variadas.

Com a intenção de aguçar o paladar e o olfato por meio dos festejos juninos, foram feitos com as crianças os quitutes típicos a partir de receitas tradicionais que também

envolveram as famílias. Segundo a gestora, a intenção era atender as DCNEI com relação as atividades com as artes, mas por intermédio dessas ações, transcender e proporcionar:

[...] experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos [...];
 [...] vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade [...];
 [...] curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza [...];
 [...] interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras (2010, p. 25-27).

Em relação as vivências éticas e estéticas, ao que parece, houve um esforço para oportunizar as descobertas das crianças e participação direta das famílias. Essas ações foram desenvolvidas, segundo a Coordenadora, por considerar que “*as artes, a música, o movimento são importantes fatores para o desenvolvimento da aprendizagem*”. De fato, essas afirmações também corroboram com os documentos oficiais orientadores, conforme observamos a seguir:

[...] a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical [...];
 [...] confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas [...];
 [...] o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura (BRASIL, 2010, p. 25-27).

Em seu depoimento, a Coordenadora Pedagógica disse que como pedagoga considera as artes, em suas diferentes manifestações, importantes ferramentas para garantir o desenvolvimento e a aprendizagem. Ela acredita na “*música como um dos elementos chave para o desenvolvimento infantil*” e complementa afirmando que é preciso do corpo, sendo o principal sentido a audição, para desfrutar da música. Para ajudar com essa parte e realizar a abertura do evento, foi convidado o Grupo Remendo Musical que levou consigo “*elementos básicos para despertar o interesse e descoberta para a música, para o ouvir e também se expressar*” (CMMB - Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil)

No que diz respeito especificamente a música, conforme mencionado anteriormente pela gestora, o Grupo Remendo Musical convidado para a abertura do evento, levou consigo um trabalho “*envolvente, teatral e repleto de possibilidades de aprendizagens significativas o que vai de encontro ao Currículo Referencial*”.

Diante de toda essa movimentação no processo formativo dos/as educadores/as envolvendo os cinco sentidos, a impressão da gestora pedagógica foi bem otimista. Ela menciona o fato de ter considerado o resultado significativo, sendo considerado como um resultado “*muito maior do que o imaginado*”. Em sua narrativa, a Coordenadora CMMB complementa sua fala relatando que:

Pensava eu que, os/as profissionais não compreenderiam a proposta, visto que não vivenciaram em seus cursos de formação acadêmica, algo que as subsidiassem em relação a temática. Me enganei. Fui surpreendida com grande interesse, envolvimento e profissionalismo dos/as educadores/as. Sendo muito superior às minhas expectativas. Fiquei tão empolgada que iniciei as visitas, em horário escolar, para apreciar e também intervir in loco, com a intenção de que houvesse maior entendimento dos/as profissionais envolvidos/as e também das crianças. As ações foram realizadas nos meses de abril, maio e junho (Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil).

Como estudante de pedagogia, infelizmente posso falar que sim, as vivências em cursos de formação acadêmica não subsidiam os/as docentes em relação a muitas temáticas, dentre elas a das artes. Esse motivo nos leva a destacar o quão importante e necessário são as formações continuadas para que ocorra o real envolvimento, conforme mencionado pela gestora. Analisando os relatos e narrativas coletadas para o material empírico, fica clara a ideia de que o “*grande interesse, envolvimento e profissionalismo*” foi ainda mais a florado a partir das formações oferecidas e disponibilizadas para esses/essas profissionais. Segundo HB, professor participante do 145º Fórum, “*foi uma honra participar de um evento como esse*”. O fato de terem oportunizado propostas de estudos direcionados a “*esse tipo de temática, transborda o meu coração de alegria. Venho de uma família que respira arte.*” O professor mencionou ter se sentido “*realizado enquanto pessoa, pai e profissional*” ao ver tal “*assunto sendo abordado com a intenção de auxiliar professores da Educação Infantil*”. Outra narrativa da qual observa-se a importância dessas formações foi a da participante CMR que comenta sobre “*as riquezas nas oficinas que ocorreram antes do trabalho com as crianças; a abordagem com*

artistas”, enfim, momentos dos quais fica registrado um breve retorno e reconhecimento dessas ações.

Antes de darmos sequência às discussões desse material, destaca-se mais um depoimento em que a participante deixa explicitado em sua narrativa a questão que envolve o potencial e importância dessas formações:

Fiquei impressionada com tantos detalhes. Uma obra mais linda do que a outra, tudo dentro do mesmo contexto, mas de uma maneira múltipla, possuindo cada um a sua identidade. Assim como a arte deve ser, com um propósito, porém recheada de possibilidades. Sou professora de música e participar da oficina da audição foi uma experiência maravilhosa e enriquecedora. Gostaria de ter participado das outras oficinas também para aprender novas técnicas e possibilidades de abordagem com as crianças (grifo meu), mas fiquei muito feliz com a que participei.” (EMB – Participante do 145º FSMEI)

Retomando as analogias sobre as viagens, convido-lhes a refletir sobre o seguinte pensamento: se pegarmos um mapa sem compreender como se realiza a leitura e interpretação do mesmo, conseguiríamos seguir viagem de forma segura e contextualizada, uma vez que podem existir múltiplas maneiras que nos levem ou nos afastem de nossos objetivos? A analogia sugerida nos direciona a pensar que o estudo deste mapa faz-se necessário para uma melhor condução dessa viagem. Quando a participante EMB diz sobre ter “*tudo dentro do mesmo contexto, mas de uma maneira múltipla, possuindo cada um a sua identidade*”, mais uma vez é possível visualizar a diferença que uma formação continuada pode proporcionar. Em ‘grifo meu’, destaco a ideia central a ser abordada e que foi trazida pela participante quando mencionou que “*participar da oficina da audição foi uma experiência maravilhosa e enriquecedora*”. Em contrapartida ela complementa destacando que seria ótimo se tivesse a oportunidade de participar das outras oficinas, pois aprenderia “*novas técnicas e possibilidades de abordagem com as crianças*”. Sendo assim, acredito ser preciso (re)significar também a ideia das formações para que possamos ter consciência da importância de se ampliar o conhecimento, deixando de lado o comodismo de ‘querer’ ou até mesmo ‘preferir’ o que nos é mais cômodo, ao invés de investir no novo e/ou diferente.



Fotografias 23, 24, 25, 26, 27 e 28. Educadores e Educadoras em uma viagem rizomática que perpassou pelas oficinas temáticas (artes e os cinco sentidos e/ou a falta deles) no 145º FSMEI.

São muitas as dúvidas e questionamentos que nos rodeiam, porém, isso se faz necessário para que coloquemos em funcionamento nossa “fabrica do próprio pensar”:

Se não deixam que você fabrique suas questões, com elementos vindos de toda parte, de qualquer lugar, se as colocam a você, não tem muito a dizer. A arte de construir um problema é muito importante: inventa-se um problema, uma posição de problema antes de se encontrar a solução (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 9).

Durante o processo essas questões surgiram, desafios brotaram e ideias borbulharam, mas eles/as tinham que seguir em frente, entendendo que a vida é um constante devir. Deleuze e Parnet (1998, p. 9) salientam que “durante o tempo, enquanto se gira em torno de tais questões, há devires que operam em silêncio, que são quase imperceptíveis”. Ao sermos tomados/as pela consciência do devir, é necessário pensar

essas questões de maneira a constituir novos conceitos, caminhos e diferentes formas de pensar.

Com o objetivo de pensar e repensar o processo do Fórum enquanto espaço-tempo de formação continuada, remontou-se, então, o processo referente ao seu desenvolvimento. Seguindo a narrativa da Coordenadora CMMB, em um primeiro momento foi realizado um estudo bibliográfico do qual criou-se um roteiro para posteriormente ser apresentado aos/às gestores/as e em reunião, divulgar a ideia de se estudar e acessar os conteúdos do Currículo Referência de Minas Gerais por meio das artes para o 145º FSMEI. De acordo com CMMB, ela percebeu certa “*resistência por parte de alguns/algumas deles/as, falta de conhecimento de outros/as e medo de que as coisas não fossem aceitas pelos/as profissionais*”, porém, isso não foi motivo para desistir ou repensar a vontade e necessidade de abordar tal temática:

Com muito jeito, os/as convenci de marcarmos uma oficina interativa, para mostrar todo o percurso e também oportunizar a exploração de objetos artísticos, para fazermos observações, leitura de obras e releituras. Sugeri que os/as especialistas fossem convidados/as por eles/as para entenderem a proposta e ajudá-los/as na explicação do trabalho. No dia marcado lá estavam todos/as eles/as com suas pesquisas feitas, materiais solicitados, como tesoura, cola, tinta suportes variados... Durante todo o dia conversamos, e estudamos, inventamos, recriamos, interagimos e produzimos belíssimas obras de arte. Os/as gestores/as ficaram felizes e entenderam a proposta!
(Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil).

Analisando a narrativa da Coordenadora Pedagógica pode-se notar que a persistência e o desejo em fazer a diferença, mostrando que era possível, foi o ponto de partida rumo à compreensão, aceitação e total participação, engajamento e envolvimento dos/as profissionais, para que ocorresse o “desague das artes”. Os/as gestores/as, após compreenderem a proposta, direcionaram as oficinas para seus/suas monitores/as professores/as, para que fossem realizadas em Módulo II durante o mês de março. CMMB menciona ter ficado maravilhada com o retorno. Disse também que ficou surpresa em ver que mediante tamanho entusiasmo dos/as profissionais envolvidos/as, os/as gestores/as e especialistas “*precisaram abrir mais tempo e espaço para a realização de outras oficinas*” (CMMB), das quais foram oportunizados momentos de estudos e trocas de experiências, além da criação e recriação de diferentes obras que posteriormente foram apresentadas no Salão de Eventos do UNILAVRAS, no dia do Fórum.



Fotografias 29, 30 e 31. 145º FSMEI transbordando com as diferentes representações e manifestações artísticas.

De acordo com CMMB “*a próxima etapa foi ainda mais interessante*”. Momento em que as “*crianças colocassem a ‘mão na massa’...*” Não apenas na ‘massa’, mas também “*na tinta, na cola, na tesoura...*” Para o desenvolvimento dessa etapa, as crianças foram convidadas para desenvolverem atividades de leitura e releitura de obras, podendo com isso, explorarem “*cores, traços, formas, pessoas, animais, luz, sombras, bandeirinhas de São João*”. Tiveram a oportunidade de conhecer pintores e pintoras, bem como as obras dos/as mesmos/as. Vale ressaltar que “*produziram muito intensamente o que foi apresentado no saguão do evento*”, sendo que de acordo com a narrativa da gestora, as obras que contaram com a participação efetiva das crianças foram representadas por meio de fotos e registros do passo-a-passo, coladas nas laterais de caixas de papelão e enfeitadas com muita criatividade. “*Vale muito a pena ver as fotos dessa exposição. Falo disso tudo com muito orgulho!*” (Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil).

Fotografia 32. Logo na entrada, um convite para embarcarmos em uma intensa contemplação das artes e do fazer artístico.



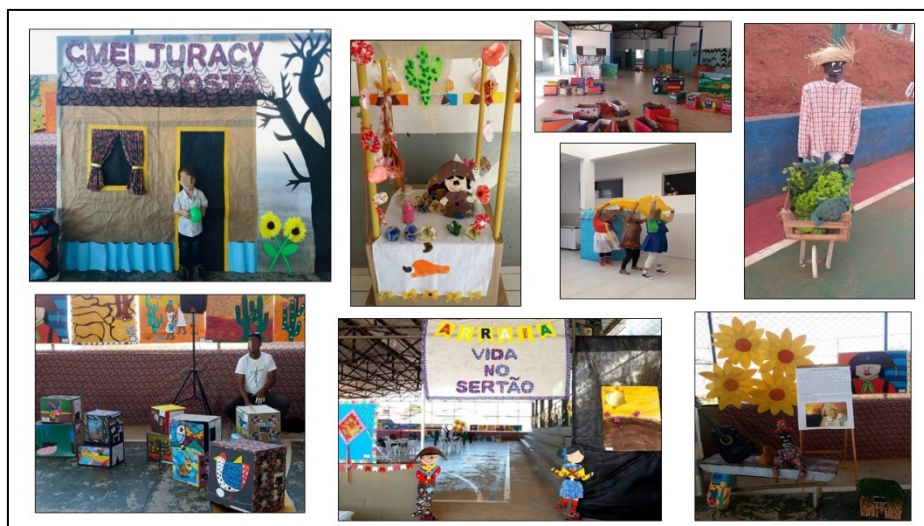
Esse processo formativo nos instigou a perguntar se aquele ‘movimento’ todo havia sido feito somente por causa do evento, assim, fomos direto ao ponto e questionamos a gestão sobre isso.

As formações acontecem durante todo o ano. Em 2019 aconteceram mais ou menos quatorze encontros para formação continuada em serviço. Saliento que na Educação Infantil tudo o que fazemos com as crianças tem um pouco de arte... Qualquer arte... a arte de dançar, de mover-se, de contar, de brincar, de ler, de pintar, de recitar, de cantar e encantar, de descobrir junto. Na Educação Infantil não se trabalha sem pensar na estética. Tudo precisa ter beleza, leveza, cor e acima de tudo, muito amor! Os temas foram variados: Organização de espaços e tempos, Estimulação para bebês, Estimulação para crianças bem pequenas, Estimulação para crianças pequenas, Práticas voltadas para o Campo de Experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, para o Campo de Experiência “Corpo, gesto e movimento”, para o Campo de Experiência “O eu, o outro e o nós”, Práticas voltadas para “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações e o Campo de Experiência “Traços, sons, cores e formas”. Esses encontros aconteceram na Escola Municipal Dra. Dâmina, aos finais de tarde, após o trabalho. Importante ressaltar que esses encontros acontecem fora de um calendário de estudos nas Escolas e CMEIs, em Módulos II. Inicialmente separei os/as educadores/as em grupos menores, pensando nas idades das crianças que atendiam e vi que o desejo de participação era maior daquilo que eu oferecia. Passei então a receber todas as educadoras de CMEI – Creche em um dia e professoras de crianças de quatro e cinco anos em outro dia. (Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil).



AÇÕES QUE REVERBERARAM APÓS O 145º FSMEI

Fotografia 33. Ações que reverberaram após o 145º FSMEI.



Fotografia 34. Mosaico de outras ações e manifestações artísticas compartilhadas e que reverberaram após o 145º FSMEI.

Os contextos sociais e institucionais diretamente ligados às práticas e atuação de professores/as são extremamente diversos, fazendo com que as demandas por educação se construam em campos distintos. De acordo com Gatti (2003), a formação continuada não pode ser construída sem valorizar o conjunto das dimensões que estão envolvidas na natureza e nas características psicossociais do ato educativo. Desse modo, a autora reafirma que a formação continuada de educadores/as consiste em uma questão psicossocial, devido a multiplicidade de dimensões que essa ação acaba por envolver.

Esses processos de formação reverberam ou impactam a vida pessoal/profissional de parte dos/as professores/as, conforme podemos observar:

Me emociono de pensar que o que faço com muito prazer e amor volta-se como produto de vida pulsante nas salas de aula. Visito as Unidades Educacionais periodicamente e percebo o quanto estão mais organizadas, limpas, coloridas, enfeitadas – sem exageros, com material adequado sendo manuseado pelas crianças. Este ano sei que muitas educadoras procuraram por cursos de formação acadêmica, na UFLA e também em outras Universidades, a distância, pois sentiram-se desafiadas. É sabido que infelizmente não consegui o mesmo com todas as pessoas, mas o pouco que consegui já valeu a pena. (Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil).

Por meio das narrativas de monitores/as, professores/as, supervisores/as, apoios pedagógicos, coordenadores/as e demais profissionais, pode-se observar os efeitos do trabalho formativo e das experiências educativas desenvolvidas. Em muitos relatos, destacou-se a descrença e a surpresa por terem, após as formações continuadas, conseguido cumprir e realizar o que foi solicitado. Um exemplo foi o depoimento da colaboradora identificada como RPM ao mencionar ter entrado em uma área que acreditava não ser capaz de produzir, mas após a realização das oficinas e momentos de troca de experiências, se propôs a fazer e viu que era capaz, assim como os/as demais colegas de profissão. Com a fala da colaboradora RPM, faz-se necessário e importante apontar as preocupações, os medos e inseguranças que são/foram latentes para muitos/as dos/as envolvidos/as com o Fórum. A preocupação de não ser capaz de fazer e/ou atender as expectativas, mas a vontade de fazer diferença, estudar e buscar amparo na formação continuada que corroborasse para o desenvolvimento profissional, foi uma constante nas narrativas das/os depoentes.



Fotografias 35 e 36. Novos caminhos a serem navegados, percorridos e desbravado pelos/as educadores/as.

Em uma outra narrativa, CSCBL (supervisora que colaborou para o desenvolvimento do 145° FSMEI) destacou que ao receberem a proposta das ações que deveriam ser realizadas com as crianças (construção das caixas), muitas “*professoras acreditavam que não eram capazes*” e confessou acreditar que ainda apresenta muita dificuldade em criar, mas que se surpreendeu com a produção de todos, na qual “*as professoras fizeram um painel e as crianças as caixas*”.

No depoimento da monitora EMV (uma das colaboradoras para o desenvolvimento do 145° FSMEI), ela alegou ter ficado emocionada. A parte que mais gostou foi quando percebeu a variedade de artistas que poderiam ser apresentados/as às crianças. A monitora EMV destacou e agradeceu pelas “*aulas de oficinas que mostraram*

como deveriam trabalhar com as crianças”, acrescentou dizendo que receberam orientação para que fossem realizadas artes com temáticas voltadas para o festejo junino, na qual deveriam colocar as crianças para produzirem, “*achei que não daria certo... mas não é que deu, fiquei realmente emocionada*” (EMV). Para finalizar, ela relatou que durante o processo observou o quanto as crianças se sentiram importantes por estarem produzindo. A participante e colaboradora identificada como SH relatou que:

Nunca imaginei que fosse tão rico, importante e desafiador trabalhar com Artes. A escolha do tema para o 145º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil foi muito pertinente: “A arte no Currículo Referência de Minas Gerais”, e abordou de forma linda e colorida as artes em Festas Juninas. Mostrar para meus alunos a arte representada por Ermelinda de Almeida, me permitiu compreender muita coisa. Descobri que Ermelinda fez uso de suas habilidades artísticas em meio às suas dificuldades da vida... Com isso pude fazê-los compreender o quanto a arte transmite alegria, felicidade e bem estar mesmo em momentos complicados. Foi gratificante vê-los reproduzindo e participando de uma releitura que apresentou grandes aprendizados. (SH - Colaboradora para o desenvolvimento do 145º FSMEI)

Os sinais e retornos oferecidos por meio das formações continuadas foram explicitados por SH de maneira a compreendermos que, a partir de seus estudos e conhecimentos, conseguiu mostrar para seus alunos/as a arte representada por Ermelinda de Almeida, e isso “*permitiu compreender muita coisa*”, descobrindo como a artista “*fez uso de suas habilidades artísticas em meio às suas dificuldades da vida*”. Com isso, ela conseguiu fazer com que as crianças compreendessem o quanto a arte pode transmitir alegria, felicidade e bem estar, mesmo em momentos considerados complicados e complexos. Fica notório que a aprendizagem aconteceu de maneira satisfatória e por ambos – discentes e docentes. Outro depoimento que demonstra toda essa aprendizagem e troca entre docentes e discentes, foi a da colaboradora CMZ:

Eu achei muito enriquecedor a forma com que trabalhamos as artes. As crianças tiveram a oportunidade de conhecer artistas diferentes e seus trabalhos... Não só as crianças, nós também (grifo meu). Falo isso porque aprendi muita coisa durante esse tempo. Acho que o mais interessante nesse processo todo foi que as crianças puderam ter a experiência de criar e fazer seus próprios trabalhos e serem reconhecidas por seus familiares como artistas mirins. E nós também, já que fizemos algumas releituras. Eu amei tudo! (CMZ - Colaboradora para o desenvolvimento do 145º FSMEI)

É possível perceber, no relato de CMZ, que as ações foram de grande importância pelo fato dela ter mencionado que não apenas as crianças, mas também os/as profissionais tiveram a oportunidade de conhecer as obras de diferentes artistas. O reconhecimento por ter aprendido, segundo ela, “*muita coisa durante esse tempo*” é interessante pois, de certa maneira subentende-se como a valorização do profissional da educação, uma vez que lhes foram oportunizadas essas formações. Outro ponto de extrema importância e relevância em seu depoimento foi o momento em que ela menciona a parte pela qual considerou mais interessante nesse processo: “*as crianças puderam ter a experiência de criar e fazer seus próprios trabalhos e serem reconhecidas por seus familiares como artistas mirins*” e conclui dizendo que os/as educadores/as também, uma vez que fizeram algumas releituras.

Ainda referente as narrativas, reflexões e reconhecimentos dos/das colaboradores/as envolvidos/as no desenvolvimento do 145º FSMEI, não poderíamos deixar passar o depoimento de AAS ao dizer que nunca imaginou ser possível introduzir artes com crianças do berçário. Segundo a monitora, no momento em que orientaram para a escolha de um artista a fim de realizarem junto às crianças uma releitura de obra, ela afirma: “*quase tive um treco*”. Em seu depoimento ASS complementa relatando que:

Nosso artista foi Oscar Araripe, retratamos a obra “Jangada em Alto Mar”. Fizemos atividades de pintura e brincadeiras com barcos de papel dentro de uma bacia cheia de água, isso fez toda a diferença... Chamou muito a atenção das crianças. Não sabia que podemos trabalhar arte assim também. Gostei muito, os momentos foram registrados por fotos e eu adorei o resultado (AAS - Colaboradora para o desenvolvimento do 145º FSMEI).

Ao relatar que não fazia ideia de que o fazer artístico pode ser vinculado à diferentes ações para alcançarmos com êxito ‘um produto final’, nos leva a acreditar, mais uma vez, na real importância das formações continuadas. Segundo AAS, foi por meio de uma atividade diferente, realizada com as crianças, a qual envolvia “*pintura e brincadeiras com barcos de papel dentro de uma bacia cheia de água*”, que ela descobriu ser possível e que tal ação “*fez toda a diferença*”.

Um detalhe que chamou bastante atenção foi referente a quantidade de narrativas demonstrando a sensação de incapacidade, sendo bastante recorrente ao ponto de conseguirmos analisar outras falas alegando essa dificuldade, medo e até mesmo inabilidade em realizar ações envolvendo a(s) arte(s). Em contrapartida, em sua grande

maioria, as narrativas vinham acompanhadas de depoimentos demonstrando que após a realização dessas formações em módulos e das próprias ações propostas, ficava notório a surpresa e satisfação por terem conseguido um resultado, de acordo com eles/elas, satisfatório.

Destaca-se, com isso, mais alguns depoimentos os quais podemos observar tal situação. A narrativa apresentada a seguir é de mais uma colaboradora do 145º FSMEI, identificada como FAO, ela relata que considerou tudo como “*um grande desafio*”, pois acreditava que as crianças eram muito pequenas para mergulharem em obras de arte. Ao finalizar seu depoimento, FAO diz que “*trabalhar com as artes despertou grande interesse dos pequenos em expressar a criatividade e mostrar seu potencial*”, revelando com isso ter ficado positivamente e “*verdadeiramente surpresa*” (FAO - Colaboradora para o desenvolvimento do 145º FSMEI).

Outro depoimento a ser citado foi de uma Coordenadora de CMEI identificada como LAO que revelou ter percebido certa dificuldade e até medo, por parte de alguns/algumas professores/as, ao dizerem que apesar de amarem fazer “*trabalhos com artes, achavam que não tinham muito dom*”, porém, concluiu sua narrativa alegando que “*houve muita parceria entre a equipe*”. Isso fez surtir um efeito maravilhoso, visto que “*as educadoras se propuseram a fazer e viram que davam conta*” (LAO – Coordenadora de CMEI, participante e colaboradora do 145º FSMEI).

Conforme anotado anteriormente, percebe-se a surpresa, o inesperado e o encantamento de quem participou do processo efetivamente. Dessa maneira, destaca-se, em grande parte dos depoimentos que a maioria das docentes “*acreditava não serem capazes*” (CSCBL), apesar de, segundo ela, os resultados terem se mostrado surpreendentes, “*superando todas as expectativas*”.

Ainda analisando esses pontos em questão, gostaria de realizar um breve retorno aos relatos produzidos pelas colaboradoras EMV e CMZ, ao reconhecerem todo o processo por meio do qual os/as educadores/as tiveram a oportunidade de vivenciar nas oficinas e salas de atividades o que e como poderiam trabalhar. De posse desses caminhos, os/as professores/as seguiam com o trabalho pedagógico em suas unidades, com vistas a mobilizarem as crianças a aprenderem com mais sentido. Ficou explícito, conforme os depoimentos, o quanto as crianças “*se sentiram importantes por estarem produzindo as suas artes*”, sendo “*reconhecidas por seus familiares como mini artistas*”. Ao revelar isso, levantamos a seguinte reflexão: ao oportunizarmos a participação e produção artística pelos/as educadores/as, também não acabamos por valorizá-los/as? O processo

de formação deveria ser recheado de questões que envolvem a valorização e o reconhecimento profissional, razão pela qual CMZ termina seu depoimento reafirmando que tinha se sentido uma artista, “*já que fizemos algumas releituras também*”.

Com intuito de prosseguir as análises e discussões, em outro relato, agora mais completo e abrangente, convido-lhes a ‘surfarem nas ondas’ dos detalhes abordados a seguir pela monitora TAONA:

Quero aproveitar a oportunidade para agradecer minha coordenadora, a TBM pelas oportunidades... Aprendi tanta coisa legal. Vi, com as atividades que fizemos em módulo, que eu também sou artista, menina! Só de lembrar o trabalho que fizemos com as crianças eu me encho de orgulho. Também quero agradecer a CMMB porque ela sempre ajuda as monitoras e isso tem seu valor. A gente se sente importante também. Eu não perco uma capacitação que ela faz, acho tudo lindo... Tenho um caderno pra eu sempre estudar tudo que aprendo com elas. Amo ser educadora! A proposta que chegou para nós foi muito legal porque deu sentido ao nosso módulo... “Vou confessar que tem horas que não entendo o motivo desses módulos, pois parecem ser feitos para cumprir ‘protocolos’, mas com esse foi diferente. Ele fez a gente aprender de verdade, foi como se eu tivesse em um curso. Aí quis fazer bonito! Estudei, vi as possibilidades de trabalhar com as crianças e foi lindo. Brincamos de fazer arte e fizemos bonito mesmo... Queria ter visto os outros trabalhos e ter participado no dia do Fórum, mas tenho fé em Deus que isso ainda será possível! (TAONA - Colaboradora para o desenvolvimento do 145º FSMEI)

Quanto ao depoimento de TAONA, fica claro a satisfação e gratidão pelas oportunidades, aprendizado, descobertas, ou seja, por todo processo vivenciado. Uma das partes que chamou bastante atenção foi a que ela apresenta o quão importante é a valorização dos/as profissionais, deixando evidente o fato de que, enquanto monitora, o fato de sempre receber ajuda, “*isso tem seu valor. A gente se sente importante também*”. Complementando esse excerto, outra monitora (AG), acrescenta relatando adorar trabalhar na educação, mas por ocupar esse papel percebe uma grande desvalorização da classe pois, de acordo com ela, “*trabalhamos de 7h às 17h, tem tanta monitora com um potencial incrível*” e, mesmo assim, por “*ainda não ter curso superior acabamos trabalhando mais e ganhando menos*”, sendo muitas das vezes vistas como “*segunda opção, o que é muito triste*” (AG – monitora de CMEI). Ela completa dizendo que um exemplo a ser citado seria o fato de nunca ter tido a oportunidade de ir e participar

efetivamente de um Fórum, visto que a carga horária, já mencionada e, de acordo com ela, essa “*desvalorização dos profissionais*” acaba por não permitir.

Outro ponto da fala da monitora TAONA que merece ser salientado é quando afirma que a proposta desenvolvida teve seu valor, podendo ser considerada “*muito legal*” por ter dado sentido ao módulo. Ela ainda acrescentou ao dizer que fica por entender o real motivo dos módulos, pois em sua grande maioria, não acrescentam muita coisa parecendo “*ser feitos para cumprir ‘protocolos’*”, mas que com esse, ao qual abordaram as temáticas voltadas para as artes, havia sido diferente. “*Ele fez a gente aprender de verdade*” e ainda ressalta o fato de ter sido um momento “*como se eu tivesse em um curso*” e, por esse motivo, “*quis fazer bonito*”. A partir desses recortes, podemos observar que ainda existem falhas no sistema educacional, sendo que uma delas, conforme anotado, encontra-se na referência aos tais módulos dos quais deveriam fazer sentido e colaborar para a formação desses/as profissionais, quando na verdade, acabam, em sua grande maioria, não fazendo sentido e/ou deixando de agregar devido valor a eles/elas (professores/as, monitores/as, apoios pedagógicos, especialistas e gestores/as).



Fotografia 37. Um intenso mergulho dos/as educadores/as nas águas do conhecimento.

Em outra narrativa, encontramos um posicionamento que despertou bastante atenção, principalmente pelo fato de conter sugestões para a diligência desses módulos:

Sinto um pouco de dificuldade na parte da comunicação. Mas a ideia de oportunizar oficinas nos módulos foi super legal, ajudou muito. Sugiro também que disponibilizem a leitura dos

e-mails e orientações da Secretaria de Educação, pois nem sempre são repassados na íntegra, gerando um certo desconforto. Mas no final, olha que trabalho lindo! Graças a Deus eu tive, mas muitos professores não tem oportunidade de ver o produto final. Bem que poderiam fazer uma exposição maior e oportunizar em módulo por exemplo. Igual fizeram com as capacitações. (GCC – professora colaboradora para a realização do 145º FSMEI)

Com esse depoimento da professora GCC, fica evidenciado duas sugestões que poderiam corroborar, dando mais sentido e valor aos Módulos II. Em um primeiro momento essa disponibilização das orientações encaminhadas via e-mail para que todos/as os/as profissionais da educação tenham conhecimento e discutam, durante esse tempo, as interpretações e sugestões mediante tais orientações, ou seja, um momento para maior participação e atuação de toda equipe. A outra sugestão girou em torno de oportunizar, durante os horários de módulos, a visitação e apreciação do produto final, por exemplo, de ações como essas que foram direcionadas ao 145º FSMEI.

Seguimos agora com a próxima seção cujo objetivo é apresentar e analisar a invasão dos/as artistas durante o processo de formação dos/as educadores/as para, posteriormente, abordarmos o que as crianças produziram a partir das propostas e mediações pedagógicas com as diferentes expressões artísticas.

6. TSUNAMI DOS/AS ARTISTAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Sempre gostei muito de histórias, ficava horas e horas ouvindo os causos, contos, mitos e lendas, as mais variadas de quem tinha interesse em compartilha-las. Certa vez meu avô, em uma de suas histórias me perguntou assim: “você sabe o que é tsunami? Não sabia direito, mas ele me respondeu que “é uma onda tão grande, mas tão grande, que se você não costuma ir à praia, a praia acaba chegando até você”.

Para acrescentar à máxima do meu ente querido, Andrade (2011, p. 4) nos apresenta que os tsunamis “são grandes movimentações de água dos oceanos”, sendo completamente diferentes das ondas convencionais ou, até mesmo, das ondas de tempestade. Ele ainda complementa que muitas pessoas confundem as ondas com crista alta e espumante como sendo os tsunamis, quando na verdade são ondas de tempestade.

Para Michele Martinenghi Sidronio de Freitas, a diferença de uma onda “tradicional” para uma de tsunami é que as tradicionais são formadas/motivadas pela ação dos ventos sobre a superfície das águas, apresentando uma duração de alguns segundos ou minutos. No caso das concernentes ao tsunami, a duração pode chegar a horas ou dias, apresentando um alcance e amplitude muito maior, além do grande volume de água deslocado. Enfim, apresento-lhes essa breve introdução referente ao tema para elucidar a metáfora criada ao dizer sobre essa “grande onda” que atingiu educadores/as do município de Lavras. Por um lado, isso reverberou em estudo, conhecimento, aprofundamento e descoberta sobre os/as artistas que invadiram o cotidiano de Escolas e CMEIs. Por outro, pode revelar o comprometimento da temporalidade dos processos de formação continuada e das produções desenvolvidas com as crianças.

A seguir, refletindo sobre esse desague das artes e seus/suas artistas, serão inseridos alguns dos dizeres de educadores/as referentes as orientações, as obras que foram estudadas e as releituras desenvolvidas com as crianças da Educação Infantil.

Em um primeiro momento, reunimos todas as Educadoras do CMEI PCIL e indagamos o que elas definiam por “Artes”. O comentário em destaque e escolhido para definir arte foi: “Artes é tudo aquilo que se pode produzir com o corpo”. A partir daí, foi feito um estudo do que a BNCC traz sobre Artes (FMMS e MFG).

As educadoras relatam que, para apresentar às crianças, inserindo-as neste ambiente artístico, foi criada uma “galeria de Artes”, com as obras e os/as artistas que seriam apresentados/as, podendo cada turma visitar com intuito de conhecê-los/las melhor. Cada turma pôde escolher seu artista e sua obra, além de vivenciar atividades relacionadas com o tema. Outros depoimentos como o da educadora ARSV (atuante em uma turma do Maternal I), para realizar a releitura da obra ‘Bandeiras e Mastros’ do artista Volpi, foram colocadas fitas crepe em uma caixa de papelão para demarcar onde as crianças iriam pintar e, posteriormente, retirar as fitas com intenção de verificar o resultado final. Segundo a educadora, durante todo o “*processo as crianças ficaram com os olhinhos brilhando e a boquinha aberta*”, era possível notar como as crianças “*ficaram contentes e concentradas durante todo o processo*”, o entusiasmo, a surpresa, uma vontade latente para saber qual havia sido o resultado das pinturas, afinal eles/elas foram os/as protagonistas. “*Foi lindo e muito emocionante ver o resultado final*” (ARSV – colaboradora para o desenvolvimento do 145º FSMEI).

Dando sequência aos relatos e depoimentos, em sua narrativa, LAO afirma que “*a experiência foi gratificante para as professoras e crianças.*” Durante o processo, foram desenvolvidas várias técnicas a partir da utilização de “*cotonetes, pincéis, buchinhas, bolinhas de papel*”. De acordo com a Coordenadora do CMEI, a participação e envolvimento de todos (crianças e adultos), foi de suma importância e fez toda diferença, tornando cada momento vivenciado por eles/elas “*divertido, lúdico e recheado de significado*”.

A monitora LD comentou que foram utilizados para estudo e aprofundamento sobre o assunto “*o livro que recebemos do governo*”. Segundo ela, foram feitos estudos e oficinas direcionando o melhor caminho para se “*trabalhar com as crianças, permitindo com que elas realmente fizessem. Acabei percebendo como todas ficaram empolgadas ao fazer as caixas*” (LD – monitora colaboradora para o desenvolvimento do 145º FSMEI). A partir dessa fala, podemos perceber “o acesso a novas produções estéticas, poéticas, psicológicas, sociais e científicas” (RIBEIRO, 1996, p.39), afinal as crianças por meio dos conteúdos e materiais disponibilizados, realmente produziram. De igual modo essa oportunidade de novas produções acaba por funcionar como um eixo desencadeador para inúmeras descobertas e perspectivas de pensar o mundo.

Para uma melhor compreensão do que pretendemos com essas análises, buscamos fundamentação a partir da teoria de Lev Vygotsky¹⁴. Como um importante pesquisador de sua época, Vygotsky foi pioneiro no conceito de que o desenvolvimento humano e intelectual das crianças acontece em função das interações sociais e condições de vida. Segundo Vygotsky (apud OLIVEIRA, 1997) o desenvolvimento é promovido por meio da aprendizagem, e para que isso aconteça faz-se essencial a interação entre o indivíduo e o meio. LR apresenta em sua narrativa que foi “*maravilhoso levar arte para dentro da sala do maternal III e primeira etapa*”. Segundo ela, antes de começar a pintar tiveram momentos de histórias nos quais foram apresentadas a foto e o autorretrato do artista estudado e, com intuito de dar sequência às ações, cada criança teve a oportunidade de criar e “*fazer seu autorretrato*”. Nessa direção, Ribeiro (1996, p. 38) salienta que “a criança vai elaborar a representação dos distintos aspectos da sociedade em que vive e vai construindo o seu conhecimento numa dinâmica interativa”, extraindo partes de um todo, associando e dissociando (VYGOTSKY, 1987). Ao permitir que as crianças realizassem um autorretrato, a educadora potencializou questões referentes ao autoconhecimento. “Reconhecer-se a si mesmo querendo conhecer redonda em perguntar” (RIBEIRO, 1996, p.39), o que acaba nos direcionando para três instâncias:

Conectar-se com algo do conhecimento; reconhecer algo que não se conhece e o desejo de buscar saber. Nessa medida vivencia-se o prazer de viver e de trocar experiências com o outro, em todos os níveis: intelectual, físico e emocional (RIBEIRO, 1996, pp. 39-40).

Torna-se imensurável, uma onda gigantesca de possibilidades, pois a atividade criadora perpassa por tudo que a criança internaliza segundo as suas interações com o meio. Dessa maneira, pode-se concluir que a criação ou o ato de se criar algo, não está voltado apenas para grandes gênios, mas sim para qualquer ser humano que, quando “estimulado, imagina, combina, modifica” (RIBEIRO, 1996, p. 40), acaba criando. É importante ressaltar que para haver criação, faz-se necessário certas influências para que ocorra o desenvolvimento mental. A participante JJSF destacou algo que nos chamou a atenção, ao apresentar que:

¹⁴ Lev Semenovich Vygotsky formou-se em direito, porém chegou a frequentar os cursos de história e filosofia na Universidade Popular Shanyavskii. Embora não tenha recebido nenhum título acadêmico dessa universidade, aprofundou seus estudos em psicologia, filosofia e literatura, o que foi de grande valia em sua vida profissional (OLIVEIRA, 1997, p.19). Suas produções foram vastas, chegando a escrever cerca de duzentos trabalhos científicos.

Eu estou aqui contemplando essa maravilha a horas... Houve um momento em que as crianças das escolas estavam dançando no coreto ao lado de um morador de rua. Foi incrível ver essa interação entre eles... Isso também é arte minha gente, estou arrepiado com tudo. Não achava que nessa idade ainda teria a oportunidade de ver tanta beleza reunida, tanta cultura, tanto amor, tanta arte... Isso encheu meu coração. Muito obrigado por me proporcionar isso. Tem que fazer mais vezes, Lavras precisa disso... Lavras não, o mundo! (JJSF - participante do 145º FSMEI).



Fotografia 38. Crianças mergulhando em meio as artes e as múltiplas culturas.

Analisando o discurso de JJSF, ao dizer que “*as crianças estavam dançando no coreto ao lado de um morador de rua*” e ainda salientar que “*a interação entre eles*” também era arte, fica evidente a importância da interação entre culturas. A cultura pode ser considerada como uma das principais, para não falar, ‘a principal’ influenciadora. Segundo Vygotsky (1997), é preciso preparar atividades e ações específicas para oportunizar a verdadeira aprendizagem da/na criança, uma vez que para ocorrer seu desenvolvimento, é importante que haja aprendizado por intermédio das experiências e interações pelas quais ela foi submetida.

A monitora KCS relatou que “*as artes estão presentes em todos os momentos de nossas vidas e com ela podemos demonstrar nossas culturas*”. Esses momentos proporcionaram e permitiram com que os/as alunos/as aprendessem e se tornassem “*cada vez mais dinâmicos e criativos*”. Segundo KCS o ‘trabalho’ foi realizado a partir da releitura de uma imagem, feita com a técnica de “*pintura em molde vazado*”. Para a monitora, o maior desafio foi “*em relação a compreensão da imagem, o que ela representava, qual sua origem*”, enfim, saber como interpretá-la com a intenção de

repassar as informações importante, o que demandou tempo de estudo, paciência e persistência, sendo que as “*capacitações que foram feitas no CMEI ajudaram muito*”.

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos destacar os/as educadores/as como principais mediadores desse processo. Nas narrativas, observa-se que a partir das formações e orientações, esses/essas profissionais realizaram esse papel de mediadores/as. Vale destacar a fala de RCFA ao dizer que:

Tivemos momentos diferenciados com orientação para desenvolvermos os trabalhos da melhor maneira com as crianças. Achei legal essas orientações acontecerem porque nem todo adulto consegue valorizar o trabalho das crianças de educação infantil e nessas orientações foi solicitado que trabalhássemos com o objetivo de incentivar o interesse das crianças pela arte. Eu gostei muito de tudo (RCFA – colaboradora para o desenvolvimento do 145º FSMEI).

É possível notar com a narrativa da educadora RCFA que, sem as orientações e formações que ocorreram anteriormente, ainda poderia ser observado que, por parte de alguns adultos, ocorreria a desvalorização do trabalho das crianças e, com isso, do próprio poder criativo. De acordo com Ribeiro (1996), se esses processos criadores forem estimulados adequadamente desde a infância, isso acaba por contribuir para o desenvolvimento geral do indivíduo. Quando crianças, apresentamos um potencial fantasioso e de imaginação extraordinário, visto que, segundo Ribeiro (1996), a “*imaginação e a fantasia são a base da atividade criadora*” (p. 41). Ou seja, enquanto educadores/as precisamos nos atentar para conseguirmos mediar satisfatoriamente esse processo de criação.

Conforme mencionado anteriormente, a cultura é indispensável para que ocorra o processo criativo e por meio da experiência social, encontramos a conectividade entre fantasia e realidade. Essa “*experiência social*” possibilita com que a criança aprenda por meio de suas observações, organizando seus próprios pensamentos e suas ações. A professora JNA, mencionou o fato de como foi e é importante planejar e executar atividades com arte “*oportunizando as crianças esse fazer*”, permitindo que elas “*conheçam as verdadeiras possibilidades em artes, não apenas o desenhar, colorir ou pintar*”. A apoio pedagógico identificada como AMC, acrescentou com sua fala ao dizer que:

São com trabalhos desse tipo que as crianças se transformam em verdadeiros artistas, se sentem felizes e importantes. Foi lindo ver as crianças se sentindo capazes de fazer obras de

arte. Amei trabalhar com arte e despertar novos artistas!
(AMC – Apoio Pedagógico que contribuiu para o desenvolvimento do 145º FSMEI)

Nota-se, a partir desses depoimentos e narrativas que ao oportunizar essas experiências do fazer, as pessoas envolvidas só ‘tendem a ganhar’. De acordo com JNA “*tinham tantos projetos e obras expostas, apresentações e participações interessantes que agregaram bastante na vida profissional e pessoal das pessoas que tiveram a oportunidade de participar*”, tanto as crianças quanto os adultos.

Ao ver, ouvir, sentir e observar tudo que cerca o ‘mundo cultural’ (uma pintura, uma música, uma poesia...), Vygotsky (apud RIBEIRO, 1996) destaca que a pessoa acaba por criar um objeto a partir da fantasia que se cristaliza, sintetizada pelo autor, como “*fantasia cristalizada*”. Ao referirmos ao tsunami de artistas e obras observados/as e estudados/as, para o desague no 145º FSMEI, consideramos que essa “*fantasia cristalizada*” refere-se a todos os quadros, pinturas e obras que, de alguma maneira, desencadearam a produção das crianças, ou seja, tudo aquilo que permitiu a criação. Vale ressaltar o fato de que nos estudos culturais, essas ‘fantasias cristalizadas’ são conhecidas como ‘*artefatos culturais*’.

A Coordenadora do CMEI identificada como FMMS e sua Apoio Pedagógico MFG revelaram que para a turma do Berçário, as educadoras propuseram às crianças um primeiro contato com a obra sensorial do artista Alfredo Volpi, a partir da releitura do quadro ‘Fachada’. Essa releitura foi realizada por meio de pintura com guache e plástico, “*onde as crianças puderam engatinhar e esparramar a tinta*”; Para a turma do Maternal I A, a escolha se deu, também a partir da obra ‘Fachada’, sendo que sua releitura foi realizada “*utilizando a técnica de pintura com secador de cabelo no guache, papel crepom e carimbos vegetais*” e “*para fazer a caixa, utilizaram a técnica de pintura espirrada, feita com bolas e guache*”; A turma do Maternal I B, optou pela obra ‘São João’ de Anita Malfatti, a qual confeccionaram uma boneca e para a caixa, “*foi utilizada a pintura de papel crepom*”. Nas turmas de Maternal II, a escolha foi direcionada para abordagem com “*jogos de quebra-cabeça, alinhavo, brincadeiras de soltar pipa e a confecção de um espantalho*”. Essas turmas escolheram os artistas “*Alfredo Volpi com a obra ‘A Fachada’ e Cândido Portinari com as obras ‘Soltando pipa’ e ‘O espantalho’*”, sendo que para a realização de suas releituras foram utilizadas técnicas de colagem com materiais diversos, pintura utilizando papel crepom, pó de café e algodão, além de técnicas como pintura espelhada, tendo como principais materiais o pincel e a esponja.

As caixas dessas turmas de Maternal II contaram com a criatividade para utilização de técnicas como “*colagem, coloridos sobre a fita crepe, pintura com pente de cabelo e bolhas de sabão*”; Às turmas de Maternal III do CMEI PCIL, além das obras, “*trabalharam com jogos da memória, um plantio de girassóis e a encenação da música ‘Venha cá meu balãozinho’*”. Os/as artistas escolhidos/as foram “*Alberto Guignard com as obras ‘Noite de São João’ e ‘São João’ e a artista Anita Malfatti com a obra ‘Soltando balão’*”. Para as releituras foram utilizadas técnicas como pinturas com tocos de madeira contendo tecidos amarrados nas pontas, pontilhismo, dobraduras, colagens de materiais diversos e pintura com esponjas, sendo que as caixas dessas turmas “*foram encapadas com papéis onde utilizaram o carvão para colorir o papel, tintas feitas de terra e guache puxado com linhas de barbante*”. A Coordenadora e o Apoio Pedagógico desse CMEI ainda destacaram que:

Durante esse período foi proporcionado às crianças um contato maior com as diversas formas artísticas. E observamos que houve, a partir dos módulos e capacitações, uma possibilidade de maior conhecimento oportunizando as educadoras um novo e abrangente olhar ao fazer artístico (FMMS – Coordenadora Pedagógica do CMEI PCIL e MFG – Apoio Pedagógico do CMEI PCIL)

Com essas informações, destaca-se o fato de que os objetivos da ‘fantasia cristalizada’ acabaram por despertar sentimentos que possibilitaram a produção de arte, ou seja, ‘o fazer artístico’.

Em um depoimento encaminhado por e-mail, MMSC diz que:

Trabalhar com as Artes da maneira que trabalhamos dessa vez na Educação Infantil foi uma experiência muito interessante. Nesse trabalho também envolvemos as famílias... Eles tiveram que ajudar a confeccionar cartazes que foram trabalhados a partir das obras do artista Alfredo Volpi. O envolvimento e participação dos familiares (grifo meu) foi empolgante, todos se empenharam muito no desenvolvimento e confecção dos trabalhos junto com seus filhos. A arte é algo difícil de se definir, Reis (2003) diz que a arte é considerada como um dos fenômenos humanos mais difíceis de se definir não só pela riqueza de suas características, mas também pela forma como tem sido encarada ao longo dos tempos. No final, posso dizer que trabalhar com as artes de maneira mais intensa nos possibilitou enxergar a importância da dimensão artística para a educação, pois ela acaba envolvendo questões biológicas, afetivas, cognitivas, sociais e motoras das personalidades de uma forma mais harmoniosa. Ou seja,

trabalhamos muito mais do que podemos imaginar. (MMSC – Professora colaboradora para o desenvolvimento do 145º FSMEI)

Antes de mais nada, a partir do ‘grifo meu’, evidenciado no depoimento de MMSC, no qual ela aponta o envolvimento das famílias, gostaria de elucidar sua fala por meio dos registros a seguir:



Fotografias 39 e 40. Oficinas desenvolvidas junto aos familiares. União entre Escola/CMEI e Famílias. Uma bússola de oportunidades.

Analisando a fala da professora MMSC e tomando como base a ideia trazida por Vygotsky referente a “fantasia cristalizada”, podemos dizer que “o objeto” que serviu de inspiração, nesse caso, foram “as obras do artista Alfredo Volpi”. Destacaremos agora, “objetos da fantasia cristalizada” em forma de obras, junto aos/às artistas que foram estudados/as durante o processo que envolveu “um tsunami” de criações, para posteriormente discutirmos algumas questões. Considerando ser relevante, antes destacaremos o fato de que após solicitação, via e-mail, encaminhada às Escolas e CMEIs que contribuíram para o desague das artes no 145º FSMEI, algumas instituições retornaram apresentando a lista dos artistas, com sua breve biografia e as principais obras apresentadas às crianças. O conteúdo disponibilizado foi devidamente transcrito e será exibido a seguir (vale ressaltar que todo o material – grifo meu, transcrito e anexado neste item, incluindo as imagens, foram retiradas do conteúdo apresentado pelos/as educadores/as):

ARTISTA: Alfredo Volpi

BIOGRAFIA: “Alfredo Volpi nasceu em Lucca (Itália), 14 de abril de 1896, mas viveu a maior parte de sua vida em São Paulo, onde faleceu em 28 de maio de 1988.

Foi um pintor ítalo-brasileiro considerado pela crítica como um dos artistas mais importantes da segunda geração do modernismo. Uma das características de suas obras são as bandeirinhas e os casarios.

Ainda criança pintava em caixinhas de charuto por não ter recursos para comprar telas e começou a pintar profissionalmente em 1911, executando murais decorativos. Em seguida, trabalhou com óleo sobre madeira, consagrando-se como mestre utilizador de têmpera sobre tela.

Trabalhou também como pintor decorador em residências da sociedade paulista da época, executando trabalho de decoração artística em paredes e murais junto com Antônio Ponce Paz, pintor e escultor espanhol que logo virou um grande amigo de Volpi.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- GRANDE FACHADA FESTIVA;
- BARCO COM BANDEIRINHAS E PÁSSAROS;
- BARCO COM BANDEIRINHAS E MASTROS;
- BANDEIRINHAS E MASTROS;
- PORTAS, JANELAS E BANDEIRINHAS FESTIVAS;
- BANDEIRINHAS;
- FESTA DE SÃO JOÃO;
- AS CASAS;
- FACHADA;
- FACHADA DAS BANDEIRINHAS BRANCAS;
- XADREZ BRANCO E VERMELHO;



ARTISTA: Anita Malfatti

BIOGRAFIA: “Filha do engenheiro italiano Samuele Malfatti e de mãe norte-americana Eleonora Elizabeth - também conhecida como "Betty" Krug, **Anita Malfatti** nasceu na cidade de São Paulo, em 2 de dezembro de 1889. Anita era a segunda filha do casal e nasceu com atrofia no braço e na mão direita. Aos três anos de idade foi levada pelos pais à cidade de Lucca, na Itália, na esperança de corrigir o defeito congênito. Os resultados do tratamento médico não foram animadores e Anita teve que carregar essa deficiência pelo resto da vida. Voltando ao Brasil, teve à sua disposição Miss Browne, que a ajudou no desenvolvimento do uso da escrita e no aprendizado do desenho com a mão esquerda. Anita Malfatti se transformou em uma grande artista plástica brasileira. A mostra expressionista da pintora realizada em São Paulo na Exposição de Pintura Moderna foi um marco para a renovação das artes plásticas no Brasil. A crítica do escritor Monteiro Lobato, sobre a arte expressionista, publicada no jornal O Estado de São Paulo, intitulada "Paranoia ou mistificação?" serviu de estopim para o Movimento Modernista no Brasil. Anita faleceu em São Paulo, no dia 06 de novembro de 1964.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- FESTA DE SÃO JOÃO;
- O SANFONEIRO;
- CENA DE INTERIOR;
- FESTA NO ARRAIAL;
- PAISAGEM;



ARTISTA: Lourdes De Deus

BIOGRAFIA: “Autodidata, a pernambucana **Lourdes de Deus** nasceu em 1959. Percorreu o Brasil com seu marido e incentivador Waldomiro de Deus, um dos mais

consagrados artistas populares brasileiros. Lourdes pinta com romantismo e com muitas cores o cotidiano e as manifestações folclóricas nacionais, como a festa de São João, a folia de Reis e o bumba-meu-boi.

Algumas telas da artista estão expostas no Museu de Arte do Parlamento de São Paulo, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, no Museu Internacional de Arte Naif de Quebec (Canadá) e em diversas residências no Brasil e na Europa, cujas obras foram adquiridas por turistas.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- A GRANDE QUADRILHA;
- FESTA JUNINA;



ARTISTA: Cândido Portinari

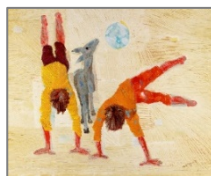
BIOGRAFIA: “Cândido Portinari foi um pintor brasileiro, um dos principais nomes do Modernismo cujas obras alcançaram renome internacional.

Portinari nasceu em Brodósqui, no interior de São Paulo, no dia 29 de dezembro de 1903. Filho dos imigrantes italianos, era o segundo entre 12 irmãos.

Aos seis anos já demonstrava interesse e começou a desenhar. Não concluiu o curso primário. Com 15 anos, Portinari vai para o Rio de Janeiro, se instala na casa de parentes e ingressa no Liceu de Artes e Ofícios, mas a cidade grande não lhe fascinava e por isso retornou para Brodósqui mas como sua paixão pelas artes era grande, aos 18 anos retorna para o Rio e ingressa na Escola Nacional de Belas Artes. Portinari ganhou muitos prêmios e veio a falecer no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1962, vítima de uma intoxicação advinda das tintas que utilizava.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- MENINOS BRINCANDO;
- O CAFÉ;
- BAILE NA ROÇA;
- MENINO DO PAPAGAIO;



- MENINO COM ESTILINGUE;
- BUMBA-MEU-BOI;
- O LAVRADOR DE CAFÉ;



ARTISTA: Alberto Da Veiga Guignard

BIOGRAFIA: “**Alberto da Veiga Guignard** (1896-1962) foi um pintor, desenhista, ilustrador e gravador brasileiro. Pintou oníricas paisagens de Minas Gerais. Foi um dos expoentes da pintura modernista brasileira.

Alberto Guignard nasceu em Nova Friburgo - Rio de Janeiro, no dia 25 de fevereiro de 1896. Além de nascer com o lábio leporino, teve uma vida cheia de episódios trágicos, a começar pelo suicídio do pai. Depois de viúva, sua mãe uniu-se a um barão alemão, bem mais jovem e falido. Com ele mudou-se para a Europa, em 1907, levando Guignard. Sempre teve o incentivo da mãe para se desenvolver nas artes.

Entre 1917 e 1918, Guignard estudou pintura na Academia de Belas Artes de Munique, onde foi aluno de Hermann Groeber e de Adolf Hengeler.

Alberto da Veiga Guignard viveu em meio às dificuldades financeiras, mas produziu uma obra de notável apuro técnico, que sobressai pela delicadeza dos traços e pela pureza de tons com os quais construía as paisagens mineiras sempre envoltas em uma atmosfera de sonhos. O apuro técnico de seu processo artesanal possibilitava as límpidas nuances que lhe são características. Antes de começar uma pintura, ele cobria a tela com uma tinta cinza, com o objetivo de garantir maior unidade e ao mesmo tempo contraste entre as cores – uma técnica adotada pelos renascentistas.

Guignard faleceu em Belo Horizonte - Minas Gerais, no dia 25 de junho de 1962.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- IGREJA E BALÕES;
- BALÕES NO CÉU;



ARTISTA: Fé Córdula

BIOGRAFIA: “**Francisco de Assis Córdula**, mais conhecido como **Fé Córdula**, nasceu no Rio Grande do Norte em 1933 e reside em Goiânia desde 1974. É pintor, escultor e desenhista autodidata, tendo participado de inúmeras exposições. Muitos críticos de arte importantes escreveram sobre a obra do artista, entre eles João Evangelista Ferraz: “A primorosa obra pictórica de Fé Córdula reflete, de forma plena, pura e objetiva, uma profunda simbiose luminífera de fé e trabalho, religiosidade e altíssima criatividade”. Outro crítico, como Saturnino Ramon, coloca sua visão da obra de Fé Córdula: "O que todos nós até agora conhecíamos e degustávamos no artista tinha o selo inconfundível de uma temática própria de raízes folclóricas, sacras e lendárias, de uma linguagem popular artesanal, aprendida com virtuosismo na sua primeira experiência de ornamentador de cerâmicas, segundo o saber português, e de entalhador. Tinha o selo de uma organização especial que nos lembra as xilogravuras das estórias de cordel de sua terra natal nordestina. (...) Foi este aspecto afetivo, pessoal e espiritual-espirituoso, tão vivo nas obras desta fase, que me aportou às margens aparente enigmáticas de algumas obras do que chamo segunda fase. Nelas não senti um terreno inóspito. Senti de novo o calor vulcânico do coração de Fé Córdula, na tentativa de se encontrar e se expressar. Todavia, há uma metamorfose de linguagem: agora os espaços são cheios e articulados, as cores se misturam e se matizam, as linhas se libertam do hermetismo e dançam ao som do ritmo que dita a motivação profunda do autor. (...) na primeira fase, por trás de uma linguagem concreta, descobríamos uma face de significado abstrato, nessa nova fase, por trás de uma roupagem abstrata encontramos o sustentáculo de uma linguagem concreta que se torna abstrata por estar encoberta”.

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- BICHOS;
- GALO;
- FESTA JUNINA;



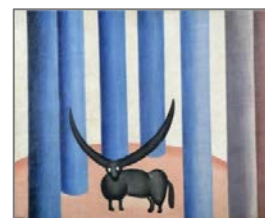
ARTISTA: Tarsila Do Amaral

BIOGRAFIA: “**Tarsila do Amaral** nasceu na Fazenda São Bernardo, no município de Capivari, interior de São Paulo, no dia 1 de setembro de 1886. Filha de José Estanislau do Amaral Filho e Lydia Dias de Aguiar do Amaral, veio de uma tradicional e rica família de São Paulo. Seu pai herdou apreciável fortuna e diversas fazendas, nas quais Tarsila passou a infância e adolescência. Ela estudou em São Paulo, em um colégio de freiras e no Colégio Sion. Completou seus estudos em Barcelona, na Espanha, onde pintou seu primeiro quadro, "Sagrado Coração de Jesus", aos 16 anos. Viveu fora do Brasil para completar seus estudos e quando retornou fez várias viagens pelo interior do Brasil, redescobrimo sua terra natal. Em sua volta ao Brasil casa-se com o noivo André Teixeira Pinto, com quem teve uma filha.

Tarsila do Amaral foi uma das artistas plásticas mais importantes da primeira fase do Modernismo, concretizando em sua obra todas as aspirações de vanguarda formuladas pelo grupo. Sua obra atravessou três fases denominadas: “Pau-Brasil”, “Antropofágica” e “Social”. Em janeiro de 1973, Tarsila veio a falecer na cidade de São Paulo.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- O PESCADOR;
- O VENDEDOR DE FRUTAS;
- BOI NA FLORESTA;
- OPERÁRIOS;



ARTISTA: Jerci Maccari

BIOGRAFIA: “**Jerci Maccari**, nascido em 1949 em Urussanga (SC), um garoto tímido, criativo, tímido e voluntarioso de certa forma, filho de agricultores, o mais velho entre 10 irmãos. Aos 4 anos de idade, mudou-se para Francisco Beltrão, Paraná, onde viveu sua infância no campo, assistindo a rotina diária de seus familiares plantando e colhendo, participando da natureza dia após dia. Quando estava com 6 anos precisou ajudar sua mãe em casa, cuidando dos irmãos menores e ajudando nos afazeres

da casa. Sentiu-se atraído pelas cores ao ver um pinheirinho desenhado por uma prima que ganhará meia dúzia de lápis de cor, pelo natal. Aporrinhou sua mãe até ela comprar-lhe uma caixa de lápis de cor de 6 cores, com os quais desenhava as mesmas coisas que sua mãe bordava em fronhas e lençóis. Jerci Maccari, no início usou e usa até hoje para estudos o lápis de cor. Atualmente pinta suas telas, ora com tinta a óleo, ora com tinta acrílica. Um grande momento, um divisor de águas foi quando na empresa onde trabalhava foi feita uma matéria sobre os funcionários que se dedicavam a outras atividades, diferente daquela que exerciam na empresa. O jornal interno, dirigido pelo amigo Alcides Acosta, fez uma matéria mostrando as suas pinturas. Trabalhava como analista de organização e métodos e aceitou sugestão de um amigo para formar um consórcio com suas obras. E assim foi feito, um bem sucedido consórcio de obras de Jerci. Nesse momento, ele percebe que o mercado era promissor, e ao se desligar da empresa, torna-se gestor de um escritório de arte.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- FAMÍLIA NO CAMPO;
- PLANTANDO ESPERANÇA;
- COLHEITA;
- SEMEADORAS I e II;



ARTISTA: Romero Brito

BIOGRAFIA: “**Romero Britto**, nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 6 de outubro de 1963. Começou seu interesse pelas artes ainda na infância, quando usava sucatas, papelões e jornais para exercitar a sua criatividade. Romero Britto também começou nessa época a usar a grafiteagem, o que foi de grande influência em seu trabalho. Iniciou o curso de Direito na Universidade Católica de Pernambuco, mas depois viajou aos Estados Unidos e lá se estabeleceu como artista de sucesso.

Nos tempos atuais é reconhecido como um famoso pintor brasileiro. Radicado em Miami, nos EUA, ficou conhecido por seu estilo alegre e colorido e por apresentar uma arte pop, despojada da estética clássica e tradicional, sendo o pintor brasileiro mais bem sucedido fora do Brasil.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- ANIMAIS;
- FESTA JUNINA;
- BOI;
- LAMPIÃO E MARIA BONITA I e II;



ARTISTA: Rui Moura

BIOGRAFIA: “Nascido em Ribeirão Preto - SP, **Rui** era tatuador. Passou mais de 28 anos carimbando sua arte em pessoas, quando descobriu o “Papier Machê”. Se apaixonou pela técnica e não parou mais. Os braços dos fortões ficaram para traz e no lugar surgiram trabalhos de uma delicadeza incrível!”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- PAVÃO;
- TATU;
- GALOS;
- O GALO;



ARTISTA: Aldemir Martins

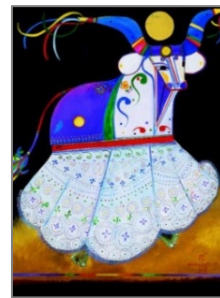
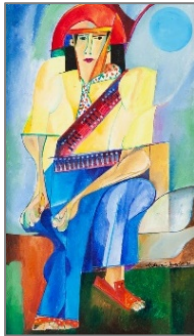
BIOGRAFIA: “**Aldemir Martins** foi um artista plástico brasileiro, pintor ilustrador e escultor que produziu importantes obras. Essas obras apresentam como característica uma forte marca da paisagem e do homem do Nordeste do país.

Aldemir Martins nasceu em Ingazeiras, sertão do Cariri, Ceará, no dia 8 de novembro de 1922. Ainda jovem mostrou seu talento para as artes, sendo escolhido o orientador artístico da sala de aula. Em 1941 passou a servir ao Exército, sem deixar de lado suas atividades artísticas. Ele foi um artista inovador que trabalhou na pintura, gravura, desenho, cerâmica e escultura, usando os mais diferentes materiais, entre madeira, papel de carta, cartões, telas de linho, juta e outros tecidos. Com seus temas inconfundíveis representou a natureza e a gente do Brasil. Nas pinturas de paisagens, frutas, cangaceiros, peixes, galos, cavalos e na sua série de gatos, transparece uma brasilidade em cores fortes, luzes e traços marcantes.

Aldemir faleceu no Hospital São Luís, em São Paulo, no dia 5 de fevereiro de 2006.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- O GALO;
- GALO;
- CANGACEIRO;
- BUMBA MEU BOI;



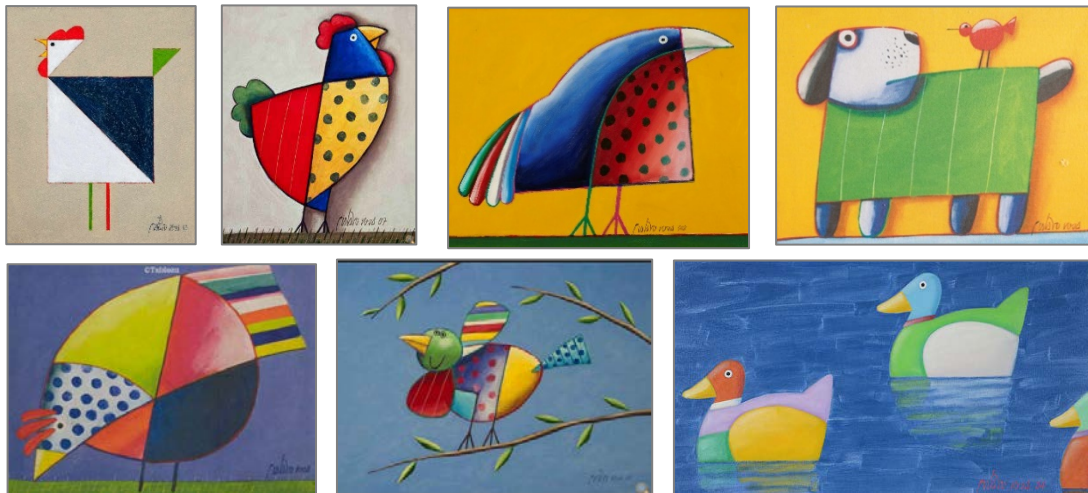
ARTISTA: Gustavo Machado Rosa

BIOGRAFIA: “**Gustavo Rosa** foi um artista plástico brasileiro, conhecido por suas figuras coloridas, alegres, bem humoradas e de apelo popular e comercial. Ele nasceu em São Paulo, no dia 20 de dezembro de 1946. Filho de Cecília de Paula Machado Neto, com três anos já desenhava compulsivamente. Estudou na Escola Morumbi e no Colégio Paes Leme. Em 1964 ingressou na Fundação Armando Álvares Penteado

(FAAP), onde frequentou o curso livre de desenho e pintura. Durante um certo tempo foi estagiário no setor de artes da Editora Abril. Em 1967 realizou sua primeira exposição coletiva e algum tempo depois (1970) conseguiu realizar sua primeira exposição individual. Gustavo Rosa veio a falecer em novembro de 2013, na cidade de São Paulo.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- GALINHA;
- GALO AMARELO, VERMELHO E AZUL NA GRAMA;
- PÁSSARO;
- CACHORRO;
- GALINHA PINTADINHA;
- PÁSSARO COLORIDO COM ROSTO VERDE NO GALHO;
- PATOS;



ARTISTA: Joan Miró

BIOGRAFIA: “Joan Miró foi um importante pintor, gravador, escultor e ceramista espanhol. Contemporâneo do Fauvismo e do Cubismo, criou sua própria linguagem artística e retratou a natureza da forma como faria o homem primitivo ou uma criança. Foi um dos mais destacados representantes do Surrealismo.

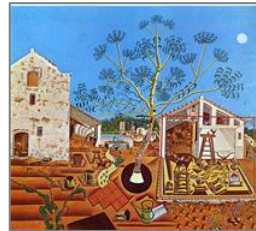
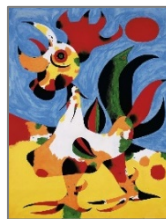
Joan Miró nasceu em Barcelona, na Espanha, no dia 20 de abril de 1893. Desde pequeno mostrou o gosto pela pintura. Ingressou na Escola de Belas Artes de Barcelona, mas com 14 anos, pressionado pela família teve que abandonar os estudos de artes.

Por volta dos anos 30, Miró tornou-se mundialmente famoso, expondo regularmente em galerias francesas e americanas. Ilustrou livros, fez cenários para balé,

passou a interessar-se por colagem e murais e seu grafismo se reduziu a linhas, pontos e manchas coloridas. Joan Miró faleceu em Palma de Mallorca, na Espanha, no dia 25 de dezembro de 1983.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- O GALO;
- A HORTA COM O BURRO;
- A FAZENDA;
- O HOMEM CORREDOR;
- O JARDIM;

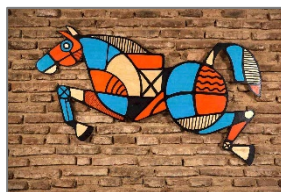


ARTISTA: Pedro Melo

BIOGRAFIA: “Nascido em Paulista - PE, **Pedro Melo** reside desde criança em Recife. Designer como formação e artista plástico nas horas livres. Com quatro exposições no curriculum sendo duas na Europa em 2014. A maior característica dos seus trabalhos é o uso de madeira como superfície, seja ela inteira ou com recortes detalhados e camadas. Cores fortes e uma pegada pop/ street definem o trabalho do artista. Pedro já assinou campanhas para JEEP, Embraer e algumas marcas locais em Pernambuco. Em 2013 teve um destaque com seu projeto "Troca Por Um Quadro", onde viaja o mundo fazendo trocas de pinturas por serviços, o projeto existe e pode ser acompanhado em sua fanpage. Atualmente atua como sócio fundador da empresa Backer Design & Motion em Recife.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- CAVALO – DISTURBIO TEMPORÁRIO;
- CAVALO – WOOD;
- OS CABRAS DA PESTE – TROCA POR UM QUADRO;
- BOI – LINES;



ARTISTA: Aracy De Andrade

BIOGRAFIA: “**Aracy de Andrade**, nasceu em Mogi das Cruzes - SP. Começou a expor suas obras em 1985. Desde então não parou de trabalhar com as artes e ganhar

muitos prêmios. Apresenta como habito assinar suas obras apenas com o primeiro nome: **ARACY**”.

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- BUMBA MEU BOI;
- FESTA JUNINA I e II;
- A GRANDE COLHEITA;



ARTISTA: Ivan Cruz

BIOGRAFIA: “**Ivan Cruz**, carioca de 1947 teve uma infância feliz, brincando nas ruas de Vigário Geral e Penha Circular. Mesmo atuando por anos como advogado, a arte sempre esteve presente em sua vida, até que as Artes Plásticas se tornaram sua principal atividade.

Em 1990 começa a Série que intitulou como “**Brincadeiras de Criança**” retratando em telas cenas de sua infância. Em pouco tempo se tornou um projeto aonde a arte caminha junto à educação. Ivan Cruz baseia esse trabalho na frase que criou: “A criança que não brinca não é feliz, ao adulto que quando criança não brincou, falta-lhe um pedaço no coração”. Suas obras são estudadas na sala de aula através de livros didáticos publicados por mais de 50 editoras que divulgam suas imagens em livros didáticos e paradidáticos.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- AVIÕES DE PAPEL;
- SOLTANDO BALÕES;
- JOGANDO IOIÔ;
- CRUZANDO PIPAS;
- TELEFONE SEM FIO;



ARTISTA: Antônio Militão Dos Santos

BIOGRAFIA: “**Antônio Militão dos Santos**, ou **Militão dos Santos** nasceu em Caruaru/ Pernambuco, no dia 15 de junho de 1956. Filho do Esmeraldina Maria dos Santos e de Militão Francisco dos Santos. O artista – que hoje assina o primeiro nome

do pai em suas pinturas - teve uma infância humilde na Capital do Forró. Ainda criança, estudou no Instituto Domingos Sávio e trabalhou como ajudante em barraca de feira livre para ajudar a família.

Católico, apolítico e pai, Militão dos Santos percorreu diversos caminhos, mas foi na pintura que encontrou sua maior expressão e reconhecimento. Apaixonado por arte primitiva, por Recife e por Liliane - com quem vive desde 2004, o artista que busca o canto das coisas quietas, chegou a sofrer discriminação no começo de sua carreira. Após a perda de sua audição aos sete anos, proveniente de meningite, Militão dos Santos aprimorou os demais sentidos. Adotou para si o estilo primitivo moderno e fez arte de tal forma a elevar a percepção de cotidianos populares que, por muitas vezes, passam despercebidos. Sua pintura retrata universos singulares, de colorido intenso, vibrante e repleto de movimentos.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- FESTA JUNINA I e II;
- FELIZ FESTA DE SÃO JOÃO;
- RIO SÃO FRANCISCO;
- TODOS OS SENTIDOS;



ARTISTA: Luciana Severo

BIOGRAFIA: “Nasceu na cidade de Quixeramobim, Ceará. Devido a profissão do marido já morou em diversos estados brasileiros. Atualmente, **Luciana Severo** reside na Cidade de Manaus, Amazonas.

Desde os onze anos de idade já rabiscava os primeiros traços, cheios de cores e expressões. E com o incentivo da mãe fez diversos cursos para aprimorar seu dom.

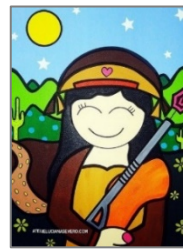
Formou-se em Direito em 1997 e paralelo a isso, continuou a dar suas pinceladas como atividade secundária. Hoje, faz da arte a sua profissão, sua grande paixão... é através das cores vivas e fortes, que expressa seus sentimentos. Há pouco mais de 03

(três) anos abdicou definitivamente da carreira de Direito, para se dedicar exclusivamente as artes e ao seu Atelier Infantil Mão na Massa, onde ministra aulas para crianças entre 05 a 12 anos na cidade de Manaus, Amazonas.

Sua arte vem sendo classificada como “figurativa moderna”. Tem obras espalhadas por diversas partes do Brasil e do mundo. Suas obras são coloridas, ricas em poesias, com traços fortes e atraentes. Trazem vida, luz, cor, alegria e muita energia a um espaço com decoração intimista e de cores neutras. Sua palheta não se restringe a poucos tons. Amarelos, azuis, vermelhos, verdes, pretos e roxos se unem na busca pela melhor forma de expressão ou de tradução das emoções e conflitos comuns a cada um de nós. É o cotidiano retratado em cores!”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- AMOR DE NORDESTINO;
- MARIA BONITA E LAMPIÃO;
- SEBASTIANA;



ARTISTA: Rosângela Borges

BIOGRAFIA: “**Maria Rosângela Monteiro Borges** nasceu em 1976, em Bezerros, semiárido pernambucano. Em 1991, acometida por uma forte depressão, foi estimulada pelo marido, o xilogravurista Manacés Borges [filho do Mestre J. Borges] a começar a pintar. Sua arte apresenta características totalmente diferentes das do marido e do ilustre sogro. Seus trabalhos estampam a arte Naif, um estilo que retrata cenas populares com muita cor e vivacidade. A artista explica que os seguidores dessa tendência, também conhecida como arte ingênua, são geralmente autodidatas e têm um jeito simples de representar o cotidiano. Em suas telas Rosângela retrata as brincadeiras das crianças, a vida do sertanejo e os maracatus. Seus trabalhos fazem parte de coleções particulares na França, nos EUA e em diversos Estados do Brasil. Costuma assinar suas obras como Rosângela Borges.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- FESTA JUNINA;

- FAZENDA;
- CARRO DE BOI;
- BLOCO DO BOI LELÊ;



ARTISTA: Alice Masiero

BIOGRAFIA: “Nascida em Morungaba, São Paulo - SP, em 13 de outubro de 1963, **Alice Masiero** é descendente de italianos e descobriu logo na infância a fascinação pelas cores.

O dia-a-dia e a infância são o ponto de partida para as imagens criadas pela artista. Suas telas surgem exatamente de maneira criativa como consegue colocar em suas telas fragmentos daquilo que vê e momentos que recorda. Esses temas ganham, em seu trabalho pictórico, uma visão lírica muito pessoal e constituem uma poética que merece observação atenta.

Os traços são, na verdade, pinceladas delicadas, quase um pontilhismo, que já constituem uma marca registrada da artista. Usados verticalmente no céu, por exemplo, ou, na horizontal, num curso de água, dão às imagens que cria um interessante dinamismo. Feitos sobre o fundo, quebram a monotonia e estabelecem uma relação de empatia estética com o observador. O manejo com a cor, que também exercita na confecção de mosaicos, é um passo decisivo para que conquiste seu espaço não apenas no universo Naif, mas no rol dos artistas paulistas e brasileiros que transformam o cotidiano e a infância na matéria-prima de criações memoráveis.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- BUMBA MEU BOI;
- FAZENDINHA;
- QUINTAL;



ARTISTA: Rodrigues Lessa

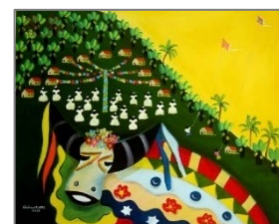
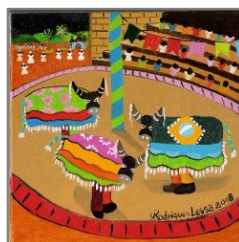
BIOGRAFIA: “Nascido em Tupã, Estado de São Paulo, no dia 6 de abril de 1972, foi registrado como **Adilson Rodrigues Coelho**, no entanto, assina seus quadros apenas como **Rodrigues Lessa**.

Duas grandes viagens foram decisivas para o seu desenvolvimento de trabalho: o período que passou em Cuba, fazendo um curso de Teatro, durante um mês no final dos anos 1990, e a excursão ao Estado da Bahia, com destaque à cidade de Ilhéus, que foi como um chamamento para que ele iniciasse sua pintura. Depois que conheceu a Bahia, impressionado pelas cenas e cores que viu, começou a pintar sem nenhuma pretensão, apenas por uma vontade que não conseguia dominar.

Nunca fez um curso de pintura, as pessoas experientes classificam seu trabalho como Naif, que seria, um primitivo mais elaborado, pensado e requintado. O ser humano é o seu maior interesse. Assim, os trabalhadores, os lavradores, as lavadeiras, são constantes em suas telas. Dificilmente um trabalho seu não traz uma figura humana.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- BUMBA MEU BOI;
- FARRA DO BUMBA MEU BOI;
- FESTA NO MORRO;
- FESTA JUNINA;
- CRIANÇAS E FESTA JUNINA;
- TOCANDO FORRÓ MEDIDA;



ARTISTA: Naif Nerival (grifo meu)

BIOGRAFIA: “Primeiro, ele faz o céu; depois, a terra; seus sulcos, as árvores, os frutos e, finalmente, os homens e mulheres que colhem aquilo que a natureza produz. Não se trata de uma parábola da Bíblia, mas da forma como o pintor **Nerival Rodrigues**

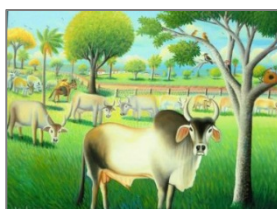
realiza suas obras, principalmente as plantações de café, tema que já tratou em cerca de 500 telas.

Ex-retirante, o artista já realizou 6 mil telas, sendo que aproximadamente 2500 estão no exterior, principalmente na Alemanha e no Japão, com imagens de plantações de tipicamente nacionais, como o mencionado, o café, o abacaxi e a cana, além de temas folclóricos e alguns sobre temas urbanos.

Nascido em Garanhuns, PE, em 1952, Rodrigues trabalhou na lavoura até os 16 anos e, desde os nove, na hora do almoço, embaixo de uma árvore, rabiscava com gravetos a terra que ajudava a sulcar. Mais tarde, passou essas imagens e experiências de infância para seus quadros.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- BOI GUZERÁ;
- CASA DE CABLOCOS;
- COLHEITA DE ALGODÃO;
- FESTA JUNINA;
- SÍTIO;
- COMUNIDADE;



ARTISTA: Papas Stéfanos

BIOGRAFIA: “**Papas Stéfanos** (Rhodes, Grécia, 1948). Pintor e escultor. Cresce na ilha de Rodhes, onde desde cedo demonstra interesse por arte e arqueologia. Chega ao Brasil em 1956. Autodidata, inicia sua carreira artística por volta de 1959, desenhando e fazendo esculturas em terracota. No final da década de 1960, volta à sua terra natal para estudar as técnicas de pintura acadêmica. Em 1982, instala um ateliê em Goianira, Goiás, e ali desenvolve seu trabalho artístico, que revela o lirismo do universo rural através das paisagens e festas populares, como nas obras *Festa na Roça* (s/d) e *Festa Junina* (1991).”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- FESTA NA ROÇA;
- FESTA JUNINA;

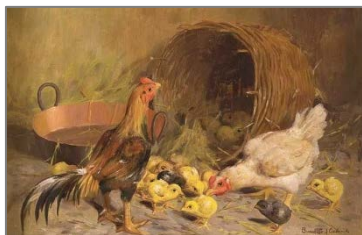


ARTISTA: Benedito De Andrade

BIOGRAFIA: “**Benedito José de Andrade** nasceu em Cabreúva – SP, em 1906. Pintor e músico, estudou no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, na década de 1920, onde foi aluno de Enrico Vio, Vigianni e Paneli, produzindo durante as décadas de 1930 e 1940. Além da pintura, dedicou-se também à música, tocando violino e piano. Foi na década de 1940 que o artista se interessou pela pintura de aves, com a qual ficou conhecido, pois, neste campo, ele era o único em sua época. Benedito de Andrade faleceu em 1979, na cidade de São Paulo.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- GALO, GALINHA E PINTINHOS;
- COMÍCIO DO PAPAGAIO;



ARTISTA: Tercília dos Santos

BIOGRAFIA: “**Tercília dos Santos** nasceu em Florianópolis, no ano de 1953 e atualmente é reconhecida como uma pintora Naif brasileira.

Começou a pintar somente em 1990, logo expondo seus trabalhos. Sua pintura remete à infância, com grande riqueza de cores. Em 1996 conquistou o *Prêmio Aquisição* na Bienal Brasileira de Arte Naif de Piracicaba. Artista plástica apontada pela crítica como a grande revelação da pintura Naif de Santa Catarina. Seus quadros através de figuras totalmente coloridas, em acrílico sobre tela, registram o colorido rural do Estado. As cores quentes e traços primitivos de Tercília dos Santos voltam a ser evidência em Florianópolis.

Sem abandonar a linguagem simples e detalhista de mostrar cenas rurais por meio da arte, Tercília não apresenta pretensão de impressionar, apesar de ser considerada a maior artista Naif de Santa Catarina, mantém a simplicidade de seu viver no pintar.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- OS JARDINS DA INFÂNCIA;
- MENINAS;



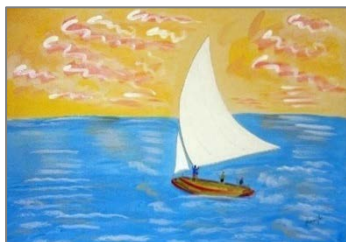
ARTISTA: Oscar Araripe

BIOGRAFIA: “Oscar Araripe Ferreira nasceu no Rio de Janeiro – RJ, em 1941. Na década de 1960, estuda na Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro; frequenta seminários na Harvard University, Estados Unidos, com bolsa da Interamerican University Foundation; e faz curso na Universidade Pró Deo, Itália.

Após longa carreira como escritor, tradutor, crítico de teatro, editorialista cultural, colunista e redator, começa a pintar como autodidata usando papel vegetal e tela sintética (vela náutica). Em 1975, participa do evento Poemação, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ). Em 1994, abre ateliê e galeria pessoal em Tiradentes, Minas Gerais. Expõe no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 1992; no Museu Regional de São João del Rei, Minas Gerais, 1995; entre outros. Em 2002 abre nova galeria pessoal na Cidade Histórica, em Porto Seguro, Bahia, onde passa também a residir.”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- JANGADA EM ALTO MAR;
- CASA AZUL E AMARELA;



ARTISTA: Vanessa Lima

BIOGRAFIA: “Vanessa Lima se intitula como fotógrafa, artesã e artista plástica, sendo independente e diz não se prender ao modismo. Realiza a interpretação das artes de maneira bem pessoal, utiliza cores vibrantes que, segundo ela, expressam toda sua liberdade de criação. A frase que acompanha Vanessa Lima é: “Pinto o que gosto, e gosto de pintar!”

MERGULHO EM SEU UNIVERSO ARTÍSTICO:

- BUMBA MEU BOI.



Totalizando, a partir das informações divulgadas por alguns/algumas colaboradores/as via e-mail, foram cerca de vinte e seis artistas estudados. Um detalhe que despertou bastante atenção foi o baixo protagonismo feminino. Em seu texto, ‘Enxurrada de Possibilidades’¹⁵ Ribeiro introduz o tema contando uma história que aborda “a morte da justiça”, que segundo ela desencadeou a escrita de José Saramago sobre o “adormecimento” social, convidando as pessoas para refletirem “sobre as injustiças em nosso mundo”. De acordo com Ribeiro, Saramago convida as pessoas para levantar questionamentos e ela levanta-os sobre a omissão de artistas mulheres na história da arte. A escritora Jallageas (2000), em seu texto ‘Respostas mínimas a questões máximas: sobre a (in)visibilidade da mulher artista na história da arte’¹⁶, apresenta-nos uma pesquisa que visa compreender questões que perpassam o mundo feminino e as artes: “As mulheres trabalharam como artistas no passado?”, “Qual o contexto geral em que trabalharam essas mulheres artistas?”, enfim, o que se sabe é que na maioria das vezes, as mulheres eram musas inspiradoras para o processo criativo, ou seja, utilizando a ideia de Vygotsky (1997), pode-se dizer que as mulheres eram a inspiração para a “fantasia cristalizada” dos homens artistas. Em última análise, conforme Loponte (2010), constata-se que a arte é um terreno aparentemente livre, de pura expressividade e autonomia criativa, porém é um campo minado por relações de poder.

¹⁵ ‘Enxurrada de Possibilidades’ é um texto de autoria da professora aposentada Cláudia Maria Ribeiro e encontra-se disponível no Museu Imaginário das Águas, Gênero e Sexualidade. Acessar em: <http://imaginariodasaguas.com.br/enxurradaPossibilidades.htm>

¹⁶ O texto ‘Respostas mínimas a questões máximas: sobre a (in)visibilidade da mulher artista na história da arte’, encontra-se disponível na íntegra no espaço Museu Imaginário das Águas, Gênero e Sexualidade: Inundado de Saberes.

Retomando aos artistas estudados para que ocorresse o desague das artes no 145º FSMEI, foram apresentados/as, conforme mencionado anteriormente, um total de vinte e seis artistas, sendo que dentre eles/elas, dezoito eram homens e apenas nove mulheres. Ainda existe certa resistência, sendo ela consciente ou até mesmo inconsciente, para se destacar mulheres como protagonistas das artes. Em seu texto ‘Enxurrada de Possibilidades’, Ribeiro salienta que no Brasil, os museus exibem coleções em que existem várias obras pintadas por mulheres e constata isso:

Anita Malfatti (1889 - 1964) e Tarsila do Amaral (1890 - 1973), inspiradas na brasilidade, contribuíram para renovar a arte brasileira. Djanira (1914 - 1979) participou em 1942 do Salão Nacional de Belas Artes e apresentou obras produzidas a partir de suas viagens pelo interior do Brasil. Outras artistas: Lygia Pape (1927 - 2004); Lygia Clark (1920 - 1988), Monica BARKI (1956), Fayga Ostrower (1920 - 2001), Malu Fatorelli (1956), Ana Bella Geiger (1933), Iole Freitas (1945) dentre tantas outras, têm histórias interessantes de se contar. E esta é uma provocação para quem lê. Que outras mulheres têm histórias e estão mudando o rumo da história? (RIBEIRO, s.d., Museu Imaginário das Águas, Gênero e Sexualidade)

Ribeiro nos leva a perceber que existe atuação das mulheres na arte, porém, finaliza o texto nos instigando a refletirmos sobre o assunto em pauta. Partindo desse questionamento, suscita outros: será que dentre todos/as os/as “artistas renomados”, a maioria ainda são de homens ou as mulheres, apesar de terem conquistado muita coisa, não recebem o mesmo olhar? Seria possível uma abordagem na qual tivéssemos ao menos metade de homens e a outra metade de mulheres? Infelizmente, em pleno século XXI, apesar de muitas mudanças, ainda é notório a falta de valorização do mercado artístico para o público feminino.

Outra questão que merece ser pontuada nesse processo foi a necessidade dos trabalhos, relatórios, atividades e textos, antes de serem entregues para uma análise/avaliação, passarem por uma correção mínima. Em muitos desses materiais disponibilizados pelas equipes das Escolas e CMEIs, foram encontrados erros de concordância, ortografia e formatação. De igual modo identificamos cópias segundo as quais as pessoas não se deram ao trabalho nem de retirar grifos, negritos e/ou notas de rodapé, fazendo com que o texto perdesse o sentido. Isso é muito preocupante, pois estamos falando de educadores e educadoras. É óbvio que erros são cometidos no processo, ao passo que cometemos falhas, mas isso pode contribuir para o descrédito da

classe profissional. Como diz Scussel (2018), “ninguém está livre de cometer gafes, mas algumas podem se transformar em faltas graves e repercutir de forma bastante negativa”.

Em face do exposto, convido-lhes a refletir sobre a seguinte alegoria: imagine você sonhando com uma viagem em alto mar. Surge então uma possibilidade, mas informam a você que o ‘capitão’ responsável por comandar o navio, nunca se quer entrou em um, ou seja, completamente inexperiente e sem conhecimento para navegar e comandar essa viagem. Você entraria nessa embarcação? Concebemos que esse descuido em relação à produção escrita e registro compromete, pelo menos em parte, o trabalho coletivo desenvolvido. Assim, defendemos que qualquer parte do processo do trabalho docente é importante e pode produzir efeitos diversos, inclusive os referentes à desvalorização profissional.

Não queremos aqui culpabilizar (ou mesmo realizar uma caça às bruxas) os/as profissionais envolvidos/as, mas apenas sublinhar a importância da formação continuada nesse contexto, a fim de impedir que conteúdos e informações inconsistentes sejam socializadas. Sendo assim, identificamos incompatibilidade no material encaminhado que tratava da artista ‘Lourdes de Deus’, no que diz respeito as informações acerca do número de obras trabalhadas e imagens enviadas. De igual modo, houve ainda uma troca de obras e nome de artistas que, apesar de contemplarem características e técnicas muito semelhantes, estavam incompatíveis: uma obra da artista Luciana Severo havia sido encaminhada como se fosse do artista Romero Brito. O último ‘descuido’ identificado refere-se ao nome de um artista em específico, uma vez que onde estava escrito “Naif Nerival” deveriam ter colocado “Nerival Rodrigues”. Vale salientar que Naif¹⁷ caracteriza-se pela arte baseada no uso da criatividade e utilização de elementos simples, sendo assim, considerada como uma técnica utilizada pelo artista e não o nome do mesmo.

Outro detalhe observado foi o fato de que, em alguns depoimentos e narrativas, deparamo-nos com nomes de artistas que possivelmente foram estudados, porém não mencionados na lista enviada. Um caso que podemos citar é referente ao artista ‘Airton Marinho’ e suas obras.

Em outros e-mails encaminhados, foram mencionados o objeto da fantasia cristalizada, quais os/as artistas e as relativas turmas em que foram abordados/as

¹⁷ Também nomeada como arte primitiva ou ingênua ‘a Arte Naif’ é um estilo artístico de carácter popular e simples, retratando temas cotidianos e relacionados a cultura popular dos lugares que é produzida. Uma arte baseada no uso da criatividade aliada a elementos simples, caracterizando-se por apresentar cores brilhantes e contrastes, traços inspirados em pinturas infantis, contornos definidos com bastante precisão e a ausência da noção de perspectiva.

pedagogicamente. Com intuito de darmos procedimento, seguem diferentes abordagens significativas que merecem destaque em nossa análise, como é o caso explicitado por DCMC, que mencionou o Currículo de Minas Gerais:

“Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, no cotidiano escolar possibilita às crianças vivenciar as diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais, a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras” (Brasil, 2018). Com este pensamento e com a proposta do Fórum Sul Mineiro, montamos o planejamento de junho abordando as artes visuais, plásticas e as danças que permeiam as festas juninas no Brasil de norte a sul (DCMC – Participante e colaboradora para o desenvolvimento do 145º FSMEI).

Um questionamento “pairou sobre o ar”: será que as produções, manifestações, atividades e demais ações reverberaram após o Fórum? Alguns/mas disseram que sim, de modo que mantiveram a continuidade das propostas desenvolvendo mais atividades com artes na Educação Infantil, porém, também recebemos relatos, como o de MRS que alegou:

Nem sempre encontramos tempo pra fazer essas coisas diferentes devido a demanda de atividades que temos para trabalhar com as crianças. A cobrança é muito grande. O que me deixa mais triste é pensar que infelizmente, em uma grande maioria dos casos, funcionários efetivos acham que não precisam fazer nada diferente e isso acaba atrapalhando todo o processo. Como contratada, sinto um peso muito grande quando chegam com esses projetos para serem desenvolvidos, pois acho que acaba sobrando muita coisa para as contratadas fazer (desculpe o desabafo) (MRS – colaboradora para o desenvolvimento do 145º FSMEI).

Em sua fala, MRS apresenta algumas dificuldades e desafios em ser ‘contratada’ e, principalmente, aborda o fato de que a demanda de atividades para se “trabalhar com as crianças”, juntamente com a cobrança, é muito grande. De certa forma fica evidenciada a dificuldade em desenvolver e, quem sabe, continuar a atuando com “esses projetos” durante o ano letivo.

Retomamos a narrativa de DCMC relativa ao tema escolhido e intitulado para o projeto da Escola - “A arte pinta na festa junina de norte a sul do Brasil” – visto que após realizarem a escolha do tema, foram pesquisados/as os/as artistas que retratavam essas festividades para que pudessem ser apresentados às crianças, para que posteriormente fossem “trabalhadas e realizadas as releituras, bem como “os ensaios juninos com base

em cada região brasileira e suas culturas”. DCMC apresentou que os principais artistas escolhidos e ‘trabalhados’ foram: “Romero Brito, Aracy, Rodrigues Lessa e em sua fala salientou manifestando-se ao dizer que não poderia deixar de comentar sobre o entusiasmo das educadoras que posteriormente fora “transferido para as crianças quando elas iniciaram os ‘trabalhos’ em sala. DCMC apontou que os principais “*artistas escolhidos e trabalhados*” foram Romero Brito, Aracy e Rodrigues Lessa, manifestando-se que não poderia deixar de comentar sobre o entusiasmo das educadoras que igualmente fora “*transferido para as crianças*” quando elas iniciaram as atividades.

Iniciou-se com a apresentação das obras, a escolha dos materiais a serem utilizados, a observação da tela, a dramatização da cena ali pintada, algumas dançaram, outras imitaram as formas através de mímicas e cantinhos com objetos que compunham a tela (DCMC – participante e colaboradora para o desenvolvimento do 145º FSMEI).

Mais uma vez é possível observar a presença da fantasia cristalizada por meio da “*observação da tela, a dramatização da cena ali pintada, sendo que algumas dançaram, outras imitaram*”. Além disso, a depoente completou seu depoimento explicitando “*quais foram as turmas responsáveis pelo trabalho*”, as obras (objetos da fantasia cristalizada) e as técnicas escolhidas e utilizadas para a criação:

- *Maternal III A – Obra: Bumba meu Boi – Artista: Alice Masiero – Técnica: pintura e colagem de vários papéis;*
- *Maternal III B – Obra: Bumba meu Boi – Artista: Rodrigues Lessa – Técnica: colagem de papéis, areia colorida, tecidos (texturas diferentes) e pintura;*
- *1ª etapa A – Obra: Festa de São João – Artista: Alfredo Volpi – Técnica: pintura, colagens e desenho livre;*
- *1ª etapa B – Obra: Festa Junina – Artista: Rodrigues Lessa – Técnica: pintura e colagens;*
- *1ª etapa C – Obra: As Casas – Artista: Alfredo Volpi – Técnica: pintura, desenho e colagem;*
- *2ª etapa A – Obra: Festa Junina – Artista: Romero Britto – Técnica: pintura e colagens de papéis e tecidos;*
- *2ª etapa B – Obra: Fachada – Artista: Alfredo Volpi – Técnica: pintura, colagem e desenho;*
- *2ª etapa C – Obra: Crianças e Festa Junina – Artista: Rodrigues Lessa – Técnica: desenho, pintura e colagem;*
- *2ª etapa D – Obra: Tocando Forró Medida – Artista: Rodrigues Lessa – Técnica: pintura, colagem e desenho;*
- *2ª etapa E – Obra: Festa Junina – Artista: Aracy – Técnica: pintura e desenho. (DCMC – participante e colaboradora para o desenvolvimento do 145º FSMEI).*

Ainda pela via do e-mail foram encaminhados alguns relatos de educadoras que se alegaram o fato da experiência do projeto ter sido significativa em termos de aprendizagem, como podemos observar no discurso de RAP: “*crianças que não conseguiam se expressar através do desenho, se sentiram tão motivadas, que desenharam lindamente.*” Em outro depoimento, a educadora LCF afirmou ter notado, a partir das releituras, que as crianças “*usaram sua criatividade e interagiram com os colegas*”, sendo que isso fez toda a diferença. Para além da escuta dos/as educadores/as envolvidos com o Fórum, conseguimos colher alguns depoimentos de familiares e responsáveis pelas crianças:

Eu como mãe achei muito interessante a forma como foi trabalhado as artes e a festa junina. Minha filha estava toda animada com as pinturas feitas. É muito gratificante ver que o trabalho realizado pela escola torna as crianças mais criativas, desenvolvendo-as de forma gradual e constante (AFE – mãe de aluna da Educação Infantil)

Com esse trabalho, minha filha surpreendeu, cantou, dançou até o final da festa. Sua timidez foi embora (R ACS – pai de aluna)

Todos os dias, meu filho chegava entusiasmado em casa, contando o que estava fazendo. Empolgado pra levar os materiais recicláveis pedidos, para confeccionar as obras e também os acessórios da festa Junina (DMRM – mãe de aluno).

É possível notar o entusiasmo e o contentamento nos dizeres desses familiares, na medida em que vislumbram a possibilidade de crescimento e desenvolvimento de seus filhos/as por intermédio das artes. Ao percorrermos essa multiplicidade de produções e mediações pedagógicas, corroboramos com Almeida (2020) quando afirma que no trabalho com a primeira infância, o fazer artístico não é algo que ocorre isoladamente. Ele engloba: controle corporal, percepção, motricidade, sentir, ver, ouvir, pensar, falar, ter segurança e ter confiança, para que a criança possa se movimentar e experimentar. E que ela retorne ao adulto, tenha contato e crie junto. O importante é ter um adulto por perto, coparticipando e não controlando. Conforme o autor, ao incentivarmos as descobertas, questionamentos e experiências com cores, traços, texturas, expressões, as crianças tornam-se capazes de reconhecer-se e valorizar as diferenças.

Em seu depoimento, a colaboradora identificada como GCC exemplifica tal questão por meio de uma proposta pedagógica optando por utilizar uma obra que considerou pertinente para a idade das crianças que lecionava, com o adendo de

“trabalhar as obras que tivessem haver com os festejos juninos”. Assim, ela preferiu escolher uma obra que tinha frutas, pois era o que estava abordando no momento em sala, ou seja, resolveu “*unir o útil ao agradável*”. Ainda em seu discurso, a educadora revela perceber o fato de que:

Muitos professores não oportunizam o fazer ‘concreto’ para as crianças, ficando presos as atividades xerocadas. Acho que esse seria um dos principais motivos que me fazem acreditar que esse tipo de trabalho é extremamente importante, pois acaba ‘obrigando’ quem prioriza apenas o xerox, a fazer diferente (GCC – colaboradora para o desenvolvimento do 145º FSMEI)

Nesse sentido, Gobbi e Pinazza (2014), ao defenderem determinados pressupostos do trabalho didático-metodológico baseado nas experimentações, remetem-se à abordagem da criança cientista-artista, razão pela qual podemos dizer que arte, ciência e infância “encontram-se imbricadas em descobertas do mundo pelas crianças e pelos adultos, sem um modo hierarquizado de conceber o mundo e os processos de criação e experiências que o compõem indistintamente” (p. 41).

Nessa esteira de análise, a Coordenadora identificada como TBM mencionou que no CMEI onde ela atuava, “*o trabalho foi desenvolvido por meio de releitura das obras de artistas que retrataram as festas juninas*”. Para tanto, foram apresentados/as para as crianças do CMEI “*obras de Romero Britto, Aracy de Andrade, Alfredo Volpi, Airton Marinho e a arte de Cordel*”. Segundo ela, muitas e variadas foram as técnicas utilizadas pelos/as professores/as e monitores/as, de modo que “*as crianças ficaram encantadas com tantas cores e demonstraram participação efetiva no desenvolvimento das atividades*”. No decorrer de sua narrativa, TBM alegou ter percebido que:

As professoras ficaram preocupadas com os trabalhos que seriam expostos no Fórum, mesmo diante das orientações que deveriam ser apresentados os trabalhos das crianças. Pude observar que isso levou a tentativas de concretizar as obras de forma que estas fossem apresentáveis dando apenas um toque especial no acabamento. Algumas sentiram-se verdadeiras artistas, pois o trabalho não se estendeu apenas as crianças, mas em uma reunião de módulo que as professoras puderam fazer a releitura de algumas obras através da pintura (TBM - Coordenadora Pedagógica de CMEI no município de Lavras-MG).

Grandes foram os desafios, porém, ficou evidenciado que um número significativo de docentes aprendeu muito com o processo, inclusive a se encontrarem como ‘artistas’.

Ocorre que essas experiências formativas acabam retroalimentando o fazer pedagógico de educadores/as por intermédio das vivências compartilhadas nos momentos de formação continuada.

Outro ponto latente de destaque foram as solicitações e os desejos de participar do Fórum, apesar de terem contribuído e feito parte do processo, muitos/as destacaram o fato de não terem tido a oportunidade de participar dos encontros e demais eventos. Muitas das vezes, de acordo com os relatos, por conta dos horários que não são compatíveis, ou seja, o que acaba sendo no mínimo um contrassenso ético-político em relação ao aspecto da formação. A Coordenadora Pedagógica do CMEI deixou registrado sua sugestão mediante ao dilema abordado anteriormente:

Em relação ao dia do fórum gostaria de deixar como sugestão que aconteça em um dia que todos possam participar, pois todas gostariam de estar presentes, mas não foi possível pelo fato de o CMEI estar em funcionamento. Assim, não puderam apreciar a grandeza de conhecimentos que aconteceu neste dia. Outra sugestão é que este possa acontecer com maior duração, pois o tempo foi muito curto. (TBM - Coordenadora Pedagógica de CMEI no município de Lavras-MG)

Para além da discussão no tocante aos tempos e espaços de formação, observou-se em inúmeros depoimentos a presença constante das palavras ‘capacitação e trabalho’. Mas, afinal, o que compreendemos por ‘capacitação’ e o que seriam esses referidos ‘trabalhos’ tão mencionados nos depoimentos?

As narrativas das pessoas envolvidas no que diz respeito a utilização dos termos mencionados, podem ser concebidas como uma ‘linguagem inadequada’, haja vista que a palavra sempre nos escapa, nos denuncia. De acordo com Motta (2015), o contexto linguístico faz toda diferença, sendo ele “a circunstância em que ocorre o ato de comunicação” (p. 32), pois é constituído por elementos linguísticos e não linguísticos (local, época, assunto, os interlocutores, as relações sociais ou profissionais envolvidas). Em última análise, consideramos os usos do termo trabalho, dado que se o adequarmos ao seu contexto linguístico, refletindo sobre o local, o assunto e as pessoas envolvidas, podemos destacar o fato de que crianças em instituições educativas não deveriam ‘trabalhar’, mas brincar, aprender e interagir (BNCC, 2017).

No que se refere a utilização constante da palavra capacitação, cabe mencionar que não é condizente com o referencial teórico apresentado nesta dissertação, tendo em vista que os vários autores e autoras utilizados/as (CAMPOS, 2010; FREIRE, 2001;

PIMENTA, 2002; GATTI, 2003; NÓVOA, 1992) assumem esse processo como formação continuada. Esse tipo de formação utilizada na pesquisa, foi inundada por um tsunami de artistas que, conforme sinalizam os relatos interpretados nessa seção, subsidiaram aprendizagens, experiências, enfrentamentos, medos, dilemas, dentre tantas coisas mais. No capítulo adiante iremos nos deparar com os ‘efeitos’ dessa enxurrada de expressões artísticas ao tomarmos contato com as produções das crianças.

7. ARTISTAGEM... DE QUEM, PARA QUEM, COM QUEM: CRIANÇAS COMO PROTAGONISTAS NAS/DAS ARTES.

Embarcando em uma viagem rumo ao passado, nos deparamos com vivências, acontecimentos e histórias. Ao abordarmos questões referentes às crianças e suas infâncias devemos nos atentar para alguns detalhes. Um exemplo disso é citado por Cunha (2005) ao afirmar que a criança foi considerada um ser diferente do adulto, com características, necessidades e desejos próprios, apenas no início do século XVIII. Buscácio (2009, p. 11) destaca que nesta época existiam dois modos das crianças viverem aquela fase da vida: “as que conviviam com a nobreza e as que estavam diretamente ligadas as classes populares, ou seja, os camponeses”. Dessa maneira, subentende-se que as oportunidades, vivências, experiências, conhecimentos e culturas compartilhadas entre essas crianças eram completamente distintas. Mas se pensarmos assim, surge o seguinte questionamento: o que será que mudou? Somado a tal indagação, ainda nos deparamos com as diferenças de classe, experiências sociais de gênero, sexualidade, raça, etnia e de ordem geracional. Vamos por partes!

O conceito de criança vem sofrendo mudanças ao longo do tempo, seja em contextos sociais e/ou de épocas diferentes, não se apresentando de forma homogênea. Isso significa que ainda é possível encontrar variações do “ser criança e da sua infância” em um mesmo local, dado que a “infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças, corresponde à consciência da particularidade infantil” (ARIÈS, 1981, p.156). Ou seja, o significado de infância corresponde as características singulares das crianças em relação aos seus modos de agir, pensar e ser, sendo completamente diferentes do mundo adulto. A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico que faz parte de uma organização familiar, inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico, sendo profundamente marcada pelo social que se desenvolve, mas que possui capacidades e também marcas. Atualmente, pode-se dizer que somos capazes de perceber as crianças como seres pensantes, que possuem suas próprias necessidades e vontades, lançando assim um novo olhar sobre elas

Depois dessa pequena viagem no tempo situando as concepções de criança e infância, agora embarcaremos na apresentação do conceito de artistagem. Ocorre que o consideramos muito potente para podermos analisar as produções artísticas desenvolvidas com as crianças no processo de formação continuada promovido pelo Fórum. De acordo com Sandra Corazza (2002), essa abordagem “tem a intenção de se referir ao fazer

artístico sem ser artista, ou seja, uma prática que procura o não-sabido, o não-olhado, o não-pensado, o não-sentido, o não-dito” (p. 19). Esse conceito vem se tornando uma questão latente para o ensino que conecta a filosofia e a arte, tendo em vista a aproximação ao pensamento e ao conhecimento. Dessa maneira, pode-se dizer que a artistagem é toda e qualquer experimentação artística e filosófica, realizada por qualquer indivíduo (crianças, jovens, adultos, artistas, alunos, filósofos, etc), que busca o não-pensado no pensamento.

Nesse sentido, a Coordenadora Pedagógica identificada como TBM relatou que percebe “*o trabalho com artes na Educação Infantil sendo uma atividade essencial que pode proporcionar tanto a criança quanto ao professor um prazer*”, concebendo que esse tipo de ação deve ser oportunizada de maneira a possibilitar que a criança se sinta capaz de criar, por meio de diferentes técnicas, sua própria arte.

VLBB, supervisora pedagógica de outra cidade e participante do 145º FSMEI, mencionou que um detalhe a deixou intrigada, isto é, foi o fato de que ela ouviu dizer, “*mais de uma vez sobre a importância de permitir e valorizar o que é feito pelos nossos pequenos*”. Contudo, ela observou que “*as obras apresentadas no salão não foram feitas pelas crianças*”. Em face do exposto, é preciso enfatizar que a colocação de VLBB tem uma importância fundamental na reflexão acerca do processo de planejamento e desenvolvimento das ações, haja vista que faltou divulgação, no momento do evento, sobre como foram conduzidas as ações que reverberaram na artistagem de educadores/educadoras e, principalmente, permitindo com que as crianças se tornassem protagonistas das/nas artes.

Conforme observado em muitos depoimentos, inclusive já mencionados anteriormente, tudo começou com a formação dos/as profissionais da educação que, durante as reuniões de módulo II, participaram de oficinas que permitiram com que fizessem releituras com intuito de aprender como mediar as interações das crianças com as artes. Posteriormente, as atividades realizadas juntamente com as crianças foram registradas e anexadas em caixas enfeitadas por elas. Em síntese, o depoimento da RFD apresenta brevemente o que foi efetivamente realizado pelas crianças do Maternal II, que ela era a responsável:

Nós escolhemos trabalhar com a artista Tercília dos Santos. O trabalho foi feito pelas crianças do Maternal II... Elas enfeitaram as caixas de papelão utilizando guache, palitos de picolé, rolinhos de papel higiênico, tampa de marmite e palha. Foi lindo ver que houve muito interesse em participar.

Eles se sentiram tão importantes. (RFD – Professora colaboradora para o desenvolvimento do 145º FSMEI)

A colaboradora GTA relatou um pouco do passo a passo e suas impressões dizendo que nunca imaginava “*ser tão gratificante trabalhar com artes. Cada momento foi mágico*”. A turma em que atuava, escolheu em comum acordo qual artista e obra seriam estudados/as. Depois de realizada a escolha, a educadora responsável introduziu o conteúdo por meio de uma história que abordava o artista e a obra escolhida de ‘forma lúdica’. Segundo GTA, o maior desafio foi “*retratar a obra em uma caixa de papelão onde todas as crianças ajudaram*” (grifo meu), “*apesar de ter sido divertido, foi uma atividade diferente e intensa*”, que despertou o interesse e certa euforia de todas as crianças. Resumidamente, “*deu trabalho, mas valeu a pena*”.

JMDO mencionou o fato de que realizar atividades com releituras permitiu que as crianças pudessem entrar em contato com o mundo das artes de maneira direta e participativa. Antes de mais nada, JMDO comentou que foram apresentados, por meio de contação de histórias e teatro, os/as artistas que seriam estudados/as. Cada educador/a, juntamente com as crianças da turma, realizaram uma votação para a escolha da obra que gostariam de fazer a releitura. Após a escolha das obras, realizou-se o levantamento de todos os detalhes para que, a partir daí, fossem iniciadas as produções até chegar ao resultado final.

Outra narrativa que despertou a atenção foi a de DFJA quando abordou o fato de que as artes não se limitam apenas ao pintar e desenhar, envolvendo também a abordagem sobre as diferentes culturas, músicas, danças... Essa abordagem é fundamental, visto que precisamos ressignificar a(s) arte(s) para as crianças, mostrando que é possível ser artista dançando, cantando, pintando, esculpindo ou demonstrando o seu poder de criação independente de qualquer situação.

FRBG teceu um comentário bastante pertinente sobre a questão da mediação pedagógica, ao passo que, segundo ela, as orientações recebidas caminharam no sentido de fazer “*junto com as crianças, de maneira a ajuda-las*”, porém, mencionou saber “*que tem professora que ajuda até demais, as vezes chega a fazer pela criança, mas pelo que eu entendi era pra deixar as crianças ‘colocarem a mão na massa’*”. Pode-se dizer que ainda existe uma cultura escolar enraizada e bastante latente que impede alguns/algumas educadores/as de confiar no potencial das crianças e permitir que o fazer artístico

aconteça, apegando-se estritamente a “cultura do belo e do considerado esteticamente perfeito”.

De um lado, foi possível constatar que parte das Escolas e CMEIs conseguiram encetar a participação das crianças no processo em sua totalidade, de outro, anotamos que ainda existem desafios e dilemas para que os pequenos sejam incluídos plenamente na produção artística e outras. O depoimento de BGT corrobora com tal reflexão, visto que que “as professoras se reuniram vários dias e escolheram (grifo meu) *Thaís Gomez. Estudaram sobre ela e sua obra e decidiram no grupo que a obra escolhida seria Noite de São João. Deu tudo certo*”. Assim, fica evidenciado a contradição sobre o protagonismo das crianças em relação a escolha do que seria estudado e abordado. Quando a criança é inserida e lhes possibilitam interagir com o objeto do conhecimento fica notório que seu desenvolvimento (VYGOTSKY, 1987) se potencializa, facilitando sua formação à vida.

Após trazermos à tona algumas contradições no que diz respeito ao protagonismo dos pequenos, demonstrando que o processo não é homogêneo, a seguir serão apresentados registros de algumas artistagens por meio de imagens das caixas produzidas pelas crianças, com a mediação das/os docentes.



Fotografia 41. Breve chuvisco de algumas das releituras realizadas pelas crianças e expostas no 145° FSMEI.



Fotografia 42. O chuvisco persistiu e foi se tornando cada vez mais imponente nesse Fórum.





Fotografias 43, 44 e 45. O chuvisco acabou se transformando em uma tempestade de manifestações artísticas.

Tendo em vista a produção apresentada, cabe destacar que quanto maior for a diversidade de “situações para a troca, mais oportunidade a criança terá de elaborar suas próprias ideias. Quanto mais se amplia e enriquece seus conhecimentos, mais a criança amplia e enriquece a atividade criadora” (RIBEIRO, 1996, p. 39).

A atividade criadora, segundo Vygotsky (1987), tem estreita relação com a variedade de experiências vividas pela criança, conforme o excerto:

La actividad creadora de la imaginación se encuentra en relación directa con la riqueza y la variedad de la experiencia acumulada por el hombre, porque esta experiencia es el material con el que erige sus edificios la fantasía (p. 17)

O contexto cultural do qual a criança participa e as práticas sociais historicamente constituídas chegam até ela pela mediação dos/as educadores/as. As muitas obras de arte apresentadas fizeram com que as crianças mergulhassem nessa rica experiência acumulada pela humanidade. No processo de releitura criaram outros objetos – as caixas – que trouxeram a força do novo!

A educadora ASF apontou que foram utilizadas técnicas como “*pinturas, desenhos, colagens...*” para que os pequenos pudessem desenvolver a releitura da obra ‘Bumba meu boi’ da artista Vanessa Lima:



Obra 1. “Bumba meu boi”
Vanessa Lima



Fotografia 46. Releitura
da obra “Bumba meu boi”

A obra ‘Bumba Meu Boi’, do artista Rodrigues Lessa e, ao lado, a releitura realizada pela turma do Maternal III B, que utilizou técnica de “*colagem de papéis, areia colorida, tecidos (texturas diferentes) e pintura*” (DCMC), além das miniaturas confeccionadas com material reciclado “*potinhos de danoninho e retalho*”.



Obra 2. “Bumba Meu Boi”
Rodrigues Lessa



Fotografia 47. Releituras
da obra “Bumba Meu Boi”

Para além disso, a educadora LMDL ressaltou que no CMEI, partindo das orientações recebidas, os/as educadores/as resolveram “*criar um ‘Livro Artístico Sensorial’ e uma ‘Caixa dos Sentidos’*” que, de acordo com ela, tinha como principal objetivo oportunizar uma “*gama de possibilidades e descobertas*” às crianças. A depoente ainda evidenciou o fato de que “*o melhor momento foi o ‘fazer artístico’*”. Tanto na instituição de NDM quanto na de LMDL, o artista escolhido foi Alfredo Volpi. Abaixo, deixamos registrado algumas obras e releituras:



Obra 3. “Barco com
Bandeirinhas e Pássaros”
Alfredo Volpi



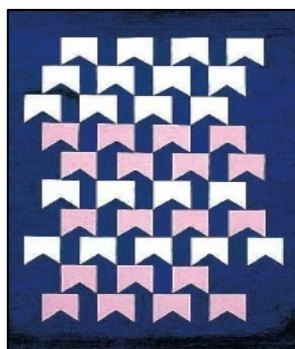
Fotografia 48. Modelo I
de Releitura da obra
“Bandeirinhas e Pássaros”



Fotografia 49. Modelo II
de Releitura da obra
“Bandeirinhas e Pássaros”



Fotografias 50 e 51. Modelo
III e IV de Releitura da obra
“Bandeirinhas e Pássaros”



Obra 4. “Bandeirinhas”
Alfredo Volpi



Fotografia 52. Releitura
da obra “Bandeirinhas”



Obra 5. “Bandeiras e Mastros”
Alfredo Volpi



Fotografia 53. Releitura da
obra “Bandeiras e Mastros”

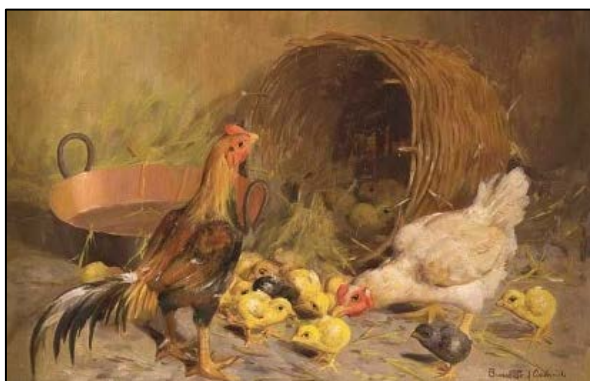


Obra 6. “Grande Fachada Festiva”
Alfredo Volpi



Fotografia 54. Releitura da obra
“Grande Fachada Festiva”

De acordo com MP, esse Fórum proporcionou uma reflexão envolvendo as artes como expressão sensível na qual *“a criança consegue manifestar sua realidade que a cerca, bem como o seu estado emocional”*. A educadora sublinhou o fato de que quando as releituras foram oportunizadas *“a criança entrou em contato com o mundo da arte de forma participativa”*, podendo ampliar seu senso criativo, desenvolver suas habilidades e perspectivas culturais. A seguir, mais algumas obras (objetos da fantasia cristalizada) e releituras realizadas junto às crianças da Educação Infantil:



Obra 7. “Galo, Galinha e Pintinhos”
Benedito De Andrade



Fotografia 55. Releitura da obra
“Galo, Galinha e Pintinhos”



Obra 8. “O Vendedor de Frutas”
Tarsila Do Amaral



Fotografias 56 e 57. Releituras distintas
da obra “O Vendedor de Frutas”



Obra 9. “Aviões de Papel”
Ivan Cruz

Fotografias 58. Releitura da
obra “Aviões de Papel”



Obra 10. “Fazendinha”
Alice Maciero



Fotografias 59. Releitura da
obra “Fazendinha”



Obra 11. “Sítio”
Nerival Rodrigues



Fotografias 60. Releitura da obra “Sítio”



Obra 12. “A Grande Quadrilha”
Lourdes De Deus



Fotografias 61. Releitura da obra “A Grande Quadrilha”



Obra 13. “Galo Amarelo, Vermelho e Azul na Grama”
Gustavo Rosa

Fotografia 62. Releitura da obra “Galo Amarelo, Vermelho e Azul na Grama”



Em última instância, podemos salientar que essa trajetória envolvendo a formação continuada, o planejamento das intervenções e as produções das crianças que foram descritas e interpretadas nesta pesquisa se mostraram, a partir dos relatos produzidos pelos/as envolvidos/as, interessantes do ponto de vista da afetação, plurais no plano das singularidades das instituições e docentes participantes, ou mesmo, não-lineares na perspectiva da busca cartográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: “PONTO DE CHEGADA... MAS TAMBÉM DE POSSÍVEIS PARTIDAS!”

Em diferentes navegações, sendo elas remotas ou não, encontramos sempre pontos de partida e chegada. Mas quem disse que o ponto de chegada também não pode ser considerado um ponto de partida? Cada pessoa escolhe suas próprias rotas, trajetórias, o seu ir e vir. Muitas vezes, o caminho que uma pessoa escolhe trilhar é diferente do que a outra considera como interessante, necessário e/ou importante, mas nada impede de que você embarque em uma nova aventura partindo de onde o outro chegou.

Com a pesquisa em tela, o ponto de partida delineou-se em desvendar o efeito da formação em artes para educadores e educadoras, partindo do contexto envolvendo o 145º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil e, com isso, apresentar o desague das artes em tal contexto. Para o destino final, esperava-se que fosse possível revelar se as artes podem ser consideradas como um processo relevante na formação continuada de educadores/as da Educação Infantil. Contudo, não satisfeita em finalizar apenas neste destino, mergulhei em águas profundas para descobrir se as referidas ações estimularam e incentivaram a continuação de ações e propostas pedagógicas, desvelando se ambientes como os encontros dos/nos FSMEI são importantes subsídios na formação, informação e despertar de educadores e educadoras.

Em meio ao vasto oceano de possibilidades encontradas no material empírico, (entrevista, anotações tecidas no diário de bordo, e-mails com depoimentos, registros fotográficos...), foi possível deslindar que os estudos em artes são, sem sombra de dúvidas, um processo de grandiosa relevância, não apenas nas formações continuadas de educadores e educadoras, mas também durante todo o processo que deve envolver as crianças da Educação Infantil, ou seja, durante toda a trajetória dessa gigantesca viagem chamada ensino-aprendizagem. Foi possível perceber em muitos depoimentos que as dúvidas existem, a insegurança e o medo se fazem presentes, mas a partir das ações desenvolvidas, tudo se tornou mais claro, possibilitando o vislumbrar de um horizonte diferenciado. Inicialmente, as ações e atividades que foram desenvolvidas entre educadores/as, para que posteriormente fossem realizadas entre educadores/as e crianças, visto que foi a partir desse momento, por assim dizer, com ‘as mãos na massa’, que alguns/algumas profissionais compreenderam a importância de se permitir o fazer da

criança, pela própria criança, sendo o/a adulto/a um/a mediador/a das ações, outros/as não conseguiram romper com isso.

Mediante a pergunta inicial da pesquisa: “quais foram os processos de formação continuada de educadores/as da Educação Infantil envolvendo a temática das artes, decorrentes do 145º FSMEI”, vale ressaltar a ideia da utilização do tempo e espaço reservados para os Módulos II que, de acordo com alguns/algumas educadores/as, nem sempre são bem aproveitados, mas com as oficinas direcionadas à contextualização do/para o 145º FSMEI, tudo ganhou novo sentido e significado, tornando-se satisfatória a participação. As oficinas ministradas, em um primeiro momento, oportunizaram aos/às educadores/as o ‘fazer artístico sem serem artistas’, em segundo plano, produziram juntos/as com as crianças ao longo do processo pedagógico e, por fim, tivemos o desague das artes no 145º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil.

Conforme destacado, não satisfeita em parar por aí, continuei navegando rumo à investigações que permitiram revelar se as formações continuadas estimularam e incentivaram a continuidade dessas ações e propostas pedagógicas. O entusiasmo perante essas experiências ganhou destaque nos dizeres de muitos/as educadores/as, porém, é importante ressaltar que o efeito formativo, digamos assim, não reverberou em uma continuidade no trabalho com as artes por parte de algumas instituições pesquisadas. A condução dessas ações, poderiam ter afetado de maneira muito mais profunda e significativa as instituições e os/as docentes envolvidos/as, encetando diferentes abordagens utilizando as artes e suas expressões na Educação Infantil.

Outro questionamento inicial delineou-se a partir da seguinte indagação: “de que maneira ambientes como os encontros dos/nos FSMEI podem servir como esteio à formação, informação e despertar de educadores e educadoras?”. Nessa direção, podemos identificar nos depoimentos que todo o investimento na formação continuada e desenvolvimento do encontro, por um lado, produziu experiências formativas exitosas, por outro, revelou questões desafiadoras em relação à participação plena dos/as educadores e crianças no próprio encontro.

Como observado, a partir do método cartográfico foi possível percorrer os caminhos de maneira rizomática e envolvente, perpassando por todos os momentos que envolveram o processo de formação dos/as educadores/as do município de Lavras-MG, os desafios e conquistas das ações desenvolvidas com as crianças. Com efeito, as releituras que oportunizaram a artistagem de adultos e, principalmente, dos/as pequenos/as, permitindo com que eles/as se tornassem, em grande proporção,

protagonistas das/nas artes. Foi possível a partir do contexto do 145º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil, perceber que apesar dos desafios que surgem, as dificuldades e anseios que nos assombram, mas que existem inúmeras possibilidades para oportunizar e garantir maior visibilidade às realidades e vivências de contextos que envolvam as crianças da Educação Infantil.

Caminhando para o final da nossa viagem, apontamos como perspectiva de pesquisas futuras, de igual modo salientando os limites dessa dissertação, a necessidade de que outros Fóruns sejam investigados, já que cada município tem características próprias e os temas também causam efeitos diversos. Além disso, outro caminho possível refere-se a tentativa de escutar as crianças diante de um processo interventivo que altera, de algum modo, o seu cotidiano na instituição, haja vista o FSMEI perscrutado por nós. Chamou a atenção e merece investimento de pesquisadores/as da educação o tempo pedagógico para o desenvolvimento das ações dos Fóruns, o lugar das/os 'monitoras/es' no processo educativo dos pequenos e, até mesmo, alguns dilemas e representações que dizem respeito ao desenvolvimento de uma pedagogia da participação com crianças.

Ao chegar em meu destino final, olho para trás e enxergo os itinerários e rotas tracejadas tentando responder ao problema de pesquisa e os principais questionamentos que foram surgindo, salientando que algumas questões foram problematizadas e outras ainda se encontram em aberto. Ao se sentir curioso/a, questione as suas certezas e encontre outros possíveis percursos, mas não deixe de embarcar em grandes navegações, rumo ao desconhecido para poder conhecer e, conseqüentemente, desbravar. Quem sabe, com os resultados dessa pesquisa e as inúmeras possibilidades de abordagem que ela proporcionou, transforme-a em um objeto da fantasia cristalizada e acabe embarcando, navegando e desembarcando em outras rotas. Sigamos rumo a próxima viagem, na busca de cartografar novas experiências e mapas diferenciados.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1993.
- AGUIAR, Lisiane Machado. As potencialidades do pensamento geográfico: a cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual. *In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Caxias do Sul, RS – setembro de 2010.
- ALMEIDA, Breno Alvarenga. **O que provoca o encontro das crianças com as artes na educação infantil?** Essa é fácil Breno, a gente é tudo diferente! 2020. 171 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2020.
- ANDRADE, Fábio Ramos Dias de. Terremotos e tsunamis no Japão. **Revista USP**, São Paulo, n.91, pág. 16-29, setembro/novembro 2011.
- AMARAL, Analú Sant'Ana Lopes do. O Apoio Pedagógico Especializado como estratégia de ensino. **Estadão - Educação**. Agosto de 2015. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-poliedro/32/>>. Acesso em: setembro de 2019.
- ANDRÉ, Marli. Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174-181, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/8075/5719>>. Acesso em: março de 2021.
- ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 2ª ed., 1981.
- AUGRAS, Monique: **O que é tabu**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo/ Porto Alegre: Perspectiva/Fundação Ioschpe, 1991.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais/ Ana Mae Barbosa (org.) – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2010.**
- BARBOSA, Ana Amália Tavares Bastos. **Releitura, citação, apropriação ou o quê?** Ana Mae Barbosa (org.) – 3ª ed. São Pulo: Cortez, 2010.
- BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância**. Coleção InterAções, São Paulo: Blucher, 2012. ISBN 978-85-212-0678-1.
- BARCELOS, Valdo Hermes de Lima; FLEURI, Reinaldo Matias. Antropofagia cultural brasileira e educação ambiental – a construção da reciprocidade antropofágica no Brasil e partir do contexto latino-americano. **Revista Espaço Pedagógico: Educação Intercultural**, Passo Fundo, v. 17, n. 2, p. 267-278, jul /dez 2010.
- BARROS, Laura Pozzanna de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana (Orgs).*

Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Diário de Bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V. e ESCÓSSIA, L. (Orgs). **Pistas do método da cartografia.** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** 17.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

BITTENCOURT, Jane. EDUCAÇÃO INTEGRAL NO CONTEXTO DA BNCC. e-Currículo – **Programa de Pós-Graduação em Educação:** Currículo, v.17, n.4, (2019)

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994. p. 150 a 172.

BONDÍA, Larossa Jorge: **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, Universidade de Barcelona - Espanha, nº 19, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 12 de setembro de 2015.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, v.1, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/** Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, SEB 2010. ISBN 978-85-7783-048-0

BRASIL. **Currículo Referência de Minas Gerais: Arte/** Webconferência I: A Arte no Currículo Referência de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, maio de 2019. Disponível em: <http://www.semed.betim.mg.gov.br/uploads/arquivo/a_arte_no_curriculo_referencia_de_minas_gerais.pdf>. Acesso em: julho de 2020.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.** Brasília/ MEC/ SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em abril de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e Brincadeiras de creches:** manual de orientação pedagógica/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC/SEB, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação Infantil. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>>. Acesso em: outubro de 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Consulta Pública. Brasília: MEC, CONSED, UNDIME, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>

abase/#infantil/os-objetivos-de-aprendizagem-e-desenvolvimento-para-a-educacao-infantil>. Acesso em: 17/07/2019.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: **Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>>. Acesso em: outubro de 2019.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Arte**. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996. São Paulo: Saraiva, 1996.

BRASIL. Congresso. Senado. Resolução nº 443, de 2001. Dispõe sobre a Educação Infantil no Sistema Estadual de Ensino de Minas Gerais e outras providências, tendo em vista o inciso V do artigo da Lei Federal 9394/96. **Educação Infantil no Sistema Estadual de Ensino de Minas**. Brasília/DF, dezembro de 1996.

BRASIL, **Currículo Referência de Minas Gerais**: uma construção coletiva. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2018. Disponível em: <<https://curriculoreferencia.educacao.mg.gov.br>>. Acesso em: maio de 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. **Professor da Pré-Escola Vol. I**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1991. ISBN 85-222-0250-8.

BUSCÁCIO, Alana Máximo. **A importância de contar histórias para crianças da Educação Infantil**: um olhar diferenciado. 2009. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS, Lavras, 2009.

CAMILO, Camila; VASCONCELLOS, Alice; RATIER, Rodrigo. Todo aluno é um artista. **Nova Escola**, CAPA Arte, Fundação Victor Civita, ANO 30, nº 281, abril de 2015.

CAMPOS, Jane Gatti de. Teia do saber: um projeto de formação continuada. **SUZANO, Revista Interfaces**, Ano 2, nº 2, outubro de 2010. ISSN 2176-5227.

CANTELI, Rachel. **As Consequências de Beijar o Filho na Boca**. RR, Psicanálise, Psicologia e Psicopedagogia, 2015. Disponível em: <<http://rrclinicapsi.com.br/as-consequencias-de-beijar-o-filho-na-boca/>> Acesso em: 22 de junho de 2015.

CARABALLO, Alba. **Beijar a boca dos bebês, sim ou não?** Guia Infantil, OJD, Polegar Medidos S.L. Disponível em: <<http://br.guiainfantil.com/blog/bebesbeijar-a-boca-dos-bebes-sim-ou-nao/>> Acesso em: 22 de junho de 2015.

CARDOSO, Livia de Rezende; PARAÍSO, Marlucy Alves. Possibilidades de uma metodologia alquimista para pesquisar em educação e em currículo. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.11 n.01, abr.2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>>. Acesso em: julho de 2019.

CASTRO, Ana. **Beijar a criança na boca confunde o papel dos pais**. UOL. Uol Mulher, Gravidez e filhos, São Paulo, 2014. Disponível em: <

e-filhos/noticias/ redacao/2014/11/06/beijar-a-crianca-na-boca-confunde-sobre-papel-dos-pais.htm> Acesso em: 22 de junho de 2015.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault** – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução: Ingrid Müller Xavier. Revisão técnica: Alfredo Veiga Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CASTRO, Eline. **A Importância da Literatura para o Desenvolvimento da Criança**. 2008. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/1155823>>. Acesso em: 02 jul.2009.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHEDID, Kátia. **Neurociência e aprendizagem: além dos cinco sentidos**. 2016. Disponível em: <www.infogeekie.com.br>. Acesso em janeiro de 2021.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Mitos, sonhos, costumes, gestos. Formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio. 1998.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10ª Ed. São Paulo: Ática, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisa-ensino: o “hífen” da ligação necessária na formação docente. **Araucárias: Revista do Mestrado em Educação**. FACIPAL, Palmas, v.1, n.1, 2002.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: do capitalismo à esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v.1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Introdução: Rizoma**/ Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Texto extraído de *Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia)*, v. 1, Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**./ Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DOMINGUES, Glauber Resende. O silêncio n(o ensino d)a arte: algumas reflexões. *In: 37ª Reunião Nacional da ANPEd*, UFSC -Florianópolis, 04 a 08 de outubro de 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. Fundação Carlos Chagas: São Paulo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, novembro de 2001.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

FÓRUM SUL MINEIRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL. **Carta de Princípios**. Universidade Federal de Lavras – UFLA, 2019. Disponível em: <http://www.ded.ufla.br/forumsulmineiroinfantil/index.php/carta_principios/>. Acesso em: julho de 2019.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira. **Pontos Cardeais: Norte, Sul, Leste e Oeste**. Brasil Escola Serviços em Informática Ltda - Escola Kids/ Geografia, Aparecida de Goiânia/GO, 2013. Disponível em: <<https://escolakids.uol.com.br/geografia/pontos-cardeais.htm>>. Acesso em: outubro de 2019.

FRANCO, Cláudia Neves; VENEZA, Jackelyne Corrêa. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. **Cadernos PDE – Artigos - Versão On-line**, v. I, 2013. ISBN 978-85-8015-076-6.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996/2001.

FREITAS, Michele Martinenghi Sidronio de. **Tsunami**. Plataforma “InfoEscola – Navegando e Aprendendo”. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/geografia/tsunami/>>. Acesso em: julho de 2020.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores**. Para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999.

GATTI, Bernardete A. **Formação continuada de professores: a questão psicossocial**. Cad. Pesqui. [online] 2003, n.119, pp.191-204. ISSN 1980-5314. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742003000200010>.

GOBBI, Márcia Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato. **Infância e suas linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014.

GOULART, Maria Inês Mafra. Conhecimento do mundo natural e social: desafios para a educação infantil. **Revista Criança do Professor de Educação Infantil**, Brasília nº 39: p. 25-29, abril 2005.

GUATTARI, Felix. **Caosmose: um novo paradigma estético**/ Félix Guattari; tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. – São Paulo: Editora 34, 2012. ISBN 978-85-85490-01-0.

HERNANDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre. RS. Mediação, 2007.

HOLANDA, Chico Buarque de. **Todos juntos**/Chico Buarque. Letras, Músicas, 1977. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/86066/>>. Acesso em: outubro de 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2001. **História da Cartografia**, Atlas Escolar. Disponível em: < <https://atlascolar.ibge.gov.br/conceitos-gerais/historia-da-cartografia/a-era-dos-descobrimientos-sec-xv-a-xviii.html>>. Acesso em julho de 2020.

IMBERNÓN, Francisco. **La formación y desarrollo profesional del profesorado**: Hacia una nueva cultura profesional. Barcelona: Graó, 1994.

INTERNACIONAL DYSLEXIA ASSOCIATION. **O que é dislexia**. Associação Brasileira de Dislexia - ABD. Definição Adotada pela IDA – Internatinal Dyslexia Association, 2002. ABD – setembro de 2016.

ISER, Wolfgang. O ressurgimento da estética. *In*: ROSENFELD, Denis Lerrer et al. **Ética e estética**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

JALLAGEAS, Neide. Respostas mínimas a questões máximas: sobre a (in)visibilidade da mulher artista na história da arte. **XXIII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação** – INTERCOM, 2000.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. As múltiplas linguagens na educação infantil. **Pátio Educação Infantil**, vol. 8, Porto Alegre: Artmed, 2005.

KOCHHANN, Andréa. et al. O PERFIL DO PROFESSOR E SUA ATUAÇÃO: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA EM CURSOS DE FORMAÇÃO. **IV Seminário de Integração**: XIII Semana de Letras, XV Semana de Pedagogia e I Simpósio de Pesquisa e Extensão (SIMPEX). Educação e Linguagem: (re)significando o conhecimento”, 2015.

KRAUSE, Maggi; VICHESSI, Beatriz; SILVA, Wellington Soares. Caderno BRINCAR: Propostas práticas para brincadeiras inclusivas na Educação Infantil. Associação **NOVA ESCOLA**, 1ª edição, São Paulo, 2019.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Gênero, Artes Visuais e Docência. *In*: Anais do **Seminário Internacional Fazendo Gênero 7**. UFSC, Florianópolis, SC, 2010. Disponível em: < www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/L/Luciana_Gruppelli_Loponte_33.pdf>. Acesso em março de 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1 ed.; 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAIA, Janaína Nogueira: **Concepções de criança, infância e educação dos professores de educação infantil**. Universidade Católica Dom Bosco/ UCDB, Campo Grande – MS, 2012. Disponível em:< <http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/11459-janaina-nogueira-maia.pdf>>. Acesso em: 13 de Setembro de 2015.

MARQUESIN, Denise Filomena Bagne; FERRAGUT, Laurizete Ferragut. Narrativa como objeto de estudo: Aportes Teóricos. **Revista Múltiplas Leituras**, v.2, n.2, p. 219-237, 2009.

MARQUESIN, Denise Filomena Bagne; PASSOS, Laurizete Ferragut. Narrativa como objetivo de estudo: Aportes Teóricos. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 2, n. 2, Ano 2009.

MARYANN, F. Kohl; KIM, Solga. **Descobrimos Grandes Artistas: a prática da arte para crianças**. Editora: Penso, nº 1, janeiro de 2011.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar**. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MATURANO, Ana Cássia: **Selinho não deve ser hábito frequente entre pais e filhos, diz psicóloga**. G1, São Paulo, Globo.com, 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1291790-5598,00-SELINHO+NAO+DE+VE+SER+HABITO+FREQUENTE+ENTRE+PAIS+E+FILHOS+DIZ+PSICOLOGA.html>>. Acesso em: 24 de junho de 2015.

MEC; SEF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/ RCNEI**. Brasília, v.3, 1998.

MELLON, Nancy. **A arte de contar histórias**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MENDES, Valéria: **Beijar a boca dos filhos é um mau costume?** Saúde Plena, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2014/10/16/noticia_saudeplena,150836/beijar-a-boca-dos-filhos-e-um-mau-costume.shtml>. Acesso em: 22 de junho de 2015.

MENDONÇA, Marília Fabiana Pires; CLEMENTE, Vanessa Maria da Silva: **As concepções de criança e infância como norteadoras de uma prática pedagógica**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, 2011. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/mariliapires7/as-concepcoes-de-crianca-e-infancia>>. Acesso em: 13 de Setembro de 2015.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Estruturas de Gestão Colegiada. *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil*. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrazil.com.br/estruturas-de-gestao-colegiada/>>. Acesso em: julho de 2020.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós- -críticas em Educação**. 1. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma Educacional Emergente**. São Paulo: Papyrus, 2004.

MORENO, Marianna. 50 frases de desafio para te incentivar a nunca desistir. **99 Frases**, sem data. Disponível em: <<https://www.99frases.com.br/frases-de-desafio/>>. Acesso em março de 2021.

MOTTA, Andréa. Adequação e Inadequação linguística. **Conversa de Português**, novembro de 2015. Disponível em: <<https://conversadeportugues.com.br/2015/11/adequacao-e-inadequacao-linguistica/>>. Acesso em: abril de 2021.

NOVA ESCOLA. Edição Especial, Grandes Pensadores: Artes visuais, dança, teatro e música devem ser abordados no ensino dessa disciplina, que se baseia na reflexão, na apreciação e na produção/ Neila Baldi. São Paulo: abril, v.2, n.10, agosto de 2006. ISSN 0103- 0116.

NOVA ESCOLA. Lenga-lenga: Diferentes hipóteses de escrita envolvidas em um mesmo projeto didático/ Mara Mansani, 2018.

NÓVOA, Antônio. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFISSÃO DOCENTE**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/4758>>. Acesso em: fevereiro de 2020.

NUNES, Larissa Soares; PAULA, Luciane de; BERTOLASSI, Thiago; NETO, Antônio Faria. A análise da narrativa como instrumento para a pesquisa qualitativa. **Revista Ciências Extras**, v. 23, n. 1, Ano 2017.

OLIVEIRA, Ana Arlinda; SPINDOLA Arilma Maria de Almeida. **Linguagens na Educação Infantil III – Literatura Infantil**. Cuiabá: Edufmt, 2008.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky - Aprendizado e Desenvolvimento. Um processo sócio-histórico. **Mestres da Educação**, s. Pensamento e Ação no Magistério, editora: Scipione, 1997. ISBN 9788526219366

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 3, p. 159-178, set./dez. 2012.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de. O currículo na educação infantil: o que propõe as novas diretrizes nacionais?/ FFCLRP-USP e ISE Vera Cruz, Anais do **I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais**, Belo Horizonte, novembro 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7153-2-1-curriculo-educacao-infantil-zilma-moraes/file>>. Acesso em dezembro de 2020.

PACIEVITCH, Thais. **Educação Infantil**. InfoEscola - Navegando e aprendendo. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/educacao/educacao-infantil/>>. Acesso em: 13 de Setembro de 2015.

PEREIRA, Marcos Villela; FARINA, Cynthia. Percepção, estética e formação: o sensível e a experiência do atual. In: SALES, José Albino Moreira de & FELDENS, Dinamara Garcia (org.). **Arte e filosofia na mediação de experiências formativas contemporâneas**. Fortaleza: EdUECE, 2013.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética e Educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido. **Professor reflexivo**: construindo uma crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil** lexivo no Brasil: lexivo no Brasil gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

PONTES, Cíntia. **Um olhar sobre a Arte**: Frases sobre Arte. Porto, 2008. Disponível em: <<https://umolharsobrearte.blogs.sapo.pt/989.html>>. Acesso em: outubro de 2019.

QUIXABEIRA, Jorge: **Conheça os vários tipos de beijos e seus significados**. UCMS, Categoria Curiosidades - 94752, Maio de 2011. Disponível em: <http://jorgequixabeira.ucoz.com/news/conheca_os_varios_tipos_de_beijos_e_seus_sig_nificados/2011-01-26-2229>. Acesso em: 12 de Setembro de 2015.

RAMOS, Roberto Carlos. **Roberto Carlos Ramos**: trajetória. 2009. Disponível em: <<http://www.robertocarloscontahistoria.com>>. Acesso em: 9 de ago. 2009.

RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos. Análise do discurso em pesquisas qualitativas da Educação Física. **Revista Augustos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 28, Ano 2009.

RIBEIRO, Cláudia Maria. Museu imaginário das águas, gênero e sexualidade. 2013. Disponível em: <<http://imaginariodasaguas.com.br>>. Acesso em: dezembro 2020.

RIBEIRO, Cláudia. **A fala da criança sobre sexualidade humana**: O dito, o explícito e o oculto/ Cláudia Ribeiro – Lavras-MG: Universidade Federal de Lavras; Campinas-SP: Mercado de Letras, 1996. ISBN 85 85725-25-7

RIBEIRO, Cláudia Maria: **Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil/ organizado por Cláudia Maria Ribeiro**. – Lavras: UFLA, p. 188, 2012.

RIBEIRO, Cláudia Maria. **Borbulhando enfrentamentos às violências sexuais nas infâncias no sul de Minas Gerais**. In: RIBEIRO, Cláudia Maria e ALVARENGA, Carolina Faria (Orgs.) Borbulhando enfrentamentos às violências sexuais nas infâncias do sul de Minas Gerais. Lavras: UFLA, 2016.

RIBEIRO, Vladimir Moreira Lima. O paradigma estético de Félix Guattari. Griot: **Revista de Filosofia**, v. 19, nº 1, p. 1-24, 2019.

RICHTER, Zuhaira Indira; OLIVEIRA, Andréia Machado. Cartografia como metodologia: Uma experiência de pesquisa em Artes Visuais. **Paralelo 31**, ed. 08, julho 2017.

ROSSET, Joyce Menasce; WEBSTER, Maria Helena; FUKUDA, Joyce Eiko; ALMEIDA, Lucila. **Práticas comentadas para inspirar**: formação do professor de educação infantil/ Joyce M. Rosset [et al.]. – 1ª ed. – São Paulo: Editora do Brasil, 2017.

TREZZI, Clóvis; BERKENBROCK-ROSITO, Margarete May. **Fundamentos da educação estética na formação de professores**. São Paulo, v. 3, n. 2, 2010.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do educador**. 5 ed. Vozes, Petrópolis, 2002.

SANTOS, Simone. **Pôr do Sol**: Frases. Pinterest, 2019. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/simoneimsantos/frases/>>. Acesso em: outubro de 2019.

SCUSSEL, Andrea Heusi. Como identificar uma comunicação inadequada. **Comunicação e Elegância**, janeiro de 2018. Disponível em: <<http://andreascussel.com/comunicacao-e-elegancia/comunicacao-inadequada/>>. Acesso em: abril de 2021

SILVA, Tomás Tadeu da. **Teoria cultural e educação**: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **Obras escogidas**: fundamentos de defectologia, v. 5. Madrid: Visor, 1997.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. La imaginacion y el arte em la infância. Ensayo Psicológico. Ediciones y Distribuciones Hispánicas S.A. de C.V., 1987.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz. et al. Pesquisar exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do(a) pesquisador(a). **Movimento**, POA, v. 12, n. 2, Ano 2006.